

## PULP FICTION

Quentin Tarantino — diretor de *Cães de aluguel* e roteirista de *Amor à queima-roupa* — ganhou a Palma de Ouro de melhor filme no Festival de Cannes de 1994 com *Pulp Fiction*, sua visão muito especial do submundo, protagonizada por John Travolta, Uma Thurman, Bruce Willis, Samuel L. Jackson e Harvey Keitel. Extraíndo sua inspiração das populares e frequentemente sensacionalistas histórias de crime dos anos 30 e 40, Tarantino interpola três narrativas e põe em cena uma galeria de personagens fascinantes. Aqui estão dois matadores de aluguel de inteligência densa, um boxeador trapaceador em fuga, sua avoadora namorada francesa, o patrão criminoso dos matadores, sua exótica e toxicômana esposa e dois jovens amantes experimentando uma virada em suas vidas — em vez de assaltar lojas de bebidas, assaltar restaurantes. Recheado de humor cruel, diálogos afiados e ação adrenalizada, *Pulp Fiction* é mais do que um grande filme e magistral roteiro. É a visão privilegiada de um roteirista fervilhante de imaginação e talento do que é a Hollywood de hoje, com sua sombria cultura do crime.

Rocco

MIRAMAX

Buena Vista International, Inc.

ISBN 85-325-0536-8



9 788532 505361

ROCCO

PULP FICTION

Quentin Tarantino

# Pulp Fiction

Um roteiro de

TEMPO DE VIOLÊNCIA

Quentin Tarantino



Artemidia  
ROCCO

.....PULP FICTION

Título original  
PULP FICTION  
A Quentin Tarantino screenplay

Copyright © 1994, Quentin Tarantino

Direitos para a língua portuguesa reservados  
com exclusividade para o Brasil à  
EDITORA ROCCO LTDA.  
Rua Rodrigo Silva, 26 – 5º andar  
20011-040 – Rio de Janeiro, RJ  
Tel.: 507-2000 – Fax: 507-2244  
Telex: 38462 EDRC BR

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

preparação de originais  
ELISABETH LISSOVSKY

revisão  
WALTER VERÍSSIMO  
JOÃO HENRIQUE A. MACHADO

Tarantino, Quentin  
T186p Pulp fiction : (Tempo de violência) : um roteiro de Quentin Tarantino / tradução de Joana Mosella. — Rio de Janeiro : Rocco, 1995.  
(Artemídia)

Tradução de: Pulp fiction : a Quentin Tarantino screenplay

I. Pulp fiction (Filme). I. Título. II. Série.

95-0240

CDD - 791.4372  
CDU - 791.43

## Prefácio

Quentin Tarantino desembarcou no mundo do cinema como um direto de Sam Spade. Desde seu longa-metragem de estréia, *Cães de aluguel*, em 1992, esse ex-funcionário de videolocadora transformado em autor refinou brilhantemente os limites entre o quindim de cinemateca e a obra comercialmente viável, e no processo foi guindado a ponta de lança de toda uma geração de cineastas. *Pulp Fiction*, o mais recente filme de Tarantino, simplesmente confirma suas qualidades de uma das mais incendiárias vozes no cinema desde o advento de Martin Scorsese. História de vários casais, incluindo um chefe marginal e sua mulher, um par de matadores de aluguel e um boxeador azarado, o filme de Tarantino extrai seu título das revistas baratas, barrapessada, que surgiram na virada do século e eventualmente fizeram a fama de tipos durões como Dashiell Hammett e Raymond Chandler. A variação de Tarantino em torno do legado *pulp* é mais violenta e arrojada que a dos filmes clássicos adaptados da ficção detetivesca popular — criações de estúdio como *Relíquia macabra* ou *Pacto de sangue*, onde o sangue foi estancado e o sexo cozinhado em fogo brando. Em seus momentos mais enlouquecidos, *Pulp Fiction* pode ser interpretado como um híbrido demente dos romances água com açúcar femininos e as his-

..... 5

tórias em quadrinho de pancadaria, combinando partes iguais de amor idílico e borrifos de sangue. Como seu ídolo Jean-Luc Godard, o jovem escritor-diretor é um *pasticheur* e um relativista pop-cultural, tão à vontade com Elvis quanto com Pam Grier e Shakespeare. Apesar de todas as citações e gracinhas, no entanto, seria um erro considerar Tarantino como algo além de sua intrínseca invenção. Chacoalhante, dilacerante, espalhando sangue para todos os lados, o cinema visceral de Tarantino se inscreve na carne de homens e mulheres fora-da-lei, bem mais complexos do que seus estereótipos de submundo fariam crer. Na ficção barata de Tarantino, o estilo é ao mesmo tempo familiar, selvagem e pleno de frescor, enquanto as preocupações com violência, identidade sexual e, a mais provocante delas, raça, são profundas e, sem a menor sombra de dúvida, contemporâneas.

O gancho de *Pulp Fiction* pode ser a violência, mas a moral da história é que aqui até Deus tem seu lugar. Quando Jules, o matador criado por Tarantino, que vivencia uma intervenção divina, diz "Estou tentando de verdade ser um pastor", o milagre está no simples fato dele fazer a tentativa.

— Manohla Dargis.

*Pulp* (polpa).

1. Massa de matéria mole, úmida e informe.
2. Revista ou livro de tema sensacionalista, caracteristicamente impresso em papel grosseiro, sem acabamento.

*American Heritage Dictionary  
New College Edition*

#### 1. INTERNA — CAFETERIA — MANHÃ

*Uma cafeteria igual a tantas outras em Los Angeles. São cerca de nove horas da manhã. Embora o lugar não esteja exatamente apinhado, há um bom número de pessoas bebendo pacificamente café, mastigando bacon e comendo ovos.*

*Duas das pessoas a que nos referimos passarão a ser chamadas por nós de Mocinho e Mocinha. Mocinho tem um sotaque característico da classe trabalhadora inglesa e, como acontece com frequência entre seus conterrâneos, fuma como se estes fossem os últimos cigarros do mundo.*

*É impossível determinar a origem de Mocinha ou que idade tem; tudo o que ela faz parece contradizer o que fez imediatamente antes. Ambos estão num reservado. Seu diálogo tem o ritmo acelerado das gags de um programa humorístico de auditório.*

MOCINHO

— Esqueça, é fria. Estou de saco cheio dessa merda.

MOCINHA

— Você sempre vem com essa história, sempre a mesma lengalenga: nunca mais, estou cansado, é arriscado.

MOCINHO

– Eu sei que eu sempre digo isso. E tô sempre certo, mas...

MOCINHA

– ... vê se esquece isso tudo por um dia ou dois...

MOCINHO

– Claro, mas não estou mais nessa onda de deixar rolar, não alívio mais.

MOCINHA

– Sabe o que você parece quando começa com essa xaropada?

MOCINHO

– Pareço um cara sensato pra cacete.

MOCINHA

– Não, você parece um pato. (*imita um pato*) Quem, quem, quem, quem, quem, quem...

MOCINHO

– Pode sacanear à vontade, porque você não vai precisar ouvir isso nunca mais. Já que eu não vou ter que fazer isso nunca mais, você não vai ter que ouvir eu fazendo *quem* nunca mais.

MOCINHA

– Depois de hoje à noite.

*Os dois jovens riem, provocando uma pausa antes de recomeçarem.*

MOCINHO (*com um sorriso*)

– Exato. Tenho toda essa noite para fazer *quem*.

*Uma garçonete vem com um bule de café.*

GARÇONETE

– Alguém quer mais café?

MOCINHA

– Eu quero, obrigada.

*A garçonete serve a Mocinha. Mocinho acende outro cigarro.*

MOCINHO

– Pra mim tá legal.

*A garçonete se retira. Mocinho dá uma tragada. Mocinha deruba litros de creme e quilos de açúcar em sua xícara.*

*Mocinho volta ao assunto.*

MOCINHO

– O que eu estou querendo dizer é que do jeito que as coisas estão, a gente corre os mesmos riscos de um assalto a banco. Até mais! Bancos são a maior moleza! Os bancos federais não estão nem aí para impedir assalto. Eles têm o seguro, pra que perder tempo? Para assaltar um banco federal nem é preciso levar arma.

– Já ouvi até o papo de um cara que entrou num banco federal com um celular, passou o telefone para o caixa e o cara do outro lado da linha disse: “estamos com a garotinha desse cara, e se você não der todo o dinheiro pra ele, vamos matar ela”.

MOCINHA

– Deu certo?

MOCINHO

– Puta merda, se deu! Escuta: o babaca chega no banco com um telefone, nada de pistola, nada de fuzil, só com a porra de um telefone, limpa o lugar, e ninguém levanta a porra de um dedo para impedir.

MOCINHA

– Eles machucaram a garotinha?

MOCINHO

– Sei lá. Não devia ter garotinha nenhuma – a garotinha não tem a menor importância na história. O lance é que eles roubaram um banco só com um telefone.

MOCINHA

– Você tá a fim de roubar bancos?

MOCINHO

– Não estou falando que tô a fim de roubar bancos, só tô explicando que se a gente quisesse, a barra seria mais limpa do que o que a gente vem fazendo.

MOCINHA

– Então você não tá a fim de ser ladrão de bancos?

MOCINHO

– Não, esses caras acabam todos do mesmo jeito, ou mortos ou vinte anos em cana.

MOCINHA

– E nada de lojas de bebidas?

MOCINHO

– Porra, quê que eu tô falando? Nada de lojas de bebidas. Além disso, nem são mais aquela festa. Tem gringo demais dono de loja de bebida. Vietnamitas, coreanos, não falam a porra da nossa língua. A gente grita: "Aí, esvazia o caixa" e eles não entendem porra nenhuma. Levam tudo para o lado pessoal. Se a gente vai em frente, um desses filhos da puta vai acabar fazendo a gente apagar eles.

MOCINHA

– Eu não vou matar ninguém.

MOCINHO

– Também não tô a fim. Mas eles vão pensar a gente de um jeito que vai ser eles ou a gente. E se não forem os chinas, vão ser aqueles judeus velhos que têm lojas há quinze gerações de filhos da puta. Vovô Irving por trás do balcão com um trabuco. Tenta entrar numa loja dessas só com um telefone, pra você ver só. Vão tomar no cu, esquece, tamos fora.

MOCINHA

– Bem, então, qual é o lance, trabalhar?

MOCINHO (*rindo*)

– Nessa vida, tô fora.

MOCINHA

– Então qual é?

*Ele chama a garçonete.*

MOCINHO

– Garçom! Café!

*Vira-se para a garota.*

MOCINHO

– Esta biboca.

*A garçonete chega e serve Mocinho.*

GARÇONETE (*mal-humorada e ressentida*)

– Garçom é para homem.

*Ela sai.*

MOCINHA

– Aqui? Isso é uma cafeteria.

MOCINHO

– E daí, qual o problema? Ninguém rouba restaurantes, por que não? Nos bares, lojas de bebidas, postos de gasolina, podem explodir sua cabeça se você tentar. Restaurantes, não, a gente pega eles com as calças na mão. Ninguém está esperando um assalto, ou pelo menos nem tanto.

MOCINHA (*tentada pela idéia*)

– Aposto como em lugares como este o fator herói fica reduzido.

MOCINHO

– Correto. Igual aos bancos, esses lugares têm seguro. Os gerentes não estão nem aí, eles querem te ver pelas costas antes que você comece a acertar o jantar. As garçonetes não vão encarar nada por causa do caixa. Os cumins, suando a camisa por um e cinquenta a hora, tão se lixando se você está roubando o patrão. Os fregueses estão ali com a comida na boca sem entender o que está acontecendo. Num minuto estão comendo uma omelete, no seguinte tem um cara com a arma nos cornos deles.

.....

*Mocinha está cada vez mais entusiasmada. Mocinho continua, em voz baixa.*

MOCINHO

– Sabe, tive essa idéia na última loja de bebidas que a gente assaltou. Lembra dos fregueses entrando?

MOCINHA

– Claro.

MOCINHO

– Ah você teve a idéia de pegar a carteira de todo o mundo.

MOCINHA

– Ah-hã.

MOCINHO

– Grande idéia.

MOCINHA

– Obrigada.

MOCINHO

– Tiramos mais nas carteiras que no caixa.

MOCINHA

– É isso aí.

MOCINHO

– Muita gente vai a restaurantes.

MOCINHA

– Muitas carteiras.

MOCINHO

– Espertinho, não?

*Mocinha escrutina o restaurante de posse dessa nova informação. Vê todos os bacanas comendo, perdidos em conversas. A garçonete cansada, pegando os pedidos. Os ajudantes de garçom pra lá e pra cá, catando pratos. O gerente reclamando com o cozinheiro de alguma coisa. Um sorriso desponta no rosto de Mocinha.*

MOCINHA

– Bem sacado.

*(já dentro do clima)*

– Estou pronta, aqui, agora.

MOCINHO

– Lembre-se, igual antes, você controla o pessoal; eu os empregados.

MOCINHA

– Deixa comigo.

*Ambos sacam suas pistolas calibre 32 e depositam sobre a mesa. Ele olha para ela e ela sustenta o olhar.*

MOCINHA

– Te amo, Xuxu.

MOCINHO

– Te amo, Fofinha.

*E assim, Xuxu e Fofinha pegam suas armas e se levantam para assaltar o restaurante. A persona assaltante de Xuxu é de total controle profissional. Fofinha faz o gênero psicopata, dedo nervoso no gatilho, risco de bala perdida.*

XUXU (*gritando para todos*)

– Pessoal, vamos ficar frios que isso é um assalto!

FOFINHA

– Se um de vocês seus bundões se mexer, eu apago todos vocês seus filhos da puta! Entenderam?

*Corte para seqüência de créditos:*

PULP FICTION

## 2. INT. – CHEVY '74 (SE DESLOCANDO) – MANHÃ

*Um velho Chevy Nova 1974 branco, sujo, emérito bebedor de gasolina, desliza por uma rua de Hollywood coalhada de desabrigados. Nos bancos da frente, dois homens jovens – um branco, outro negro – vestindo ternos pretos com gravatas igualmente pretas. Eles atendem pelos nomes de Vincent Vega (o branco) e Jules Winnfield (o negro). Jules está ao volante.*

JULES

– Ok, agora me fala dos bares de haxixe.

VINCENT

— O que é que tu quer saber?

JULES

— Bom, o haxixe é legal, por lá, certo?

VINCENT

— É, é legal, mas não cem por cento legal. Quer dizer, tu não pode sair do restaurante, enrolar unzinho e começar a puxar ali mesmo. Eles esperam que tu faça isso em casa ou nos lugares certos.

JULES

— Pô, é isso que é um bar de haxixe?

VINCENT

— É, a coisa toda é mais ou menos assim: é legal comprar, é legal ter e, se tu for o dono do bar de haxixe, é legal vender. É legal portar, o que não faz muita diferença — agora, saca essa — porque se os tiras param você, é ilegal eles revistarem. Revistar é um direito que os tiras de Amsterdã não têm.

JULES

— Agora você matou a pau, cara. Pode apostar que eu vou lá.

VINCENT

— E tu vai aproveitar pra cacete. Mas quer saber o que é mais maneiro na Europa?

JULES

— O quê?

VINCENT

— As pequenas diferenças. A maior parte das merdas que a gente tem aqui, eles têm por lá, só que lá elas são um pouco diferentes.

JULES

— Por exemplo...?

VINCENT

— Bem, em Amsterdã a gente pode comprar cerveja no cinema. E não é em copo de papel, não. Eles te dão um

copo de vidro, como se fosse num botequim. Em Paris, a gente pode comprar cerveja no McDonald's. Tem outro lance, sabe como eles chamam aquele sanduichão com queijo?

JULES

— Não chamam Quarter Pound?

VINCENT

— Não, por causa do sistema métrico decimal esse nome não teria sentido pra eles.

JULES

— Como é que chama, então?

VINCENT

— Royale com queijo.

JULES (*repetindo*)

— Royale com queijo. E como é que eles chamam Big Mac?

VINCENT

— Big Mac é Big Mac mesmo, mas eles dizem *Le Big Mac*.

JULES

— E como é que eles chamam um Whopper?

VINCENT

— Não sei, não fui a nenhum Burger King. Mas sabe o que eles botam sobre as batatas fritas na Holanda, em vez de ketchup?

JULES

— O quê?

VINCENT

— Maionese.

JULES

— Puta que pariu!

VINCENT

— Eu vi com meus próprios olhos. E não é um pouquinho no ladinho do prato, não, é um porrão, afogando as batatas.

JULES

– Aargh!

*Corta para:*

### 3. INT. – CHEVY (MALA) – MANHÃ

*A mala do Chevy abre, Jules e Vincent remexem, tiram duas 45 automáticas, carregam e engatilham...*

JULES

– A gente devia ter fuzis pra esse tipo de serviço.

VINCENT

– Quantos caras tem lá em cima?

JULES

– Três ou quatro.

VINCENT

– Contando com o nosso?

JULES

– Não tenho certeza.

VINCENT

– Quer dizer que pode ter uns cinco caras lá em cima?

JULES

– Pode ser.

VINCENT

– A gente devia ter descolado uma porra de um fuzil.

*Eles batem a tampa da mala.*

*Corta para:*

### 4. EXTERNA – PÁTIO INTERNO DE PRÉDIO DE APARTAMENTOS – MANHÃ

*Vincent e Jules, capas de chuva gêmeas praticamente arrastando no chão, atravessam o pátio do que parece ser um prédio de apartamentos de Hollywood, estilo hacienda.*

*A câmera os acompanha.*

16 .....

.....PULP FICTION

VINCENT

– Como é o nome dela?

JULES

– Mia.

VINCENT

– Como ela e Marsellus se conheceram?

JULES

– Sei lá, do jeito que as pessoas costumam se conhecer. Ela era atriz.

VINCENT

– Será que ela fez alguma coisa que eu vi?

JULES

– Acho que o que ela fez de mais conhecido foi um piloto.

VINCENT

– O que é um piloto?

JULES

– Bem, sabe os seriados de tv?

VINCENT

– Eu nunca vejo tv.

JULES

– Bom, mas tu sabe que existe um troço chamado tv e que neles passam seriados?

VINCENT

– Sei.

JULES

– Bom, eles antes de fazer um seriado, fazem um programa piloto. Aí mostram pros caras que compram os programas e aí esses caras se gostam do piloto decidem se querem fazer mais programas daqueles. Tem uns que dão certo e viram seriados de verdade e outros que não dão e não viram nada. Ela foi atriz num que não deu em nada.

*Eles entram no prédio.*

..... 17



5. INT. – RECEPÇÃO (PRÉDIO DE APARTAMENTOS)  
– MANHÃ

*Vincent e Jules passam pela recepção e esperam no hall do elevador.*

JULES

– Se lembra do Antwan Rockamora? Meio crioulo, meio china, conhecido nas bocas como Tony Horror Show?

VINCENT

– É, acho que sim, meio gordo, certo?

JULES

– Eu não chamaria o *brother* de gordo. Ele tem, assim, um problema de peso. O que o negão pode fazer, ele é de Samoa, certo?

VINCENT

– Acho que sei de quem tu tá falando, que que tem ele?

JULES

– Bom, Marsellus fodeu ele legal. E o que o pessoal anda dizendo por aí é que foi por causa da mulher do Marsellus Wallace.

*O elevador chega, os dois homens entram.*

6. INT. – ELEVADOR – MANHÃ

VINCENT

– O que é que o cara fez, passou a mulher dele na cara?

JULES

– Na, na, na, na, na, na, nada disso.

VINCENT

– Então, o que foi?

JULES

– Ele fez uma massagem nos pés dela.

VINCENT

– Uma massagem nos pés?

*Jules acena a cabeça: "sim".*

VINCENT

– Só isso?

*Jules acena novamente: "sim".*

VINCENT

– O que que o Marsellus fez?

JULES

– Mandou uns caras cercar ele em casa. Arrastaram ele até a varanda do apartamento, jogaram ele do balcão. O negão caiu quatro andares. O jardim do prédio era coberto de vidro, como uma estufa – o negão caiu bem em cima. Ele ficou com um problema de fala, depois disso.

VINCENT

– Pô, cara, que sacanagem.

7. INT. – PRÉDIO, HALL DOS APARTAMENTOS –  
MANHÃ

*Steadicam em Jules e Vincent enquanto eles atravessam o hall em linha reta.*

VINCENT

– Mas uma coisa é certa, quem brinca com fogo, pode se queimar.

JULES

– Qual é?

VINCENT

– Não dá pra fazer uma massagem nos pés da noivinha de Marsellus Wallace.

JULES

– Tu não acha que ele exagerou?

VINCENT

– O Antwan podia não esperar *essa* reação, mas tinha que esperar *alguma* reação.

JULES

– Era só uma massagem nos pés, uma massagem nos pés não é nada, eu faço massagem até nos pés da minha mãe.

VINCENT

– É pôr as mãos na nova mulher de Marsellus Wallace de um jeito íntimo. É tão ruim quanto chupar ela – quer dizer, não, mas é mais ou menos a mesma jogada.

*Jules interrompe Vincent.*

JULES

– Epa...Epa... epa... pode parar. Chupar uma vagabunda, e fazer uma massagem nos pés de uma vaca não é a mesma coisa.

VINCENT

– Não é a mesma coisa, é a mesma jogada.

JULES

– Não é a mesma jogada. Olha, talvez o teu método de massagem seja diferente do meu, mas mexer nos pés de uma senhora, e enfiar a língua no seu sagrado buraquinho, não é a mesma jogada, não é o mesmo time, não é nem mesmo a mesma porra de esporte. Massagem nos pés não quer dizer porra nenhuma.

VINCENT

– Tu já massageou os pés de alguém?

JULES

– Não vá me ensinar a respeito de massagem nos pés – eu sou o fodão dos mestres de pés.

VINCENT

– Andou fazendo muitas?

JULES

– Pode apostar. Eu tenho a técnica cara, não faço cócegas nem nada.

VINCENT

– Tu já fez massagem nos pés de um cara?

*Jules olha longamente para Vincent – agora o outro o pegou.*

JULES

– Vai te foder.

*Ele começa a andar pelo hall. Vincent, sorrindo, vem um pouco atrás.*

VINCENT

– Quantas?

JULES

– Vai te foder.

VINCENT

– Será que você me faria uma massagem nos pés, acho que estou meio cansado.

JULES

– Cara, melhor parar, tô ficando puto. Esta é a porta.

*Os dois homens param em frente a uma porta com o número "49". Eles sussurram.*

JULES

– Que horas são?

VINCENT (*verificando o relógio*)

– Sete e vinte e duas da manhã.

JULES

– Ainda não tá na hora, vamos fazer uma horinha.

*Eles se afastam da porta, olhando um para o outro, ainda sussurrando.*

JULES

– Olha, só porque eu não quero fazer massagem nos pés de um homem, não dá direito ao Marsellus de jogar Antwan de um prédio numa merda de uma estufa, fodendo o jeito do negão falar. Isso é sacanagem, cara. Se um filho da puta fizesse isso comigo, era melhor que paralisasse logo meu rabo, porque eu mataria o filho da puta.

VINCENT

– Eu não estou dizendo que ele tava certo, mas tu tá dizendo que massagem nos pés não quer dizer porra nenhuma.

ma, e eu estou dizendo que quer. Eu já fiz um milhão de mensagens nos pés de um milhão de mulheres e todas queriam dizer alguma coisa. A gente faz de conta que não, mas quer dizer, sim. Este é que é o barato delas. Essa coisa sensual rolando e ninguém falando nada, mas a gente sabe e a mulher sabe, e o porra do Marsellus sabia, e Antwan devia saber muito bem. É a porra da mulher dele, cara. Ele não tem que achar graça nessa merda.

JULES

– É um ponto de vista interessante, mas vamos voltar aos nossos papéis.

VINCENT

– Como é mesmo o nome dela?

JULES

– Mia. Porque tu tá interessado na mulher do chefe?

VINCENT

– Bem, Marsellus está indo pra Flórida e enquanto ele tiver fora, quer que eu me encarregue de Mia.

JULES

– Se encarregue dela?

*Ele faz o gesto de uma arma com o dedo e a aponta contra a própria cabeça.*

VINCENT

– Não desse jeito! Sair com ela. Fazer ela se divertir. Não deixar ela se sentir sozinha.

JULES

– Você tem um encontro com Mia Wallace?

VINCENT

– Não é um encontro. É como levar a mulher de um colega seu ao cinema, uma coisa assim. É só... fazer companhia.

*Jules fica observando Vincent.*

VINCENT

– Pô, não é um encontro.

*Jules continua observando-o.*

VINCENT

– Eu não vou me comportar mal.

*Jules balança a cabeça e resmunga para si mesmo.*

JULES

– A putinha vai matar mais negões do que o tédio dela.

VINCENT

– O que que tu disse?

JULES

– Nada. Vamos voltar ao personagem.

VINCENT

– O que foi?

JULES

– Eu não disse merda nenhuma. Vamos voltar ao trabalho.

VINCENT

– Não me goza, tu disse alguma coisa, o que foi?

JULES (*referindo-se à missão*)

– Tá a fim de fazer o serviço?

VINCENT

– Quero que repita o que disse.

JULES

– Esta porta vai se abrir em trinta segundos, é melhor se controlar...

VINCENT

– Tá tudo sob controle...

JULES

– Uma porra que tá. Pára de pensar naquela vaca e se controla feito um profissional competente.

#### 8. INT. – APARTAMENTO (QUARTO 49) – MANHÃ

*Três caras jovens, obviamente nervosos, estão sentados a uma mesa com hambúrgueres, batatas fritas e copos de refrigerantes espalhados.*

Um deles destranca o ferrolho de cima da porta, abrindo-a, revelando Jules e Vincent parados na soleira.

JULES

– Oi pessoal. – Os dois homens escorregam para dentro. Os três carinhos pegos de surpresa são:

MARVIN:

*O jovem negro que abriu a porta e que à medida que a cena se desenrola, vai se esgueirando para um canto.*

ROGER:

*Um jovem e alourado surfista com um corte de cabelos que sugere uma revoada de gaivotas, que não diz palavra, e que está sentado à mesa com um hambúrguer na mão.*

BRETT:

*Um tipo branco, cara de c.d.f. com o cabelo armado. Vincent e Jules entram, as mãos nos bolsos. Jules é o encarregado do discurso.*

JULES

– Como é que é pessoal?

*Ninguém responde.*

JULES (para Brett)

– Será que tô viajando ou fiz uma pergunta?

BRETT

– Nós tamos bem.

*Enquanto Jules e Brett falam, Vincent se desloca para trás dos garotos.*

JULES

– Vocês sabem quem a gente é?

*Brett abana a cabeça: “não”.*

JULES

– Somos parceiros de seu sócio Marsellus Wallace, você lembra do seu sócio, né?

*Não há resposta.*

JULES (para Brett)

– Agora eu vou tentar adivinhar: você é Brett, certo?

BRETT

– Eu sou Brett.

JULES

– Eu achei que era. Bem, você lembra do seu sócio Marsellus Wallace, não lembra, Brett?

BRETT

– Lembro dele.

JULES

– Que bom. Parece que eu e Vincent pegamos vocês bem no meio do café, desculpe o mau jeito. Que que tu tá comendo aí?

BRETT

– Hambúrgueres.

JULES

– Hambúrgueres. A base de qualquer café da manhã nutritivo. Que tipo de hambúrgueres?

BRETT

– Cheesebúrgueres.

JULES

– Não, o que eu tô perguntando é onde é que tu comprou ele? McDonald's, Wendy's, Jack-in-the-Box, onde?

BRETT

– Big Kahuna Burger.

JULES

– Big Kahuna Burger. Aquele lugar que vende hambúrguer havaiano. Já me disseram que os hambúrgueres lá são ótimos. Nunca provei, que tal?

BRETT

– São legais.

JULES

– Se importa se eu provar o seu?

BRETT

– Não.

JULES

– O seu é esse aqui, certo?

BRETT

– É.

*Jules pega o sanduíche e tira um naco.*

JULES

– HUUUUUMMM, que sanduíche gostoso.

*(para Vincent)*

– Vince, tu já provou um Big Kahuna Burger?

VINCENT

– Não.

*Jules estende o Big Kahuna.*

JULES

– Quer um tasco? É mesmo uma delícia.

VINCENT

– Não tô com fome.

JULES

– Bem, se tu gosta de hambúrguer, tu tem que provar. Eu normalmente não como porque minha namorada é vegetariana. Então eu sou mais ou menos vegetariano, também, mas, cara, eu adoro o gosto de um bom hambúrguer.

*(volta-se para Brett)*

– Sabe como chamam o Quarter Pound com queijo na França?

BRETT

– Não.

JULES

– Conta pra ele, Vincent.

VINCENT

– Royale com queijo.

JULES

– Royale com queijo, sabe por quê?

BRETT

– Por causa do sistema métrico?

JULES

– Cara, temos que examinar o cérebro gigante de Brett. Tu é esperto pra caralho, é isso aí. O sistema métrico.

*(ele aponta para o copo com refrigerante)*

– Que que tem aí?

BRETT

– Sprite.

JULES

– Sprite, bom, se importa se eu tomar um pouco de sua deliciosa bebida pra empurrar esse sanduba pra baixo?

BRETT

– Claro que não.

*Jules pega o copo e dá um gole.*

JULES

– HUUUUUMMM, bem na mosca!

*(para Roger)*

– Aí, Bando de Gaivotas, sabe por que a gente tá aqui?

*Roger faz com a cabeça "sim".*

JULES

– Então por que não conta para o meu garoto aqui, o Vince, onde você escondeu aquela porra?

MARVIN

– Está debaixo da ca...

JULES

– Não me lembro de ter perguntado porra nenhuma a você.

*(para Roger)*

– Você dizia...?

ROGER

– Está debaixo da cama.

*Vincent vai até a cama, procura embaixo dela, puxa uma pasta de couro preto.*

VINCENT

– Tá na mão.

Vincent solta os dois fechos, abrindo a mala. Não dá para ver o que está dentro, mas percebe-se uma luz suave irradiando de seu interior. Vincent fica imóvel olhando para ela, petrificado.

JULES

– Tamos satisfeitos?

O petrificado Vincent não responde.

JULES

– Vincent!

Vincent ergue os olhos para Jules.

JULES

– Tamos satisfeitos?

Fechando a mala.

VINCENT

– Tamos satisfeitos.

BRETT (para Jules)

– Olha aqui, como é teu nome? O dele é Vincent, já sei, mas o teu, qual é?

JULES

– Meu nome é Inferno, e tu não vai tirar o cu dessa reta.

BRETT

– Eu só queria que você soubesse que sentimos muito pela merda que fizemos com o Sr. Wallace. Quando começamos esse troço, távamos com a melhor das intenções...

Enquanto Brett fala, Jules tira a arma e atira em Roger três vezes no peito, projetando ele para fora da cadeira.

Vincent apenas sorri para si mesmo. Jules tem estilo.

Brett se borrou inteiro. Ele não chora nem soluça, mas está cheio de medo, como se seu corpo estivesse implodindo.

JULES (para Brett)

– Desculpe. Eu tirei sua concentração? Não era minha intenção. Por favor, continue. Acho que você estava falando alguma coisa sobre “as melhores intenções”.

Brett não consegue dizer nada.

JULES

– Qual é o problema? Ah, tu tinha acabado. Bem, deixe-me redargüir. Será que poderia descrever com que Marsellus Wallace parece?

Brett continua sem conseguir falar.

Jules estapeia a mesa, jogando-a longe, com selvageria, removendo assim a última barreira entre ele e Brett. Brett agora se senta na única cadeira existente, diante de Jules como um prisioneiro político diante de seu inquisidor.

JULES

– Em que país você nasceu?

BRETT (petrificado)

– O quê?

JULES

– O quê não é o nome de nenhum país que eu conheça! Que língua eles falam lá em Oquê?

BRETT (à beira de um ataque cardíaco)

– O quê?

JULES

– Tu-fala-a-mesma-língua-que-eu-seu-filho-da-puta?

BRETT

– Falo.

JULES

– Então tu pode entender o que eu tô falando?

BRETT

– POSSO.

JULES

– Então descreva como é Marsellus Wallace!

BRETT (em pânico)

– O quê?

Jules pega sua 45 e pressiona o cano com força de encontro ao rosto de Brett.

JULES

— Diga o quê novamente! Vamos, diga o quê novamente! Quero ver, quero ver se tu encara seu filho da puta fodido, diga o quê mais uma merda de vez!

*Brett retrocede a olhos vistos.*

JULES

— Agora descreva Marsellus Wallace pra mim.

*Brett se esforça ao máximo.*

BRETT

— Ele é... preto...

JULES

— ...vá em frente!

BRETT

— ...é alto...

JULES

— Ele parece uma puta?

BRETT (*sem pensar*)

— O quê?

*O olhar de Jules alcança Vincent, Vincent esboça um sorriso afetado, Jules gira os olhos e atira no ombro de Brett.*

*Brett grita, irrompendo num espasmo tremelicante e sacudido, na cadeira.*

JULES

— Ele parece uma puta?

BRETT (*em agonia*)

— Não.

JULES

— Então por que tu tentou fodê-lo como se ele fosse uma puta?

BRETT (*num espasmo*)

— Não tentei.

*A voz é baixa.*

30 .....

.....PULP FICTION

JULES

— Tentou, sim, Brett. Tu tentou foder ele. Tu já leu a Bíblia, Brett?

BRETT (*num espasmo*)

— Já.

JULES

— Há uma passagem que eu decorei e que me parece apropriada para essa ocasião. Ezequiel, 25:17. "O caminho do homem justo é cercado por todos os lados pela iniquidade dos egoístas e pela tirania dos homens maus. Abençoado aquele que, em nome da caridade e da boa vontade, conduz os fracos através do vale das trevas, pois ele será verdadeiramente o guardião de seu irmão e aquele que encontra as ovelhas desgarradas. E eu atingirei com grande vingança e raiva enfurecida aqueles que tentarem envenenar e destruir seus irmãos. E vós sabereis que meu nome é Senhor quando minha vingança se abater sobre vós."

*Os dois homens descarregam suas armas ao mesmo tempo na figura sentada de Brett. Quando terminam, a carcaça crivada de balas ainda resiste sentada, até que tomba para a frente.*

*Tudo está tranqüilo.*

*O único som vem de Marvin resmungando no canto.*

MARVIN

— ...puta que pariu... puta que pariu... isso foi foda... puta que pariu, que sangue-frio!

VINCENT (*apontando para Marvin*)

— Amigo teu?

JULES

— É, Marvin-Vincent-Vincent-Marvin.

VINCENT

— Diga a ele pra calar a boca, ele tá me dando nos nervos.

JULES

— Marvin, eu fecharia essa matraca, se fosse você.

..... 31

Súbito, a porta do banheiro se abre violentamente e um quarto homem (tão jovem quanto os outros) surge atirando, uma Magnum prateada na mão.

Dolly para plano médio nele.

QUARTO HOMEM

— Morra... morra... morra... morra... morra!

O quarto homem atira seis vezes com seu canhãozinho na direção de Vincent e Jules. Ele solta um grito maníaco de vingança até que as balas cessam.

Então... seu rosto muda completamente de expressão. Vai de "a vingança é minha lei" para um olhar vago de "que porra é essa".

QUARTO HOMEM

— Não tô entendendo...

O quarto homem é atingido e sai do quadro por causa das balas que o fazem em pedacinhos.

O quadro fica vazio.

Fade para black.

Contra o fundo preto, um cartaz com dizeres:

"Vincent Vega e a mulher de Marsellus Wallace".

Fade in:

## 9. PLANO MÉDIO – BUTCH COOLIDGE

Fade up em Butch Coolidge, branco, 26 anos, lutador de boxe.

Butch está sentado à mesa com um pulôver de ginástica de colégio secundário em vermelho e azul. Conversando com ele, em off, está o mandachuva todo-poderoso, Marsellus Wallace. O negão parece uma mistura de gângster com rei.

MARSELLUS (off)

— Acho que no final, quando essa merda acabar, você vai se sentir um filho da puta sortudo. O lance é que agora, Butch, você tem a habilidade, mas por mais doloroso que

seja admitir, habilidade não dura para sempre. É uma constatação dura de se fazer na vida, mas um pepino que seu cu vai ter que agüentar firme. Esse negócio está cheio até a tampa de filhos da puta sonhadores que pensam que envelhecem como o vinho. Se você pensa que vira vinagre, é isso aí. Se você pensa que melhora com a idade, está errado. Além do mais, quantas lutas você acha que tem pela frente? Duas? Pugilistas não envelhecem na profissão. Você chegou perto, mas nunca chegou lá. E se fosse para estourar, já era pra ter sido. Além disso, que diferença faria se você fosse até o fim? Campeão mundial de peso-pluma. Que merda vale isso? Duvido que você consiga sequer um cartão de crédito com esse título.

Uma mão está pousada sobre um envelope repleto de dinheiro, na mesa, diante de Butch. Butch pega o envelope.

MARSELLUS (off)

— Na noite da luta, você provavelmente vai sentir uma pontada, o orgulho mexendo com você. Que se foda o orgulho! Orgulho só dói, não ajuda em nada. Vença essa tentação de merda. Porque dentro de um ano, quando você tiver cagando pra isso tudo no Caribe, você vai dizer "Marsellus Wallace é que estava certo".

BUTCH

— Não terei problemas com isso.

MARSELLUS (off)

— No quinto assalto, você vai à lona.

Butch concorda com a cabeça: "Sim".

MARSELLUS (off)

— Repete!

BUTCH

— No quinto, eu vou à lona.

Corta para:



10. INT. – CARRO (EM MOVIMENTO) – DIA

*Vincent Vega parece um mauricinho ao volante de um Chevy Malibu conversível vermelho-cereja, 1964. O rádio toca música caipira. Luzes coloridas ao fundo.*

11. EXT. – NO SALLY LEROY – DIA

*Sally LeRoy é um grande bar de topless em Los Angeles, cujo dono é Marsellus.*

*O Malibu clássico de Vincent rodopia estacionamento vazio adentro e estaciona ao lado de um Honda Civic branco.*

*Vincent bate na porta. A porta abre, revelando o cara estranho no interior: English Dave. Dave não é realmente inglês, mas um jovem negro de Baldwin Park, que dirige alguns clubes para Marsellus, incluindo o LeRoy.*

ENGLISH DAVE

– Vincent Vega, nosso homem em Amsterdã, traz essa figuraça aqui para dentro.

*Vincent, segurando a pasta preta da cena anterior entre ele e Jules, entra. English Dave bate a porta na nossa cara.*

12. INT. – SALLY LEROY – DIA

*A boate espaçosa está vazia a essa hora do dia. English Dave atravessa o bar e Vincent o segue.*

VINCENT

– Onde está o chefão?

ENGLISH DAVE

– Está ali, fechando um negócio.

*O que Vincent vê:*

*Butch aperta a mão de uma figura maciça de costas para nós. A figura é o infame e até agora não visto Marsellus.*

ENGLISH DAVE (off)

– Espera um pouco, assim que o branco azedo sair, você pode ir. Enquanto isso, quer um café expresso?

VINCENT

– Por que não uma xícara do bom, velho e sem graça café americano?

ENGLISH DAVE

– Tá saindo. Ouvi dizer que você vai levar Mia pra passar amanhã?

VINCENT

– Marsellus pediu.

ENGLISH DAVE

– Você já conhece a Mia?

VINCENT

– Inda não.

*English Dave esboça um sorriso para si mesmo.*

VINCENT

– O que é tão engraçado?

ENGLISH DAVE

– Porra nenhuma.

VINCENT

– Escuta aqui, eu não sou idiota. Ela é a porra da mulher do chefe. Vou sentar do outro lado de uma mesa, mastigar minha comida de boca fechada, rir de suas piadas, e isso é o que vou fazer, só.

*English Dave empurra o café para a frente de Vincent.*

ENGLISH DAVE

– Então, tá, meu nome é Paul, e isso fica entre nós e a torcida.

*Butch se aproxima do bar e de Vincent, que está bebendo seu bom e velho café americano.*

BUTCH (para English Dave)

– Me dá um maço de Red Apples?

ENGLISH DAVE

– Com filtro?

BUTCH

– Non.

*Enquanto Butch espera seus cigarros, Vincent continua sorvendo seu café, olhando para ele. Butch olha para Vincent.*

BUTCH

– Procurando alguma coisa, amigão?

VINCENT

– Não sou seu amigão, panaca.

*Butch se movimenta com raiva na direção de Vincent.*

BUTCH

– Que que você disse?

VINCENT

– Você ouviu bem, saco de pancada.

*Butch volta seu corpo na direção de Vincent, quando...*

MARSELLUS (off)

– Vincent Vega dando entrada, chega aqui!

*Vincent se adianta para fora do quadro, sem olhar mais para Butch. Dolly para close-up em Butch, sozinho na cena, parecendo estar prestes a abrir um cursinho de boas maneiras.*

*O que Butch vê:*

*Vincent abraçando e beijando a figura sinistra que é Marsellus. Butch decide com sensatez que, se aquele idiota é amigo do Marsellus, melhor deixá-lo em paz... por enquanto.*

ENGLISH DAVE (off)

– Um maço de Red Apples, um e quarenta.

*Butch é espanado de seus pensamentos de vingança. Paga English Dave e sai de cena.*

*Fusão:*

### 13. INT. – CASA DE LANCE (COZINHA) – NOITE

*Close em Jody, uma mulher que parece louca por brincos. Suas duas orelhas estão furadas cinco vezes. Ela também colocou brincos em sua boca, sobrancelhas e nariz.*

36 .....

.....PULP FICTION

JODY

– ... eu te empresto. É um livro fantástico sobre *body-piercing*.

*Jody, Vincent e uma jovem chamada Trudi estão sentados na cozinha de uma casa suburbana em Echo Park. Embora Vincent esteja à mesma mesa, ele não é convidado a participar da conversa.*

TRUDI

– Você sabe como eles usam aquela pistola para furar as orelhas? Eles não usam aquilo para furar os mamilos, usam?

JODY

– Esqueça aquela pistola. Aquilo vai de encontro a toda a filosofia do *piercing*. Todos os meus furos, em dezesseis lugares diferentes do meu corpo, cada um deles foi feito com uma agulha. Cinco em cada orelha. Um no mamilo do seio esquerdo. Um na narina direita. Um na minha sobrancelha esquerda. Um no lábio. Um no clitóris. Uma bolinha na minha língua.

*Vince deixa a conversa rolar de uma para outra, até este último comentário.*

VINCENT (interrompendo)

– Com licença, desculpe se interrompo. Estou curioso, por que você colocou uma bolinha em sua língua?

*Jody olha para ele e responde como se fosse a coisa mais natural do mundo.*

JODY

– É um objeto sexual. Ajuda o *fellatio*.

*O pensamento nunca ocorreu a Vincent, mas ele tem que admitir que faz sentido. Jody continua a conversar com Trudi, deixando Vincent entregar a ponderações sobre a veracidade de sua observação.*

LANCE (off)

– Vince, pode entrar agora!

..... 37

14. INT. – QUARTO DE DORMIR DE LANCE – NOITE

*Lance, no final da casa dos 20 anos, é um jovem de aparência selvagem e lanzuda, o que combina perfeitamente com sua personalidade selvagem e lanzuda. Lance sempre foi um vendedor de drogas. Nunca teve um dia sequer de outro tipo de trabalho, nunca declarou imposto de renda, nunca foi preso. Está usando uma camisa de flanela vermelha sobre uma camiseta do Speed Racer.*

*Três sacos de heroína estão sobre a cama de Lance. Lance e Vincent estão parados ao pé da cama.*

LANCE

– Essa aqui é Panda, do México. Ótimo material. Essa é Bava, diferente, mas igualmente boa. E aqui está a Choco, das Montanhas Hartz da Alemanha. Bem, as duas primeiras custam o mesmo, quarenta e cinco a grama – preço de amigo – mas esta (*aponta para a Choco*), esta é um pouco mais cara. Cinquenta e cinco. Mas quando você injetar, vai ver pra onde foi o dinheiro a mais. Não há nada de errado com as duas primeiras. São merda boa pra caralho, pra caralho mesmo. Mas esta é loucura pura.

VINCENT

– Lembre-se que acabo de chegar de Amsterdã.

LANCE

– Tô te parecendo um negão? Tu está em Inglewood? Não. Tá na minha casa. Os brancos que sabem a diferença entre bom e ruim vêm aqui em casa. A porra da minha droga ganha qualquer concurso de droga de Amsterdã em qualquer dia da semana.

VINCENT

– Esta é uma declaração corajosa.

LANCE

– Isto aqui não é Amsterdã, Vince. Esse mercado é dos vendedores. A coca está tão morta quanto a música de dis-

coteca. Heroína está voltando com força total. É o revival dos anos 70. Boca-de-sino, heroína, essas coisas estão quentes como o inferno.

*Vincent pega um rolo de dinheiro tão grosso que faria um cavalo engasgar até morrer.*

VINCENT

– Me dê trezentas daquela de endoidar. Se for boa como você diz, eu volto pra pegar mais mil.

LANCE

– Se eu ainda tiver. Que que tu acha da Trudi? Ela não tem namorado, quer ficar por aí e se dar bem?

VINCENT

– Qual é a Trudi? Aquela com aquelas merdas espalhadas pela cara?

LANCE

– Não, aquela é a Jody. Minha mulher.

*Vincent e Lance dão risinhos ante a gafe.*

VINCENT

– Estou a caminho de um lugar. Tenho um jantar. Quer checar?

LANCE

– Imagine.

*Vincent pega sua maleta de trabalho (utensílios para picos em geral).*

VINCENT

– Você não se importa se eu me picar aqui mesmo?

LANCE

– *Mi casa, su casa.*

VINCENT

– *Muchas gracias.*

*Vincent abre a mala e, ainda falando com Lance, se pica.*

LANCE

– Ainda tem seu Malibu?

VINCENT

– Sabe o que um filho da puta fez outro dia?

LANCE

– O quê?

VINCENT

– Riscou ele com uma chave.

LANCE

– Cara, que merda.

VINCENT

– Nem me fale. Eu deixo a porra do carro guardada três anos. Tô na rua com ele há cinco dias – cinco dias e algum merda descaralhado vai e fode ele.

LANCE

– Eles deviam ser mortos. Sem julgamento, júri, direto para execução.

*Enquanto prepara sua heroína...*

VINCENT

– Eu adoraria pegar eles fazendo isso, sabia? Cara, daria tudo para pegar alguém fazendo isso. Ele ia ver, se eu pudesse pegar ele, me entende?

LANCE

– É, é como na semana passada, quando eu tava indo pra Panorama. Agora, quando eu vou pra Panorama, podia tá indo pra Nebraska, porque conheço uma tanto quanto a outra. Quer dizer, eu nunca vou lá. Mas tive que ir na semana passada. Então eu fui, e adivinhe só? Me perdi. Então entrei num posto de gasolina, tu lembra, há cem anos, quando a gente se perdia, parava num posto de gasolina e pedia informações? Pois é, a besta aqui pensa que ainda pode se fazer isso. Pedi as coordenadas pro cara. Ele me disse pra que lado ir, mas tinha qualquer coisa esquisita nele, não me toquei muito com isso, talvez fosse só um cara engraçado, mas eu reparei. Saí dirigindo. Me emburraquei não sei onde. Quando finalmente parei e vi onde estava, descobri que tinha ido uns trinta fodidos quilôme-

tros pro lado errado. A única coisa em que pensei foi que o babaca do posto tinha me dado as coordenadas erradas de propósito. Que filho da puta! Um americano vem e te pede ajuda, e você fode com ele, de propósito. Que mundo é esse onde as pessoas dão informações erradas às outras, de propósito?

VINCENT

– É uma bosta. Que que pode ser pior do que foder o carro de um cara? Não se fode o carro de um homem. Isso é contra as regras, não se faz isso.

*Close-up – a agulha entrando na veia de Vincent.*

*Close-up – sangue entrando na seringa, de volta, misturando com a heroína.*

*Close-up do polegar de Vincent empurrando o êmbolo.*

*Corte para:*

**15. EXT. – CASA DE MARSELLUS WALLACE – NOITE**

*Vincent anda pelo caminho que leva até à porta da frente da casa de Marsellus Wallace. Quando ele chega perto da porta, ouve música do lado de dentro, vê um bilhete bem à vista pendurado. Ele arranca o bilhete.*

*Close-up no bilhete*

*“Oi, Vincent,*

*Estou me vestindo. A porta está aberta.*

*Entre e prepare um drinque para você.*

*Mia.”*

*Vincent dobra o bilhete com cuidado, enfia no bolso, respira fundo como quem diz “isso não tem a menor importância” e gira a maçaneta.*

**16. INT. – CASA DE MARSELLUS WALLACE – NOITE**

*Quando Vincent entra, a música que vinha de dentro aumenta abruptamente. Vincent, com as mãos no bolso, anda a passos largos pela sala, verificando a casa do chefe.*

VINCENT (gritando)

– Aiô! Estou aqui!

*Ouvimos uma porta abrindo, Vincent se vira na direção da porta.*

### 17. INT. – QUARTO DE VESTIR – NOITE

*Estamos dentro do quarto onde a música está tocando. No primeiro plano, Mia Wallace está nua, virada de costas para nós, falando com Vincent através de uma fresta na porta. A porta esconde de Vincent a parte da frente do corpo de Mia.*

MIA

– Vincent Vega?

VINCENT

– É, sou Vincent, você é Mia?

MIA

– Sou, prazer em conhecer. Ainda estou me vestindo. À sua esquerda, depois da cozinha, tem um bar. Por que você não prepara um drinque, senta na sala, e eu estarei pronta antes que você possa dizer inconstitucionalissimamente?

VINCENT

– Tudo bem, não tenha pressa.

*Mia fecha a porta. Antes que ela possa se voltar e nos mostrar seu rosto...*

*Corte – de volta para Vincent parado onde estava, a música pulsando, olhando para a porta fechada. Zoom lenta até a porta.*

*Zoom lenta de plano médio para close-up de Vincent enquanto ele contempla o que está do outro lado da porta. Quando atingimos o close-up, ele sai do quadro, rompendo o encanto.*

*Vincent vai até o bar e prepara um drinque.*

*Justaposição enquanto a música toca.*

*Mia tira do armário o vestido da noite.*

*Vincent, bebida na mão, vai para a sala de estar.*

*Mia, costas para a câmera, vestida em seu belo vestido, se olha no espelho. Dolly na direção dela. Seu rosto ainda está obscuro.*

*Close-up – retrato de Mia pendurado na parede da sala, revelando Mia sensualmente reclinada num canapé.*

*Plano picado de Vincent contemplando o retrato.*

*Close – Mia fazendo uma carreirinha de cocaína em sua penteadeira com o cartão de crédito.*

*Vincent senta num sofá elegante e confortável.*

*Close – Nariz de Mia cafunhando a carreirinha com uma nota de dólar enrolada.*

*Vincent no sofá, drinque na mão. A canção subitamente é interrompida.*

*Close – aparelho de CD abrindo.*

*A mão de Mia vem e puxa o CD para fora.*

*A câmera segue os pés nus de Mia enquanto ela atravessa o quarto de vestir, caminha para a sala, através da cozinha, até onde Vincent está.*

*Quadro feito por câmera de vídeo.*

*Mia está com uma câmera de vídeo filmando Vincent no sofá. Ele ergue os olhos e a vê.*

MIA (off)

– Sorria, você está sendo filmado por Mia!

VINCENT

– Você está pronta?

MIA

– Ainda não, estamos fazendo um filme. Deixa eu me posicionar.

*A câmera se move sobre a mesa de café, caindo no chão. Vincent está agora enquadrado em um contrapicado.*

MIA (off)

– Você já viu Barbara Walters entrevistando os astros de cinema?

VINCENT

– Uma ou duas vezes.

MIA (off)

– Bom, é isso que vamos fazer, finja que eu sou Barbara Walters. Agora eu vou lhe fazer umas perguntas...

VINCENT

– Sobre o quê?

MIA (off)

– Você... o mundo... a vida... Deus... o que eu achar interessante.

VINCENT

– Eu não gosto de responder perguntas.

MIA (off)

– Isso não é problema seu. Eu sou a entrevistadora, o problema é meu. Eu tenho que fazer você se sentir à vontade, aí você pode se abrir e revelar coisas que normalmente não revelaria. Vamos começar com uma fácil. Qual é o seu nome?

VINCENT

– Vincent Vega.

MIA (off)

– Alguma relação com Suzanne Vega?

VINCENT

– Claro, ela é minha prima.

MIA (off)

– Suzanne Vega, a cantora folk, é sua prima?

VINCENT

– Suzanne Vega é minha prima. Se ela também é cantora folk, juro que não sei nada sobre isso. Mas não tenho comparecido a muitas festas de Ação de Graças nos últimos anos.

MIA (off)

– Agora vou lhe fazer uma porção de perguntas rapidinhas que eu bolei e que me dão uma idéia do tipo de pes-

soa com quem vou jantar. Minha teoria é que quando o tema é importante, só há duas maneiras de responder às perguntas. Por exemplo, para mim só existem duas categorias de pessoas no mundo, a turma do Elvis e a turma dos Beatles. A turma do Elvis pode gostar da turma dos Beatles. E a turma dos Beatles pode curtir a turma do Elvis. Mas ninguém pode gostar das duas turmas ao mesmo tempo. Tem uma hora que a gente tem que fazer uma opção. E essa opção revela quem você é. Eu não precisaria fazer essa pergunta a você, porque você é obviamente um Elvis. Mas duvido que saiba qual é a minha. Pode encarar?

VINCENT

– Posso encarar.

MIA (off)

– Eu tinha certeza que sim. Primeira pergunta, *Os Batutinhos* ou *Família Dó-Ré-Mi*?

VINCENT

– *Família Dó-Ré-Mi*, não tem nem comparação.

MIA (off)

– Em *Pobre Homem Rico* quem você preferia, Peter Strauss ou Nick Nolte?

VINCENT

– Nick Nolte, é claro.

MIA (off)

– Você é um fã de *A feiticeira* ou *Jeannie é um gênio*?

VINCENT

– *A feiticeira*, embora eu gostasse do jeito que Jeannie chamava Larry Hagman de amo.

MIA (off)

– Continuando no tema *A feiticeira*, qual foi o melhor Darren?

Vincent a olha como se fosse a resposta mais óbvia do mundo.

VINCENT

– Será que eu preciso soletrar?

MIA (off)

– Não, mas eu tenho que perguntar, entende?

VINCENT

– Claro.

MIA (off)

– Qual sua maneira favorita de dizer “obrigado” em outra língua?

VINCENT

– *Merci beaucoup.*

MIA (off)

– Em conversa, você ouve ou espera para falar?

VINCENT

– Tenho que admitir que espero para falar, mas agora estou realmente tentando ouvir.

MIA (off)

– Se você fosse o Archie, quem você embracaria primeiro, Betty ou Veronica?

VINCENT

– Betty, nunca entendi a atração pela Veronica.

MIA (off)

– Já teve alguma fantasia com uma garota batendo em você?

VINCENT

– Claro.

MIA (off)

– Quem?

VINCENT

– Emma Peel de *Os Vingadores*. Aquela garota durona que costumava andar pra cima e pra baixo com Enciclopédia Brown. E Arlene Motika.

MIA (off)

– Quem é Arlene Motika?

VINCENT

– Uma garota da sexta série que você não conhece não.

*Close – Mia baixa a câmera de seu rosto e temos a primeira visão plena dela. E quando podemos, enfim, vê-la, dá para se ter uma boa noção do porquê Marsellus se sentir como se sente em relação a ela. Ela abre um sorriso ofuscante.*

MIA

– Cortar. Editar. Vamos comer.

#### 18. EXT. – JACKRABBIT SLIM'S – NOITE

*Nos últimos seis anos, os restaurantes tipo anos 50 têm proliferado por toda Los Angeles, fazendo com que os restaurantes tailandeses tenham que lutar pelo seu dinheirinho. São todos basicamente iguais. Decoração extraída dos quadrinhos da época, antigos sucessos borbulhando nas vitrolas, garçonetes deliciosas em meias soquetes, cardápios com itens como Cheesebúrgueres Fats Domino e Omelette do DJ Wolfman Jack, e preços salgados para pagar essa porra toda.*

*E aqui estamos diante de Jackrabbitt Slim's, o mamute dos restaurantes anos 50. O melhor ou o pior, dependendo do seu ponto de vista. O Malibu de Vincent chega ao restaurante. Um anúncio luminoso com a figura em néon de um coelho mal-humorado metido num pulôver vermelho paira sobre o estabelecimento. Embaixo do cartoon está escrito Jackrabbitt Slim's. E embaixo disso o slogan: “A melhor coisa, depois da máquina do tempo”.*

*Vincent, saindo do carro, olha para o restaurante um pouco chocado.*

VINCENT

– Que raio de lugar é esse?

MIA

– É o Jackrabbitt Slim's. Você parece um cara anos 50. Um Elvis adoraria.

VINCENT

– Peraí, Mia, vamos comer um steak.

MIA

– Você pode comer um steak aqui. Ei paizinho, não seja um...

*Mia faz o símbolo internacional para quadrado, popularizado por Pedrita Flintstone.*

VINCENT

– Depois de você, gatinha.

#### 19. INT. – JACKRABBIT SLIM'S – NOITE

*Comparado ao interior, o exterior parece o de um discreto pub inglês. Cartazes de filmes B dos anos 50 estão por todas as paredes. Os reservados onde ficam os fregueses são carrocerias de carros daquela época.*

*No meio do restaurante há uma pista de dança. Um cartaz bem visível na parede averte "proibido sapatos". Por isso os candidatos a dançarinos de bebop (na verdade, gente tipo seriado Melrose) atacam o twist de meias ou descalços.*

*As janelas panorâmicas não mostram a rua, mas, em vez disso, cenas de rua de filmes preto-e-branco dos anos 50. Os garçons e garçonetes, réplicas de ídolos do período como Marilyn Monroe, Zorro, James Dean, Donna Reed, Dean Martin e Jerry Lewis, Phillip Morris e Midget, servem às mesas vestidos a caráter.*

*Vincent e Mia estudam o cardápio em um reservado feito de um carro Edsel 59 vermelho. Buddy Holly (o garçom daquela praça) aparece, exibindo um largo botton vermelho em seu peito, onde está escrito: "Oi, sou Buddy, agradá-lo me agrada".*

BUDDY

– Oi, sou Buddy, em que posso servir?

VINCENT

– Eu vou querer um steak Douglas Sirk.

BUDDY

– E como você quer ele, bem-passado até ficar crocante ou sangrando até morrer?

VINCENT

– Sangrando até morrer. Para beber quero *vanilla coke*.

BUDDY

– E você, Peggy Sue?

MIA

– Eu quero um Durwood Kirby búrguer – sangrento – e um milk-shake de cinco dólares.

BUDDY

– E como é que vai ser o milk-shake, Martin e Lewis ou Amos e Andy?

MIA

– Martin e Lewis.

VINCENT

– Você acabou de pedir um milk-shake de cinco dólares?

MIA

– É isso aí.

VINCENT

– Um shake? Leite com sorvete?

MIA

– Á-hã.

VINCENT

– E custa cinco dólares?

BUDDY

– Isso.

VINCENT

– Vocês não botam uísque nele não?

BUDDY

– Nadinha.

VINCENT

– Só estou verificando.



Buddy sai de cena.

Vincent dá uma olhada em volta. Os yuppies estão dançando, os comilões estão mordendo grandes e suculentos hambúrgueres, e os ídolos estão desempenhando seus papéis. Marilyn está soltando gritinhos, Midget está pajeando Philip Morris, Donna Reed está fazendo seus fregueses beberem leite, e Dean e Jerry estão bancando os panacas.

MIA

– O que você está achando?

VINCENT

– Parece um museu de cera vivo.

Vincent tira um pacote de fumo e começa a enrolar um cigarro. Após um segundo olhando para ele:

MIA

– O que você está fazendo?

VINCENT

– Enrolando unzinho.

MIA

– Aqui?

VINCENT

– É tabaco.

MIA

– Oh. Nesse caso, enrola um pra mim também, vaqueiro?

Quando ele termina de passar a língua para fechar...

VINCENT

– Pode ficar com esse, vaqueira.

Ele estende para ela o fumo enrolado. Ela pega e o leva aos lábios. Surge do nada um isqueiro Zippo na mão de Vincent.

Ele o acende.

MIA

– Obrigada.

VINCENT

– Não há de quê.

Ele se põe a enrolar um pra ele.

Nessa altura, o som do metrô passando é ouvido no restaurante, fazendo tudo sacudir e chacoalhar. Marilyn Monroe corre para um respiradouro no chão. Um metrô imaginário infla a saia branca de seu vestido até às orelhas dela e ela solta um gritinho. O restaurante inteiro aplaude.

De volta a Mia e Vincent.

MIA

– Marsellus me contou que você acabou de voltar de Amsterdã.

VINCENT

– Foi mesmo.

MIA

– Quanto tempo você ficou lá?

VINCENT

– Pouco mais de três anos.

MIA

– Eu adoro Amsterdã.

VINCENT

– Você já esteve lá?

MIA

– Vou mais ou menos uma vez por ano e fico por lá um mês.

VINCENT

– Não diga. Eu não sabia disso.

MIA

– Por que saberia? Você já esteve num bar de haxixe, a três quarteirões da casa de Anne Frank, o Cobra?

VINCENT

– Você esteve no Cobra? É um lugarzinho muito pequeno. Como você soube a respeito dele?

MIA

– Conheço o Cobra desde que Derrick o inaugurou.

VINCENT

– Você conhece Derrick?

MIA

– Conheço Derrick há seis anos.

VINCENT

– Não posso acreditar. Eu e Derrick somos chapas.

MIA

– Como Derrick e eu.

VINCENT

– Estou impressionado. Eu praticamente vivia no Cobra.

MIA

– Quando estou em Amsterdã, eu literalmente vivo no Cobra. Eu fico na casa com Derrick e Petra.

VINCENT

– Você fica no Cobra?

MIA

– Meu retrato tá na parede.

VINCENT

– Onde?

MIA

– Sabe todas aquelas fotos que Derrick tem atrás do bar?

VINCENT

– Sei.

MIA

– Há uma de Derrick entre duas meninas com camisas de beisebol. Petra é a que está com um boné de beisebol, eu sou a de chapéu de caubói.

VINCENT

– É você, com o chapéu de caubói?

*Mia sorri e faz que sim com a cabeça.*

VINCENT (cont.)

– Então você é a garota com o chapéu de caubói. São coisas como essa que fazem a gente perceber como o mundo

é pequeno. Eu poderia ter pego você. Por que Marsellus não nos pôs em contato?

MIA

– Quando vou a Amsterdã, vou sozinha, para ficar sozinha. Não quero ninguém para me entreter.

VINCENT

– Entendo. Me contaram que você fez um piloto.

MIA

– Aquilo foi meus quinze minutos de glória.

VINCENT

– O que era?

MIA

– Era uma história sobre um grupo de agentes secretos femininos chamado *Fox Force Five*.

VINCENT

– O quê?

MIA

– Fox Force Five. Fox, porque éramos um grupo de moças espertas como raposas. Force, porque formávamos uma força a ser recrutada. Five, porque éramos uma... duas... três... quatro... cinco. Havia uma loura, Somerset O'Neal, do *Baton Rouge*, ela era a líder. Havia uma japonesa, uma negra, uma francesa e uma morena, eu. Cada uma de nós tinha uma habilidade específica. Somerset tinha memória fotográfica, a japonesa era mestra de kung fu, a negra era uma expert em demolições, a especialidade da francesa era sexo...

VINCENT

– E sua especialidade, qual era?

MIA

– Facas. O passado da minha personagem, Raven McCoy, tinha sido no circo, onde foi criada por artistas. Ela cresceu praticando um número de facas. No seriado, ela era a

mulher mais mortífera do mundo com uma faca na mão. Mas porque ela cresceu num circo, ela também tinha alguma coisa de acrobata. Ela tinha um quê de ilusionista, era uma trapezista — quando você tem como missão salvar o mundo do mal, nunca se sabe a hora que suas artes no trapézio podem ser úteis. E ela sabia, também, um zilhão de velhas piadas que seu avô, um antigo ator de vaudeville, ensinou pra ela. Se o seriado pegasse, eles trabalhariam o recurso de, a cada episódio, me fazer contar uma piada dessas.

VINCENT

— Você ainda lembra alguma dessas piadas?

MIA

— Bem, eu só tive oportunidade de dizer uma, porque só fizemos um filme.

VINCENT

— Conta.

MIA

— Não. É muito boba.

VINCENT

— Vamos, não seja assim.

MIA

— Não. Você não vai gostar e eu vou ficar sem graça.

VINCENT

— Você contou a piada diante de cinquenta milhões de pessoas e não pode contar pra mim? Prometo que não vou rir.

MIA (*rindo*)

— É disso que tenho medo.

VINCENT

— Não foi isso que eu quis dizer e você sabe.

MIA

— Você é o próprio diabinho de fala macia, não é?

VINCENT

— Eu quis dizer que não iria rir de você.

MIA

— Não foi o que você disse, Vince. Agora eu não conto mesmo, porque você criou todo esse clima.

VINCENT

— Que sacanagem.

*Buddy volta com os drinques. Mia envolve o canudinho de seu milk-shake com os lábios.*

MIA

— Huuummm!

VINCENT

— Posso provar? Gostaria de saber qual o gosto de um milk-shake de cinco dólares.

MIA

— Fique à vontade.

*Ela empurra o milk-shake na direção dele.*

MIA

— Você pode usar meu canudo, eu não tenho sapinho.

*Vincent sorri.*

VINCENT

— Mas talvez eu tenha.

MIA

— Eu me garanto.

*Ele bebe um pouco.*

VINCENT

— Uau! Esse milk-shake é bom pra cacete.

MIA

— Te falei.

VINCENT

— Não sei se vale cinco dólares, mas é bom pra cacete.

*Ela empurra o shake de volta.*

.....  
*Então surge entre eles o início de um silêncio constrangedor.*

MIA

– Você não odeia, também?

VINCENT

– O quê?

MIA

– Silêncios constrangedores. Por que é que a gente sente que é necessário dizer qualquer merda pra se sentir à vontade?

VINCENT

– Não sei.

MIA

– É assim que a gente sabe que encontrou alguém especial. Quando a gente consegue fechar a matraca por um minuto, e confortavelmente compartilhar o silêncio.

VINCENT

– Acho que ainda não chegamos lá. Mas não se sinta mal, afinal, acabamos de nos conhecer.

MIA

– Bem, sabe o que vou fazer? Vou ao banheiro passar um pouco de pó no nariz, enquanto você fica aí sentadinho pensando em alguma coisa pra dizer.

VINCENT

– Farei isso.

**20. INT. – JACKRABBIT SLIM'S (BANHEIRO DE SENHORAS) – NOITE**

*Mia empoa o nariz cheirando uma carreirinha de cocaína da pia do banheiro. Sua cabeça dá um tranco com o barato.*

MIA (*imitando um lobisomem*)

– Puta que pariu!

.....PULP FICTION

**21. INT. – JACKRABBIT SLIM'S (RESTAURANTE) – NOITE**

*Vincent está atracado ao seu steak Douglas Sirk. Enquanto ele mastiga, seus olhos examinam o psicodélico restaurante.*

*Mia volta à mesa.*

MIA

– Você não adora voltar do banheiro e encontrar sua comida esperando por você?

VINCENT

– Você está com sorte de termos conseguido. Buddy Holly não é grande coisa como garçom. Deveríamos ter sentado na área da Marilyn Monroe.

MIA

– Qual delas, tem duas Marilyn Monroes.

VINCENT

– Não tem não.

*Apontando a Marilyn de vestido branco servindo uma mesa.*

VINCENT

– Aquela é Marilyn Monroe...

*Depois, apontando uma garçonete loura numa suéter apertada com calças fuseau, anotando o pedido de um grupo de tietes cinematográficos...*

VINCENT

– ... e aquela é Mamie Van Doren. Eu não estou vendo Jayne Mansfield, deve ser a folga dela.

MIA

– Muito espertinho.

VINCENT

– Tenho lampejos.

MIA

– Pensou em alguma coisa pra dizer?

VINCENT

– Na verdade tem uma coisa que eu gostaria de lhe perguntar, mas você parece legal e eu não gostaria de ofender você.

MIA

– Oooooh, isso não parece nem um pouco com aquele papo xarope, sem sentido e chato de alguém que está conhecendo alguém. Parece que você realmente tem algo a dizer.

VINCENT

– Só se você prometer não se ofender.

MIA

– Não se pode prometer uma coisa assim. Não tenho a menor idéia do que você vai dizer. Você pode me perguntar o que quer me perguntar e minha resposta instintiva ser ficar ofendida. Aí, sem querer, eu teria quebrado minha promessa.

VINCENT

– Então deixa pra lá.

MIA

– Isso agora é uma impossibilidade. Tentar esquecer algo tão intrigante seria um exercício de pura futilidade.

VINCENT

– Verdade?

*Mia abana a cabeça: "sim".*

MIA

– Além disso, é mais excitante quando não se tem permissão.

VINCENT

– O que você acha do que aconteceu com o Antwan?

MIA

– Quem é Antwan?

VINCENT

– Tony Rocky Horror.

MIA

– Ele caiu da janela.

VINCENT

– Essa é uma maneira de contar a coisa. A outra é, ele foi empurrado. A outra é, ele foi empurrado por Marsellus. E outra maneira ainda é dizer, ele foi empurrado da janela por Marsellus por sua causa.

MIA

– Isso é verdade?

VINCENT

– Não, não é, é só o que eu andei ouvindo.

MIA

– Quem te contou isso?

VINCENT

– Eles.

*Mia e Vincent sorriem.*

MIA

– Eles falam pra caramba, né?

VINCENT

– Falam mesmo.

MIA

– Não seja tímido, Vincent, o que exatamente *eles* contaram?

*Vincent demora um pouco a responder.*

MIA

– Deixe-me ajudá-lo, Envergonhadinho, será que tinha uma palavra começando com f... no meio?

VINCENT

– Não. Eles só disseram que Rocky Horror fez uma massagem nos seus pés.

MIA

– E então...

VINCENT

– Sem *então*, é só isso.

MIA

– Você ouviu dizer que Marsellus atirou Rocky Horror de uma janela do quarto andar porque ele massageou meus pés?

VINCENT

– É isso aí.

MIA

– E você acreditou nisso?

VINCENT

– Quando me contaram, me pareceu razoável.

MIA

– Marsellus atirar Tony de uma janela do quarto andar porque ele me fez uma massagem nos pés lhe pareceu razoável?

VINCENT

– Não, me pareceu um exagero. Mas isso não quer dizer que não possa ter acontecido. Eu ouvi dizer que Marsellus te protege muito.

MIA

– Um marido protetor é uma coisa. Um marido que quase mata outro homem porque ele tocou nos pés de sua mulher é outra diferente.

VINCENT

– O que aconteceu, então?

MIA

– A única parte do meu corpo que Antwan tocou alguma vez foi minha mão, quando me cumprimentou. Encontrei Antwan uma vez – no meu casamento – e nunca mais. A verdade é que ninguém sabe por que Marsellus despejou

Tony Rocky Horror da janela, ninguém a não ser Marsellus e Tony Rocky Horror. Mas quando vocês malandros se juntam são piores do que mulheres fazendo tricô.

VINCENT

– Você ficou zangada?

MIA

– Nem um pouco. Ser o tema dessa fofoca de fundo de quintal vem junto com a aliança de casamento, eu acho.

*Ela toma mais um pouco de seu milk-shake de cinco dólares e diz:*

MIA

– Obrigada.

VINCENT

– Por quê?

MIA

– Por querer ouvir a minha versão.

*Neste instante um dos grandes sucessos do passado explode na vitrola automática.*

MIA

– Quero dançar.

VINCENT

– Eu não sou grande coisa como dançarino.

MIA

– Agora sou eu que estou começando a ficar chateada. Pelo que entendi Marsellus pediu que você saísse comigo e fizesse tudo o que eu quisesse. Bem, eu quero dançar.

*Vincent sorri e tira suas botas. Mia triunfalmente se livra das dela. Ele pega a mão dela e a conduz até à pista de dança. Os dois se observam atentamente por aquele breve espaço de tempo antes de começar a dança, então irrompem em frenético twist. A versão de Mia para o twist é a de um gato sexy. A de Vincent é totalmente cool, enquanto ele entra naquele ritmo de menear quadris que deixaria Chubby Checker orgulhoso.*

Os outros dançarinos na pista tentam acompanhá-los, mas Vincent e Mia parecem ter sincronizado o balanço de seus quadris. Os dois definitivamente compartilham o ritmo e trocam sorrisos entre si enquanto cantam juntos o último verso do antigo sucesso.

Corte para:

## 22. INT. – CASA DE MARSELLUS WALLACE – NOITE

A porta da frente abre de supetão, e Mia e Vincent entram em casa dançando um tango estilizado, cantando a capela a música da cena anterior. Eles terminam sua dança improvisada, rindo.

Então...

Os dois param olhando um para o outro, olhos nos olhos.

VINCENT

– Esse foi um silêncio constrangedor?

MIA

– Eu não sei o que foi isso.

(pausa)

– Música e bebidas!

Mia se afasta para servi-los. Vincent pendura sua capa num cabideiro grande de bronze num canto.

VINCENT

– Vou dar uma mijadinha.

MIA

– É um pouco mais de informação do que eu precisava, mas vá em frente.

Vincent se arrasta na direção do banheiro.

Mia vai até o CD, dedilha uma seleção e escolhe um: *k.d.lang*. As caixas berram um número country enquanto Mia acompanha numa guitarra imaginária. Ela dá a volta na sala dançando até chegar ao cabideiro onde está pendurada a capa de Vincent. Ela toca a manga, a textura é agradável.

A mão desliza no bolso e tira a carteira de tabaco. Como uma menininha brincando de caubói, ela espalha o tabaco na seda. Depois, imitando os gestos dele naquela noite, lambe o papel e enrola um cigarro legal. Talvez um pouco gordo, mas nada mal para a primeira tentativa. Ou pelo menos é o que Mia pensa. Sua mão volta ao bolso e saca o isqueiro Zippo. Ela estapeia o isqueiro de encontro à sua perna, tentando acendê-lo no estilo bacana em que Vincent o fez. E ela consegue! Triunfalmente ela traz a gorda chama para perto de seu gordo cigarro, acendendo-o, e fecha o isqueiro com força, fazendo barulho. O cigarro manufaturado por Mia é trazido até seus lábios e ela dá uma longa e boa tragada. Seus dedos deslizam o Zippo de volta para o bolso da capa. Mas espere, os dedos sentem alguma coisa a mais no interior do bolso. Os dedos trazem para fora um pacote de plástico cheio de pó branco, o doidão que Vincent havia comprado de Lance. Sorriso largo, Mia aproxima o saquinho de heroína do seu rosto.

MIA (como se estivesse dizendo Bingo!)

– Disco! Vince, seu fanzoca de cocaína, escondendo isso de mim.

Corte para:

## 23. INT. – BANHEIRO (CASA DE MARSELLUS WALLACE) – NOITE

Vincent está em frente à pia, lavando as mãos e falando para si mesmo no espelho.

VINCENT

– Um drinque e rapar fora. Não seja grosso, mas beba seu drinque rápido, diga tchau, saia porta afora, pegue seu carro, e pé na estrada.

### SALA DE VISITAS

Mia está cortando a até-então-sua-desconhecida heroína em carreirinhas no tampo de vidro de sua mesa de centro. Pegando

sua tão confiável nota de cem dólares como se fosse um aspirador, ela aspira rapidamente a vantajada carreira.

Close up – Mia

A cabeça dela dá um tranco. As mãos sobem rapidamente para o nariz (que parece ter sido tomado por um fogaréu), ela sente que há algo terrivelmente errado. Então... vem a pancada.

#### BANHEIRO

Vincent seca suas mãos numa toalha enquanto prossegue em seu diálogo com o espelho.

VINCENT

– É uma prova moral que você está se impondo, para saber se é capaz ou não de manter sua lealdade. Porque as pessoas serem leais umas com as outras é muito importante.

#### SALA DE VISITAS

Mia está de quatro tentando engatinhar até o banheiro, mas é como se ela estivesse fazendo o esforço sem os ossos do joelho. O sangue começa a descer do nariz de Mia. Então seu estômago entra em cena e ela vomita.

#### BANHEIRO

Vince prossegue.

VINCENT

– Então você vai sair, beber seu drinque dizer “Boa noite, foi um programa maravilhoso”, vai pra casa e bate uma zinha. E é isso o que você vai fazer.

Agora que já se aconselhou bastante, Vincent está pronto para enfrentar o que quer que esteja esperando por ele do outro lado daquela porta. E ele sai por ela.

#### SALA DE VISITAS

Seguimos atrás de Vincent, enquanto ele sai do banheiro para a sala, onde encontra Mia estendida no chão como uma boneca de pano. Ela está com as costas torcidas. Sangue e vômito es-

tão em seu rosto, que está contorcido. Não como alguém que está sentindo a rigidez da dor, mas justo o contrário, os músculos estão tão relaxados, que ela está imóvel, com a boca completamente aberta. Escancarada.

VINCENT

– Meu Deus!

Vincent se movimenta com a rapidez de um relâmpago deslizando até o corpo caído de Mia. Inclinando-se sobre ela, ele apõe seus dedos ao pescoço dela para verificar sua pulsação. Ela faz um ligeiro movimento.

Mia está consciente de que Vincent está inclinado sobre ela, falando com ela.

VINCENT (soando estranho)

– Mia! Mia! Que merda é essa?

Mas ela não tem forças para se comunicar. Mia dá alguns grunhidos esparsos, que não são claros o suficiente para serem considerados palavras.

Vincent levanta as pálpebras dela e percebe o que aconteceu.

VINCENT (para si mesmo)

– Tô fodido.

(para Mia)

– Mia! Mia! O que você tomou? Me responda, querida, o que você tomou?

Mia não pode responder. Ele bate forte em seu rosto.

Vincent levanta num salto e corre até sua capa, pendurada no cabideiro. Ele investiga os bolsos freneticamente. Não está lá.

Vincent vai ziguezagueando até Mia. Nós o acompanhamos.

VINCENT (gritando para Mia)

– Está bem, querida, agora vamos ficar de pé.

Ele a alcança e suspende o peso morto em seus braços.

VINCENT

– Estamos em pé, e agora vamos andar até o carro. Upa, agora olha como andamos.



Nós os seguimos enquanto ele arrasta a praticamente inconsciente Mia pela casa e porta afora.

**24. EXT. – CARRÃO ENVENENADO DE VINCENT (EM MOVIMENTO) – NOITE**

Aparece velocímetro: ponteiro vermelho indica cem por hora. Vincent dirige como um louco numa cidade sem leis de trânsito, faz curvas inacreditáveis e sobe e desce morros.

**25. INT. – CARRÃO DE VINCENT (EM MOVIMENTO) – NOITE**

Vincent, uma das mãos firmes no volante, a outra movimentando-se como Robocop, os olhos fixando reto em frente, exceto por uma ou outra olhadela em Mia.

Mia, expressão vazia, boca pendendo, postura de saco de água quente.

Vincent pega um telefone celular em seu bolso. Ele soca um número.

**26. INT. – CASA DE LANCE – NOITE**

A essa hora tardia, Lance transmudou-se de um traficante de drogas bon vivant numa criatura que veste robe de banho.

Ele está sentado numa cadeira confortável, com uma calça de ginástica azul e molambenta, uma camiseta surrada mas gostosa de vestir com os dizeres "Taft, California", e um robe felpudo canelado. Em suas mãos há uma tigela de cereais com frutas. Em frente a ele, na mesinha de centro, há uma jarra de leite, a caixa de onde os cereais saíram, e um cachimbo de haxixe pousado num cinzeiro.

Na tela panorâmica da tv em frente à mesa estão os Três Pateas se casando.  
(na tv)

PASTOR (*Emil Simkus*)

– Dêem as mãos, pombinhos.

*O telefone toca.*

Lance apóia sua tigela de cereais e vai até o telefone. Soa novamente.

Jody, sua mulher, grita do quarto, obviamente despertada pelo som.

JODY (*off*)

– Lance, o telefone tá tocando!

LANCE (*respondendo*)

– Tô ouvindo!

JODY (*off*)

– Pensei que você tinha avisado àqueles merdas pra nunca ligarem a essa hora!

LANCE (*perto do telefone*)

– Eu disse a eles e é o que vou dizer a esse merda agora mesmo!

(*ele atende o telefone*)

– Alô, você sabe que horas são? E sabe que não pode ligar pra mim à porra dessa hora?

*De volta a Vincent em seu Malibu.*

Vincent está dirigindo como um desses macacos de bunda colorida, com o fone apertado de encontro a sua orelha. Cortamos de um para outro durante a conversa.

VINCENT

– Lance, aqui é o Vincent, tô com um puta problema, cara, e tô indo pra sua casa.

LANCE

– Segura a onda aí, cara, qual é o problema?

VINCENT

– Você ainda tem aquela injeção de adrenalina?

LANCE (*a luz aumentando sobre ele*)

– Talvez.

VINCENT

– Eu preciso dela, cara, tô com uma garota e ela tá tendo uma porra de uma overdose.

LANCE

– Não traga ela pra cá! Não tô brincando com você, não me venha com uma bundona fodida qualquer pra minha casa!

VINCENT

– Não tenho escolha.

LANCE

– Ela está tendo uma overdose?

VINCENT

– É isso aí. Ela tá morrendo.

LANCE

– Então vai em frente, leva ela prum hospital e chama o teu advogado!

VINCENT

– Negativo.

LANCE

– Ela não é problema meu, você fodeu ela, você cuida disso. Você tá falando comigo de um telefone celular?

VINCENT

– Desculpe.

LANCE

– Eu não te conheço, não sei quem é, não apareça por aqui, vou desligar.

VINCENT

– Tarde demais. Eu já estou aqui.

*Nesse momento, de dentro da casa de Lance, nós ouvimos o Malibu de Vincent vindo pela rua. Lance desliga, vai até às cortinas e faz correr os puxadores. As cortinas abrem num repelão a tempo de ver o Malibu de Vincent subir no gramado da frente e bater na casa. A janela através da qual Lance está olhando estremece com o impacto.*

JODY (off)

– Que porra é essa?

*Lance se afasta num salto da janela, sai pela porta na direção do gramado.*

**27. EXT. – CASA DE LANCE – NOITE**

LANCE

– Você ficou maluco? Você bateu seu carro na porra da minha casa! Você falou de drogas numa porra de um telefone celular...

VINCENT

– Se você acabou com seu ridículo faniquito, essa garota tá morrendo, pegue a agulha e faça isso já!

LANCE

– Você tá surdo? Você não vai entrar com essa puta fodida na minha casa!

VINCENT

– Essa puta fodida é a mulher de Marsellus Wallace. Se ela bater as botas na minha mão, eu serei uma mancha de sebo no chão. Agora, antes dele me transformar numa barra de sabão, serei forçado a contar como você poderia ter salvo a vida dela, mas preferiu deixar ela morrer no seu gramado.

**28. INT. – CASA DE LANCE – NOITE**

*Estamos no quarto de Lance e Jody.*

*Jody, na cama, joga suas cobertas para o lado e se levanta. Ela está usando uma camiseta compridona com um desenho do Fred Flintstone estampado.*

*Nós a acompanhamos bem de perto quando ela abre a porta, através do hall e até a sala de visitas.*

JODY

– São só uma e meia na porra da manhã! Que merda tá acontecendo aqui?

.....

*Quando ela entra na sala de visitas vê Vincent e Lance debruçados sobre Mia, caída no chão, bem no meio da sala. Daqui em diante, tudo na cena parecerá frenético, como se fosse um documentário de alguma equipe de salvamentos de emergência, com a grande diferença que aqui ninguém sabe que merda está fazendo.*

JODY

– Quem é ela?

*Lance olha para Jody.*

LANCE

– Pegue aquela caixa preta no quarto, onde eu guardo a injeção de adrenalina.

JODY

– Qual é o problema dela?

VINCENT

– Ela tá tendo uma overdose.

JODY

– Então se manda com ela daqui!

LANCE e VINCENT *(em estéreo)*

– Pegue a porra da injeção!

JODY

– Não gritem comigo!

*Ela se vira, irritada, e desaparece no quarto à procura da injeção.*

*Nos movemos para dentro do quarto acompanhando os dois homens.*

VINCENT *(para Lance)*

– Vocês dois são feitos um para o outro.

LANCE

– Olhe, continue falando com ela, ok? Enquanto ela vai buscar a injeção, vou pegar o guia médico.

VINCENT

– Pra que você precisa de um guia médico?

LANCE

– Pra me explicar como é que se faz isso. Nunca apliquei uma injeção de adrenalina antes.

VINCENT

– Você tem essa porra há seis anos e nunca usou?

LANCE

– Nunca precisei usar. Eu não fico me metendo com crianças, todos os meus amigos sabem segurar suas ondas!

VINCENT

– Então pegue lá.

LANCE

– Eu vou, se você me deixar.

VINCENT

– Eu é que tô te impedindo, seu porra?

LANCE

– Pare de falar comigo e comece a falar com ela.

*Nós seguimos Lance enquanto ele sai ventando da sala e entra...*

**29. QUARTO ANEXO COM UMA PILHA DE BAGULHOS. ELE REMEXE FRENETICAMENTE NOS BAGULHOS ENQUANTO REPETE, SEM PARAR, AS PALAVRAS “VAMOS, VAMOS”.**

*Ouvimos em off:*

VINCENT

– Corre cara! Eu tô perdendo o pulso dela!

LANCE *(respondendo)*

– Tô procurando o mais rápido que posso!

*Lance continua sua busca frenética. Ouvimos Jody na sala conversando com Vincent.*

JODY *(off)*

– O que ele tá procurando?

VINCENT (off)

– Não sei, algum guia médico.

*Jody grita para Lance.*

JODY

– O que você tá procurando?

LANCE

– Meu guia médico preto!

*Enquanto ele continua a procurar, sacudindo e batendo montes de bagulhos, Jody aparece no vão da porta.*

JODY

– O que você tá procurando?

LANCE

– A porra do meu guia médico preto. É uma espécie de livro-texto que eles dão pras enfermeiras.

JODY

– Nunca vi nenhum guia médico.

LANCE

– Acredite em mim, eu tenho um.

JODY

– Bem, se é tão importante assim, por que você não o guardou junto com a injeção?

LANCE

– Não sei! Pára de me aporrrinhar!

JODY

– Enquanto você procura, aquela garota vai morrer sobre o nosso tapete. Você nunca vai encontrar nada nesse monte de bagulho. Eu estou há seis meses pedindo pra você arrumar esse quarto...

VINCENT

– ...corre aqui, manda esse livro pra puta que pariu!

*Lance, irritado, bate em mais uma pilha de bagulhos antes de sair de cena em direção à sala.*

### 30. SALA DE ESTAR

*Quando Lance volta à sala Vincent está debruçado sobre Mia, falando docemente com ela.*

VINCENT

– Pára de pular por aí feito um babaca e dê logo a injeção nela!

*Lance se inclina para a caixa preta que Jody trouxe. Ele abre e começa a preparar a agulha para a injeção.*

LANCE

– Enquanto eu faço isso, tire a blusa dela e encontre o coração.

*Vincent abre a blusa num repelão. Jody dá um passo em falso para trás, assustada pela ação.*

VINCENT

– Tem que ser exato?

LANCE

– É, tem que ser exato! Vou dar uma injeção no coração dela, então tenho que atingi-la precisamente no coração.

VINCENT

– Bem, eu não sei exatamente onde fica o coração dela, acho que é aqui.

*Vincent aponta para o seio direito de Mia. Lance olha de soslaio e abana a cabeça, concordando.*

LANCE

– É ele.

*Enquanto Lance prepara a injeção, Vincent olha para Jody.*

VINCENT

– Preciso de um pilot bem grosso, você tem um?

JODY

– O quê?

VINCENT

– Preciso de um pilot grosso, caneta de feltro serve, mas eu preferia pilot.

JODY

– Güenta aí.

*Jody corre até à escrivaninha, abre a primeira gaveta, e, em seu entusiasmo, puxa a gaveta da escrivaninha, espalhando todo o seu conteúdo, contas, papéis, canetas pelo chão.*

*A injeção está pronta. Lance entrega a agulha para Vincent.*

LANCE

– Está pronta, agora eu te digo o que fazer.

VINCENT

– Você vai ter que dar a injeção nela.

LANCE

– Não, você é que vai dar a injeção nela.

VINCENT

– Nunca fiz isso antes.

LANCE

– Eu também nunca fiz isso antes e não vou começar agora. Você trouxe ela para cá, você dá a injeção. No dia que eu levar uma puta com overdose pra sua casa, eu dou a injeção nela.

*Jody se reúne a eles, na barafunda, com um pilot grosso e vermelho na mão.*

JODY

– Consegui.

*Vincent pega o pilot da mão de Jody e faz um grande ponto vermelho no corpo de Mia no lugar onde fica o coração.*

VINCENT

– Ok, que que eu faço agora?

LANCE

– Você vai dar uma injeção de adrenalina direto no coração dela. Mas ela tem uma plataforma de busto bem na frente do coração, e você tem que atravessar isso. Então o que você tem a fazer é enfiar a agulha como quem está esfaqueando alguém.

*Lance demonstra o movimento, o que faz lembrar o assassino das vítimas do filme Halloween.*

VINCENT

– Eu tenho que dar uma estocada nela?

LANCE

– Se você quiser enfiar a agulha no coração dela, você tem que dar uma estocada nela. Assim que fizer isso, mova o êmbolo pra baixo.

VINCENT

– O que acontece depois disso?

LANCE

– Eu estou tão curioso quanto você.

VINCENT

– Isso não é a porra de uma piada, cara!

LANCE

– Supostamente ela sai desse estado... *(ele estala os dedos)*... assim.

*Vincent levanta a agulha acima de sua cabeça como quem apunhala alguém. Olha para baixo, para Mia. Mia está se apagando rapidamente. Dentro em pouco nada poderá ajudá-la.*

*Os olhos de Vincent se apertam, ele está pronto para a parada.*

VINCENT

– Conte até três.

*Lance, de joelhos do lado direito de Vincent, não sabe o que esperar.*

LANCE

– Um...

*Foco no ponto vermelho no corpo de Mia.*

*Agulha levantada prestes a golpear.*

LANCE (off)

– ...dois...

*O rosto de Jody é pura antecipação.*

*Agulha no ar, pronta para o bote.*

LANCE (off)

— ...três!

*A agulha abandona o quadro, e desce com fúria.*

*Vincent enfia a agulha com força, golpeando Mia no peito.*

*A cabeça de Mia sacode com o impacto. O êmbolo da seringa é empurrado, bombeando a adrenalina através da agulha. Mia arregala os olhos e deixa escapar um berro infernal como se fosse um espírito maligno. Ela pula para uma posição sentada, ainda com a agulha enfiada em seu peito, e grita.*

*Vincent, Lance e Jody, que estavam sentados em frente a Mia, saltam para trás, mortalmente aterrorizados.*

*O grito de Mia se esvanece. Ela aos poucos começa a aspirar pequenas quantidades de ar. Os outros três, agora refugiados a meio caminho da sala, tremendo até os ossos, olham para ver se ela está bem.*

LANCE

— Se você está ok, diga alguma coisa.

*Mia, ainda ofegante, sem olhar para eles, fala numa voz relativamente normal.*

MIA

— Alguma coisa.

*Vincent e Lance quase caem de costas, exaustos e tremendo ao pensar em quão perto da morte Mia esteve.*

JODY

— Alguém quer uma cervejinha?

*Corte para:*

### 31. INT. — MALIBU DE VINCENT (EM MOVIMENTO) — NOITE

*Vincent está ao volante levando Mia para casa. Ninguém diz uma palavra, os dois ainda estão abalados demais.*

76 .....

.....PULP FICTION

### 32. EXT. — FRENTE DA CASA DE MARSELLUS WALLACE — NOITE

*O Malibu pára em frente da casa. Mia salta sem dizer nada (ainda parecendo um zumbi) e anda pelo caminho até à porta da frente.*

VINCENT (off)

— Mia!

*Ela se vira.*

*Vincent está fora do carro, de pé no caminho, há uma boa distância entre os dois.*

VINCENT

— Qual é sua idéia a respeito disso tudo?

MIA

— Qual a sua?

VINCENT

— Minha opinião é que Marsellus pode viver sua vida inteira sem jamais ouvir falar nesse incidente.

*Mia sorri.*

MIA

— Não se preocupe com isso. Se Marsellus soubesse, eu estaria tão enrascada quanto você.

VINCENT

— Eu tenho sérias dúvidas a respeito.

MIA

— Se você pode guardar um segredo, eu também posso.

VINCENT

— Vamos apertar as mãos para selar esse acordo.

*Os dois caminham na direção um do outro, esticando as mãos para apertá-las e é o que fazem.*

VINCENT

— Boca de siri.

*Mia larga a mão de Vincent e silenciosamente faz o gesto dos três macaquinhos: não ver, não ouvir e não falar.*

..... 77

Vincent sorri.

VINCENT

– Agora, se você me dá licença, vou pra casa ter um ataque cardíaco.

Mia dá uma risadinha.

Vincent se volta para partir.

MIA

– Você ainda quer ouvir a minha piada do Fox Force Five?

Vincent se vira.

VINCENT

– Claro, mas acho que ainda estou petrificado demais para rir.

MIA

– Á-hã. Você não vai rir porque não é engraçada. Mas se ainda quer ouvir, eu conto.

VINCENT

– Mal posso esperar.

MIA

– Três tomates estão andando pela estrada, papai tomate, mamãe tomate e bebê tomate. Nisso passa um caminhão e papai tomate avisa: “Cuidado com o caminhão”. Mamãe e bebê perguntam: “Onde?”

O caminhão passa por cima deles (ela bate com o pé no chão): “Catchup!”

Os dois sorriem, mas nenhum dos dois ri.

MIA

– Te vejo por aí, Vince.

Mia se vira e entra em casa.

Close-up em Vincent depois que Mia já entrou em casa. Vincent continua a olhar o lugar onde ela estava. Ele leva as mãos até os lábios e atira um beijo para ela. Af sai do enquadramento, deixando-o vazio. Ouvimos seu Malibu dando partida e indo embora.

Fade para black:

78 .....

.....PULP FICTION

### 33. FADE UP:

no desenho animado Speed Racer.

Speed está dando uma detalhada descrição de todos os elementos de seu carro de corrida, o Mac-5, como ele sempre faz, por sinal, no começo de cada episódio da série.

Em off ouvimos a voz de uma mulher...

VOZ DE MULHER (off)

– Butch.

Fusão:

A visão de Butch

Estamos numa sala de visitas de uma casa modesta de dois quartos em Alhambra, Califórnia, no ano de 1972.

A mãe de Butch, 35 anos mais ou menos, está no pórtico que vai dar na sala de visitas. Junto dela está um homem vestido com o uniforme de oficial da Aeronáutica Americana. A câmera está centrada na perspectiva de um garoto de cinco anos.

MÃE

– Butch, pára de assistir televisão um minuto. Temos uma visita especial. Você lembra que eu te contei que seu pai morreu num campo de prisioneiros vietnamita, não lembra?

BUTCH (off)

– Á-hã.

MÃE

– Bem, aqui está o Capitão Koons. Ele esteve no campo de prisioneiros com papai.

O Capitão Koons avança sala adentro na direção do menino e se ajoelha para ficar na altura dos olhos da criança. Quando Koons fala, nota-se um ligeiro sotaque texano.

CAP. KOONS

– Olá, homenzinho. Cara, eu já ouvi falar muito a seu respeito. Sabe, eu era um bom amigo do seu pai. Nós fica-

..... 79

mos no mesmo buraco do inferno em Hanói por cinco anos, juntos. Graças a Deus você nunca terá essa experiência, mas quando dois homens, como eu e seu pai, estão numa situação como aquela, por tanto tempo, a gente acaba assumindo certas responsabilidades, um pelo outro. Se eu não tivesse escapado, seria o Major Coolidge que agora estaria falando com o meu filho Jim. Mas do jeito que as coisas saíram sou eu quem está falando com você, Butch. Eu tenho algo pra você.

*O capitão puxa um relógio de pulso de ouro de seu bolso.*

CAP. KOONS

— Esse relógio que está aqui foi adquirido pelo seu bisavô. Foi comprado numa pequena loja de departamentos em Knoxville, Tennessee, durante a Primeira Guerra Mundial. Foi comprado pelo soldado raso Erine Coolidge no dia em que ele partiu para Paris. Foi o relógio de guerra de seu bisavô, feito pela primeira fábrica de relógios de pulso que existiu. Porque você sabe, até então, as pessoas costumavam carregar relógios em seus bolsos. Seu bisavô usou esse relógio todos os dias enquanto ele esteve na guerra. Quando acabou de cumprir seu dever, voltou para casa, para sua bisavó, tirou o relógio do pulso e o guardou numa velha lata de café. E ali ele ficou até que seu avô Dane Coolidge foi convocado por sua pátria para atravessar o mar e combater os alemães novamente. Desta vez era a Segunda Guerra Mundial. Seu bisavô deu para seu avô para lhe dar sorte. Infelizmente, a sorte de Dane não foi igual à do pai. Seu avô era um fuzileiro naval e foi morto com todos os outros fuzileiros na batalha de Wake Island. Seu avô estava enfrentando a morte e sabia disso. Nenhum daqueles rapazes tinha a menor ilusão de sair daquela ilha vivo. Então três dias antes dos japoneses tomarem a ilha,

seu vovô de 22 anos pediu a um atirador do serviço de transporte da aeronáutica chamado Winocki, um homem que ele jamais encontrara antes em sua vida, para entregar ao filho, que ele, por sua vez, jamais conhecera em carne e osso, seu relógio de ouro. Três dias mais tarde, seu avô foi morto. Mas Winocki cumpriu a promessa. Quando a guerra acabou, ele fez uma visita a sua avó, e entregou a seu pai o relógio de ouro do pai dele. Este relógio. Este relógio estava no pulso de seu pai quando acertaram o avião dele sobre Hanói. Ele foi capturado e levado para um campo de prisioneiros vietnamita. Ele sabia que se os chines vissem o relógio o confiscariam. Para o seu pai, o relógio era seu direito por nascimento. E que ele se danasse se algum cabeça de bagre poria suas mãos amarelas gosmentas no direito de seu filho. Então ele o escondeu num lugar onde sabia que podia esconder uma coisa bem escondida. Seu cu. Durante cinco longos anos ele escondeu esse relógio em seu cu. Quando ele morreu de disenteria, me deu o relógio. Eu escondi essa desconfortável badalhoça de metal no meu cu durante dois anos. Ai, depois de sete anos, fui mandado de volta para minha família. E agora, homenzinho, eu dou o relógio para você.

*Capitão Koons entrega o relógio a Butch. A mãozinha surge no quadro para aceitá-lo.*

*Corte para:*

#### 34. INT. — VESTIÁRIO — NOITE

*Butch Coolidge, 27 anos, está vestido com toda a parafernália do boxe: calções, tênis e luvas. Ele está deitado numa mesa tirando o maior cochilo, zzzzzz, antes de sua grande luta. Assim que cortamos para ele, ele se levanta num sobressalto. Abalado pela lembrança bizarra, ele enxuga a face suarenta com a luva.*



Seu treinador, Klondike, um ex-massa bruta envelhecido, abre a porta ligeiramente, esticando o pescoço para dentro do quarto. Um perfeito pandemônio parece arrebentar por trás de Klondike, no corredor.

KLONDIKE

– Tá na hora, Butch.

BUTCH

– Tô pronto.

Klondike entra, fechando a porta, mantendo a turba enfurecida lá fora. Ele vai até o longo robe amarelo pendurado num cabideiro. Butch pula da mesa e, sem dizer uma palavra, Klondike o ajuda a vestir seu robe, que tem escrito atrás: *Lutador Butch Coolidge*.

Os dois homens se dirigem para a porta. Klondike abre a porta para Butch. À medida que Butch avança pelo corredor, a multidão enlouquece. Klondike fecha a porta, deixando-nos no silencioso e vazio vestiário.

Fade para black:

Cartão título: “O relógio de ouro”

Ouvimos ao fundo do preto-e-branco do título:

LOCUTOR ESPORTIVO 1 (off)

– ... bem, Dan, esta talvez tenha sido a mais sangrenta e, sem dúvida, a luta mais brutal que esta cidade já assistiu.

Som de caos ao fundo.

Fade in:

### 35. EXT. – BECO (CHOVENDO) – NOITE

Um táxi está parado no beco escuro próximo ao ginásio. O céu está mandando descer água. Dolly lenta para o carro estacionado. Pode-se ouvir o som do rádio do carro.

LOCUTOR ESPORTIVO 1 (off)

– ... Coolidge se mandou do ringue mais rápido do que qualquer outro lutador vitorioso que eu já tenha visto. Você acha que ele sabia que Willis estava morto?

LOCUTOR ESPORTIVO 2 (off)

– Aposto que sim, Richard. Da posição em que eu estou eu pude ver seu olhar frenético ao perceber o que estava fazendo. Acho que qualquer outro homem teria se mandado do ringue tão rápido quanto ele.

Fusão:

### 36. INT. – TÁXI (ESTACIONADO/CHUVA) – NOITE

Dentro do táxi, ao volante, está uma motorista chamada Esmarelda Villalobos. Jovem, com ar hispânico, ela está sentada no carro estacionado, bebendo um fumegante café de um copo plástico branco.

Os locutores esportivos prosseguem em sua cobertura.

LOCUTOR ESPORTIVO 1 (off)

– Você acha que essa morte trágica no ringue terá algum efeito no mundo do boxe?

LOCUTOR ESPORTIVO 2 (off)

– Ah, Dan, uma tragédia como essa é claro que vai sacudir o mundo do boxe em suas bases. Mas é de importância capital que, nas próximas tristes semanas, os olhos das autoridades esportivas se fixem firmemente em... CLICK...

Esmarelda desliga o rádio.

Ela bebe um gole de café, aí ouve um barulho atrás dela no beco. Ela estica o pescoço para fora do carro e vê:

Uma janela no terceiro andar abrindo no lado do ginásio que dá para o beco. Uma sacola de ginástica é jogada para uma lata de lixo debaixo da janela. Então, Butch Coolidge, ainda vestido em seus calções de boxe, tênis e luvas e robe amarelo, pula para a lata de lixo.

Esmarelda parece reagir bem à estranheza dessa visão.

Sacola de ginástica na mão, Butch sai de dentro da lata de lixo e corre até o táxi. Antes de entrar, ele tira o robe e o atira ao chão.

38. INT. – TÁXI (ESTACIONADO/CHUVA) – NOITE

*Butch, molhado até os ossos, nu, exceto pelos calções, tênis e luvas, pula no assento traseiro, batendo a porta.*

*Esmarelda, olhando em frente, firme, fala com Butch através do espelho retrovisor:*

ESMARELDA (sotaque espanhol)

– Você é o homem que eu deveria pegar?

BUTCH

– Se você é o táxi que eu chamei, eu sou o cara que você deveria pegar.

ESMARELDA

– Pra onde?

BUTCH

– Pra longe daqui.

*A chave da ignição é girada. O motor do carro acorda para a vida. O velocímetro dispara.*

*O pé nu de Esmarelda calca o acelerador.*

39. EXT. – GINÁSIO DE BOXE (CHUVA) – NOITE

*O táxi arranca para fora do beco, deslizando como um peixe pelo pavimento molhado em frente ao ginásio, em alta velocidade.*

40. INT. – VESTIÁRIO DE WILLIS (GINÁSIO) – NOITE

*A porta do vestiário se abre, English Dave braceja seu caminho através do tumulto que impera no corredor, batendo a porta na cara da loucura. Uma vez lá dentro, English Dave perde um tempinho ajeitando seu terno e gravata.*

*No quarto, o lutador de boxe negro Floyd Ray Willis está deitado sobre uma mesa – morto. O rosto parece ter sido vítima de uma colméia em fúria. Seu treinador está de joelhos, a cabeça*

*pousada sobre o peito de Floyd, chorando sobre o corpo. Ele murmura.*

TREINADOR

– Meu Deus, perdoa... Perdoa, meu Deus... não deviam ter feito isso... não deviam...

*A figura maciça que é Marsellus Wallace está de pé ao lado da mesa, a mão no ombro do treinador, dando apoio moral. Ainda não é desta vez que vemos Marsellus claramente, mas dá para perceber que ele é grande.*

*Mia está sentada numa cadeira do outro lado do quarto.*

ENGLISH DAVE

– Marsellus.

*A visão de English Dave:*

*A figura do outro lado da sala se vira para Dave. Com a mão ele afasta Mia.*

MARSELLUS (para o treinador)

– English Dave tá aqui. Preciso falar com ele, mas não vou a lugar nenhum, voltarei logo.

*Mia se inclina sobre o treinador e passa o braço em torno dele.*

*Plano médio de English Dave.*

*Marsellus caminha em sua direção.*

MARSELLUS

– Que que tu conseguiu?

ENGLISH DAVE

– Ele rapou fora.

MARSELLUS

– E o treinador?

ENGLISH DAVE

– Disse que não sabe de nada. Confio nele. Acredito que ficou tão surpreso quanto a gente.

MARSELLUS

– Não queremos acreditar, queremos saber. Leve-o para o canil, ponha os cães no rabo dele. Vamos descobrir o que ele sabe e o que não sabe.

ENGLISH DAVE

– E a caça a Butch? Como vai ser?

MARSELLUS

– Estou disposto a passar um pente fino nessa terra atrás desse filho da puta. Se Butch for para a Indochina, quero um negão escondido numa tigela de arroz, pronto pra enfiar uma bala no cu dele.

ENGLISH DAVE

– Deixa comigo.

41. INT. – TÁXI (EM MOVIMENTO/CHUVA) – NOITE

*Butch tira uma de suas luvas de boxe.*

*Esmarelda observa pelo retrovisor.*

*Ele tenta baixar o vidro de uma das janelas traseiras, mas não consegue encontrar a manivela.*

BUTCH

– Ei, como eu faço pra abrir essa janela aqui de trás?

ESMARELDA

– Só eu posso fazer isso.

*Ela aperta um botão e a janela desliza para baixo. Butch atira sua luva pela janela, e começa a desamarrar a outra. É demais para Esmarelda agüentar calada.*

ESMARELDA

– Ei moço?

BUTCH (*ainda ocupado com a luva*)

– O quê?

ESMARELDA

– Você tava nessa luta? Essa que o rádio tava falando, era você o lutador?

*Ela pergunta enquanto ele arremessa a outra luva pela janela.*

BUTCH

– O que te fez pensar isso?

ESMARELDA

– Ora, vamos, você é ele, eu sei que é, me diz que é.

BUTCH (*se enxugando com a toalha de ginástica*)

– Eu sou ele.

ESMARELDA

– Você matou o outro lutador.

BUTCH

– Ele morreu?

ESMARELDA

– O rádio diz que ele morreu.

*Ele termina de se enxugar.*

BUTCH (*para si mesmo*)

– Desculpa o mau jeito, Floyd.

*Ele atira a toalha pela janela.*

*Em silêncio, Butch procura em sua sacola uma camiseta.*

ESMARELDA

– Como é que você se sente?

BUTCH (*encontrando a camiseta*)

– Sinto o quê?

ESMARELDA

– Matando um homem. Batendo num homem com suas mãos até que ele morra.

*Butch veste a camiseta.*

BUTCH

– Você é alguma espécie de tarada?

ESMARELDA

– Não, é um assunto que me interessa. Você é a primeira pessoa que eu conheço que já matou alguém. Então, como é que é matar um homem?

BUTCH

– Ficamos assim, você me dá um de seus cigarros, eu te respondo.

*Esmarelda se assanha toda em seu assento.*

ESMARELDA

– Combinado.

*Butch se inclina para a frente. Esmarelda, mantendo seus olhos na estrada, passa o cigarro para ele, atrás. Ele pega um. Então, ainda sem olhar para trás, ela levanta a mão, com um fósforo aceso. Butch acende seu cigarro, e sopra o fósforo. Ele dá uma longa tragada.*

BUTCH

– Então...

*Ele olha para a carteira de motorista dela.*

BUTCH

– ... Esmarelda Villalobos... é um nome mexicano?

ESMARELDA

– O nome é espanhol, mas eu sou colombiana.

BUTCH

– É um nome muito bonito.

ESMARELDA

– Quer dizer Esmarelda dos Lobos.

BUTCH

– Você tem um puta nome, gata.

ESMARELDA

– Obrigada. E o seu nome qual é?

BUTCH

– Butch.

ESMARELDA

– Butch. O que quer dizer?

BUTCH

– Eu sou americano e nossos nomes não querem dizer porra nenhuma. Enfim, vamos em frente, o que você quer saber, Esmarelda?

ESMARELDA

– Quero saber como alguém se sente ao matar um homem.

BUTCH

– ... Não posso te dizer. Eu não sabia que ele tava morto até que você falou que ele tava morto. Agora que eu sei que ele tá morto você quer saber como eu me sinto a respeito disso?

*Esmarelda abana a cabeça: "sim".*

BUTCH

– Eu não me sinto nem um pouco mal. Quer saber por quê, Esmarelda?

*Esmarelda abana a cabeça: "sim".*

BUTCH

– Porque eu sou um boxeador. E dito isso, há pouco mais o que dizer a meu respeito. Talvez aquele filho da puta dessa noite tenha sido algum dia em algum tempo um boxeador. Se ele foi, então morreu antes mesmo que seu rabo esquentasse o ringue. Eu só aliviei a desgraça daquele miserável bastardo. Agora se ele nunca foi um boxeador...

*(Butch tira uma baforada)...*

– Então ele levou o que merecia por foder meu esporte.

#### 42. EXT. – CABINE TELEFÔNICA – NOITE

*Dolly em torno da cabine telefônica, em cujo interior Butch está falando.*

BUTCH *(ao telefone)*

– O que eu te digo é, assim que a morte se espalhar, as coisas vão fugir ao nosso controle.

BUTCH *(continuando)*

– Ei, se ele fosse melhor lutador ele estaria vivo. Se, para começar o papo, ele nunca tivesse apertado suas luvas, o que, por sinal, ele nunca deveria ter feito, ele estaria vivo. Chega de falar do azarento Sr. Floyd, vamos falar sobre o rico e próspero Sr. Butch. Pra quantos bookmakers você espalhou a notícia?

*(pausa)*

— Oito? Quanto tempo vai levar pra recolher toda a grana?

(pausa)

— Então, amanhã à noite, você terá tudo na mão?

(pausa)

— Grandes novidades, Scotty, ótimas novidades — tudo bem, algumas perdas no caminho. Eu e Fabian vamos embora pela manhã. Vai levar alguns dias até a gente alcançar Knoxville. A próxima vez que a gente se vir, vai ser na hora local do Tennessee.

*Butch desliga o telefone. Ele olha para o táxi esperando para levá-lo aonde quer que queira ir.*

BUTCH (para si mesmo, em francês, com legendas em inglês)

— Fabian, minha querida, nossa aventura está começando.

#### 43. EXT. — MOTEL (PAROU A CHUVA) — NOITE

*O táxi de Esmarelda entra no estacionamento. A chuva parou, mas a noite ainda está encharcada. Butch salta, agora completamente vestido de camiseta, jeans e blusão de atleta colegial. Ele se inclina para a janela da motorista.*

ESMARELDA

— Quarenta e cinco e sessenta.

*Ele lhe estende o dinheiro.*

BUTCH

— *Merci beaucoup.* E tome alguma coisa a mais pelo seu esforço.

*Butch segura no alto uma nota de cem dólares. Os olhos de Esmarelda falscam. Ela se estica para pegar a nota. Butch a segura fora do seu alcance.*

BUTCH

— Agora, se alguém lhe perguntar quem foi a sua corrida dessa noite, o que você vai contar pra eles?

ESMARELDA

— A verdade. Três mexicanos amorenados e muito bem vestidos.

*Ele dá a nota para ela.*

BUTCH

— *Bon soir,* Esmarelda.

ESMARELDA (em espanhol)

— Durma bem, Butch.

*Ele dá uma beliscada no nariz dela, ela sorri, ele se vira e caminha. Ela parte.*

#### 44. INT. — MOTEL (QUARTO SEIS) — NOITE

*Butch entra e acende a luz.*

*Deitada toda enroscada na cama, completamente vestida, com as costas voltadas para Butch está sua namorada francesa, Fabian.*

FABIAN

— Deixe a luz apagada.

*Butch desliza o botão para trás, tornando o quarto escuro, novamente.*

BUTCH

— Assim está melhor, doçura?

FABIAN

— *Oui.* Dia duro no escritório?

BUTCH

— Bem duro. Entrei numa briga.

FABIAN

— Coitadinho. Vamos namorar?

*Butch sobe na cama e bolina Fabian, por trás.*

*Quando Butch e Fabian voltam a falar um com o outro é em linguagem infantil.*

FABIAN

— Eu estava me olhando no espelho.

BUTCH

– Á-hã?

FABIAN

– Eu adoraria ter um bandulhinho.

BUTCH

– Você tava se olhando no espelho e desejou um bagulhinho?

FABIAN

– Um bandulhinho. Uma barriguinha. Barriguinhas são muito sensuais.

BUTCH

– Você deveria estar feliz, então, porque você tem uma.

FABIAN

– Cala a boca, gorducho! Eu não tenho barriguinha! O que eu tenho é uma ligeira saliência, como a Madonna quando gravou *Lucky star*, não é a mesma coisa.

BUTCH

– Eu ainda não tinha percebido que havia uma diferença entre saliência e barriguinha.

FABIAN

– A diferença é substancial.

BUTCH

– Você gostaria que eu tivesse uma barriguinha?

FABIAN

– Não. Barriguinhas fazem o homem parecer um peixe barrigudo ou um gorila. Mas numa mulher, uma barriguinha pode ser sexy. O resto pode ser normal. Rosto normal, pernas normais, quadris normais, bunda normal, mas com uma definida e perfeitamente redonda barriguinha. Se eu tivesse uma, eu vestiria camisetas dois números menores só para valorizá-la.

BUTCH

– Você acha que os caras iriam achar isso atraente?

FABIAN

– Eu não dou a mínima para o que os homens acham atraente. É uma pena que o que nós achamos agradável ao toque e o que é agradável à vista raramente combinam.

BUTCH

– Se você tivesse uma barriguinha, eu socaria ela para dentro.

FABIAN

– Você socaria minha barriga?

BUTCH

– Bem no meio.

FABIAN

– Eu te sufocaria. Eu a enfiaria bem no meio da tua cara até você parar de respirar.

BUTCH

– Você faria isso comigo?

FABIAN

– Faria!

BUTCH

– Você pegou tudo, doçura?

FABIAN

– Peguei, sim.

BUTCH

– Bom trabalho.

FABIAN

– Correu tudo como você planejou?

BUTCH

– Você não ouviu no rádio?

FABIAN

– Nunca acompanho suas lutas. Você ganhou?

BUTCH

– Se ganhei.

FABIAN

– E mesmo assim você vai se aposentar?

BUTCH

– Claro que vou.

FABIAN

– E o que aconteceu com o homem com quem você lutou?

BUTCH

– Floyd se aposentou também.

FABIAN (*sorrindo*)

– Mesmo?! Ele nunca mais vai lutar?

BUTCH

– Nunquinha.

FABIAN

– Então, deu tudo certo no final?

BUTCH

– Ainda não chegamos ao final, baby.

*Fabian rola para o lado e Butch fica em cima dela. Eles se beijam.*

FABIAN

– Estamos correndo grande perigo, não é?

*Butch abana a cabeça: "sim".*

FABIAN

– Se eles nos encontrarem, eles nos matam, não é?

*Butch abana a cabeça: "sim".*

FABIAN

– Mas eles não vão nos encontrar, não é?

*Butch abana a cabeça: "não".*

FABIAN

– Você ainda quer que eu vá com você?

*Butch abana a cabeça: "sim".*

FABIAN

– Eu não quero ser um peso ou um estorvo...

*A mão de Butch sai de cena e começa a massagear a virilha dela.*

*Fabian reage.*

FABIAN

– Diz!

BUTCH

– Fabian, quero que você venha comigo.

FABIAN

– Para sempre?

BUTCH

–... e para sempre.

*Fabian volta a pousar a cabeça.*

*Butch continua a massageá-la.*

FABIAN

– Você me ama?

BUTCH

– *Oui.*

FABIAN

– Butch? Você me daria prazer oral?

*Butch beija-lhe a boca.*

BUTCH

– Você o beijaria?

*Ela abana a cabeça: "sim".*

FABIAN

– Mas primeiro você.

*A cabeça de Butch se inclina para baixo do quadro para iniciar o sexo oral. O rosto de Fabian está sozinho no quadro.*

FABIAN (*em francês, com legendas em inglês*)

– Butch, meu amor, a aventura está começando.

*Fade para black:*

*Fade up:*

#### 45. QUARTO DE MOTEL

Mesmo quarto de motel, agora vazio. Ouvimos o som de água de chuveiro correndo no banheiro. A câmera se desloca para a porta do banheiro. Vemos Fabian num robe branco felpudo que parece engoli-la. Ela está enxugando seus cabelos com uma toalha. Butch está no chuveiro tomando banho. Vemos os contornos de seu corpo nu através do vidro fumê do boxe. O banheiro está cheio de vapor. Butch desliga o chuveiro e abre a porta, colocando a cabeça para fora.

BUTCH

– Acho que quebrei uma costela.

FABIAN

– Ao fazer sexo oral?

BUTCH

– Não, retardada, por causa da luta.

FABIAN

– Não me chame de retardada.

BUTCH (com voz de mongolóide)

– Meu nome é Fabby! Meu nome é Fabby!

FABIAN

– Cala a boca, seu filho da puta! Eu odeio essa voz de mongolóide.

BUTCH

– Ok, desculpe, desculpe, desculpe, eu retiro tudo! Pode me dar minha toalha por favor, Senhorita Bela Tulipa?

FABIAN

– Oh, eu gosto disso, eu gosto de ser chamada de tulipa.

Tulipa é bem melhor do que mongolóide.

Ela termina de secar o cabelo e enrola a toalha como se fosse um turbante.

BUTCH

– Eu não te chamei de mongolóide, eu te chamei de retardada, mas retirei.

Ela entrega a toalha para ele.

BUTCH

– *Merci beaucoup.*

FABIAN

– Butch?

BUTCH (secando os cabelos)

– Diga, minha tortinha de limão.

FABIAN

– Onde é que nós vamos?

BUTCH

– Ainda não tenho certeza. Onde você quiser. Vamos tirar um dinheirão dessa história toda. Mas mesmo que não seja tanto assim, será o suficiente pra gente viver feito uns nababos pra sempre. Eu pensei em ir pra algum lugar no Pacífico sul. O tipo de dinheiro que vamos ter pode nos manter por um bom tempo pelos lados de lá.

FABIAN

– Quer dizer que se a gente quiser, pode viver em Bora-Bora?

BUTCH

– Tranquilo. E se depois de algum tempo você estiver de saco cheio de Bora-Bora, podemos nos mudar para o Taiti ou México.

FABIAN

– Mas eu não sei falar espanhol.

BUTCH

– Você não sabe falar bora-boriano tampouco. Depois, mexicano é fácil: *Donde esta el zapataria?*

FABIAN

– O que quer dizer?

BUTCH

– Onde fica a sapataria?



FABIAN

– *Donde esta el zapataria?*

BUTCH

– Ótima pronúncia. Você será uma *mamacita* em pouco tempo.

*Butch sai do banheiro. Nós prosseguimos com Fabian enquanto ela escova os dentes.*

*Butch continua gritando do quarto.*

BUTCH (off)

– *Que hora es?*

FABIAN

– *Que hora es?*

BUTCH (off)

– *Que horas são?*

FABIAN

– *Que horas são?*

BUTCH (off)

– *Hora de dormir. Tenha bons sonhos, gostosinha.*

*Fabian escova os dentes. Nós a observamos por uns momentos, então ela se lembra de algo.*

FABIAN

– *Butch.*

*Ela sai do banheiro e pergunta a Butch alguma coisa, mas percebe que ele está em sono profundo.*

FABIAN

– *Esqueça.*

*Ela sai do quadro, volta ao banheiro. Plano aberto do inconsciente Butch sobre a cama.*

*Fade para black:*

*Fade up:*

#### 46. QUARTO DE MOTEL – MANHÃ

*Mesmo quadro anterior, na manhã seguinte. Encontramos Butch ainda adormecido sobre a cama.*

*Fabian escova seus dentes a meio caminho entre o quarto e o banheiro de modo que possa dar uma olhada na televisão ao mesmo tempo. Ela continua vestida com o robe atalhado da noite anterior.*

*Na televisão: William Smith e um bando de Hell's Angels estão acabando com um exército inteiro de vietnamitas no filme The Losers.*

*Butch desperta de seu sono, como se um monstro horrível o estivesse perseguindo. Seu sobressalto sobressalta Fabian.*

FABIAN

– *Merde! Você me assustou. Você teve um sonho ruim?*

*Butch mira, olho torto, a parte da frente da cama, na direção dela, tentando focalizar.*

BUTCH

– *... é... você ainda está escovando seus dentes?*

FABIAN

– *Você me conhece. Eu escovo dentes a noite inteira, até de manhãzinha. Você acha que isso significa que eu tenho algum problema?*

*Fabian volta ao banheiro para cuspir.*

*Se ela pretendia ser sarcástica, perdeu tempo com Butch àquela hora da manhã.*

*Butch, ainda tentando espanar as teias de seu sono, vê os Hell's Angels na televisão fazendo picadinhos em um campo de prisioneiros vietnamita.*

BUTCH

– *O que você está assistindo?*

FABIAN

– *Um filme de motocicletas que eu não sei o nome.*

BUTCH

– *Você está assistindo isso?*

*Fabian volta ao quarto.*

FABIAN

– De certo modo. Por quê? Você quer que eu desligue?

BUTCH

– Faça isso, por favor?

*Ela alcança o botão e desliga a televisão.*

BUTCH

– É muito cedo pra guerra e explosões.

FABIAN

– Era sobre o quê?

BUTCH

– Eu não sei, você é que tava assistindo.

*Fabian ri.*

FABIAN

– Não, *imbecile*, sobre o que era o seu sonho?

BUTCH

– Oh, eu... não lembro. É muito raro eu lembrar um sonho.

FABIAN

– Você acabou de acordar desse.

BUTCH

– Fabian, não estou mentindo pra você, eu não consigo lembrar.

FABIAN

– Muito bem, vamos observar um homem belicoso ao acordar. Eu não disse que você estava mentindo, só é engraçado você não lembrar seus sonhos. Eu sempre lembro os meus. Você sabia que fala dormindo?

BUTCH

– Eu não falo dormindo, eu falo dormindo?

FABIAN

– Você falou a noite passada.

BUTCH

– O que eu disse?

FABIAN (*subindo em Butch*)

– Eu não sei. Não consegui entender.

*Ela beija Butch.*

FABIAN

– Por que você não se levanta e encomendamos um café da manhã com panquecas, lá embaixo?

BUTCH

– Mais um beijo e eu levanto.

*Fabian dá um longo e doce beijo em Butch.*

FABIAN

– Satisfeito?

BUTCH

– Nossa!

FABIAN

– Então levanta, preguiçoso.

*Butch engatinha para fora da cama e começa a tirar roupas da mala que Fabian trouxe.*

BUTCH

– Que horas são?

FABIAN

– Quase nove da manhã. Que horas é o trem?

BUTCH

– Onze.

*Ela olha para ele enquanto ele observa um par de calças.*

FABIAN

– Essas calças são legais. Que tal usar elas com aquela bonita camisa azul que você tem?

*Ele puxa a camisa azul de dentro da mala.*

BUTCH

– Essa?

FABIAN

– Essa mesma. Combina.

BUTCH

– Ok.

*Ele veste as roupas.*

FABIAN

– Vou encomendar um prato bem grande com panquecas de amoras e melado, ovos à vontade e cinco salsichas.

BUTCH (*surpreso com o apetite potencial dela*)

– Algo pra beber com isso tudo?

*Butch acabou de se vestir.*

FABIAN (*referindo-se às roupas dele*)

– Ah, elas parecem bem assim. Para beber, um copo duplo de suco de laranja e uma xícara de café preto. Depois, para completar, um pedacinho de torta.

*Ela continua, enquanto ele busca algo nas malas.*

BUTCH

– Torta no café da manhã?

FABIAN

– Qualquer hora do dia é uma boa hora para tortas. Torta de amoras combina com as panquecas. E em cima delas, uma camada bem fina de requeijão...

BUTCH

– Onde está meu relógio?

FABIAN

– Está aí.

BUTCH

– Não, não está. Não está aqui.

FABIAN

– Você procurou bem?

*Nesse ponto, Butch está desarrumando freneticamente suas malas.*

BUTCH

– Claro que procurei bem essa porra!

*Ele agora está arremessando roupas.*

102 .....

.....PULP FICTION

BUTCH

– O que você acha que eu estou fazendo? Você tem certeza que trouxe?

*Fabian mal consegue falar, ela nunca viu Butch nesse estado.*

FABIAN

– Ahhh....sim... ao lado da gaveta da mesa-de-cabeceira...

BUTCH

–... no pequeno canguru.

FABIAN

– Isso mesmo, estava no seu pequeno canguru.

BUTCH

– Mas não está aqui!

FABIAN (*a ponto de explodir em lágrimas*)

– Mas deveria estar!

BUTCH

– Definitivamente deveria estar aqui, mas não está. Então, onde está?

*Fabian está chorando, apavorada.*

*Butch abaixa a voz, o que só serve para torná-la mais ameaçadora.*

BUTCH

– Fabian, era a porra do relógio do meu pai. Você sabe o que ele passou pra me dar aquele relógio?... Não vou entrar em detalhes agora... mas foi coisa pra caramba. Essa porra toda, você poderia ter posto fogo nela, mas eu te avisei especificamente para não esquecer do relógio do meu pai. Agora, tente lembrar, você o apanhou?

FABIAN

– Acredito que sim...

BUTCH

– Você acredita que sim? Ou você pegou, ou não, qual dos dois?

..... 103

FABIAN

– Então, peguei.

BUTCH

– Tem certeza?

FABIAN (*tremendo*)

– Não.

*Butch tem um ataque, golpeia o ar.*

*Fabian grita e se enrincheira num canto.*

*Butch pega a televisão do motel e a atira de encontro à parede.*

*Fabian grita de horror.*

*Butch olha na direção dela, subitamente calmo.*

BUTCH (*para Fabian*)

– Não! Não é sua culpa.

(*ele se aproxima dela*)

– Você o deixou no apartamento.

*Ele se ajoelha em frente à mulher, que escorregou para o chão.*

*Ele toca a mão dela, ela recua.*

BUTCH

– Se você esqueceu no apartamento, não é culpa sua. Eu fiz você trazer uma porção de coisas. Eu te lembrei de trazer ele, mas não esclareci como ele era importante pra mim. Se pra mim o mais putamente importante era o relógio, eu tinha que ter te dito. Você não é obrigada a ler minha mente.

*Ele beija a mão dela. Então se levanta.*

*Fabian ainda está fungando.*

*Butch vai até o armário.*

FABIAN

– Desculpe.

*Butch pega seu blusão de atletismo.*

BUTCH

– Deixa pra lá. Isso só quer dizer que eu não vou poder tomar café com você.

FABIAN

– Por que quer dizer isso?

BUTCH

– Porque eu vou voltar ao meu apartamento pra apanhar o meu relógio.

FABIAN

– Os gângsteres não vão estar lá esperando por você?

BUTCH

– Isso é o que eu vou descobrir. Se eles estiverem, e eu achar que não consigo encarar eles, eu saio fora.

*Ela se levanta do chão.*

FABIAN

– Meu bem, eu não quero que você seja morto por causa de um relógio bobo.

BUTCH

– Número um, não é um relógio bobo. Número dois, não vou ser morto. E número três, não tenha medo. Não vou deixar que nada interfira em nossa vida futura feliz, juntos.

FABIAN

– E o nosso trem?

BUTCH

– Ainda temos algumas horas.

FABIAN

– Estou me sentindo péssima. Eu vi seu relógio, achei que o tinha trazido. Me desculpe.

*Butch a aproxima e põe as mãos em seu rosto.*

BUTCH

– Não fique assim, doçura. Nada que você faça me deixará nunca aborrecido com você por muito tempo.

(*pausa*)

– Eu te amo, lembra-se?

(*ele procura dinheiro em sua carteira*)

— Aqui está dinheiro pra você pedir aquelas panquecas e comer um ótimo café da manhã.

FABIAN

— Não vá.

BUTCH

— Eu estarei de volta antes que você possa dizer torta de amoras.

FABIAN

— Torta de amoras.

BUTCH

— Não tão rápido assim, mas bem rápido. Ok? Ok?

FABIAN

— Ok.

*Ele a beija ainda outra vez enquanto caminha na direção da porta.*

BUTCH

— Bye, bye, doçura.

FABIAN

— Bye.

BUTCH

— Vou levar seu Honda.

FABIAN

— Ok.

*E com isso, ele sai porta afora.*

*Fabian senta na cama e olha para o dinheiro que ele lhe deu.*

#### 47. INT. — HONDA (EM MOVIMENTO) — DIA

*Butch está batendo no volante e painel com seus punhos, à medida que dirige rua abaixo.*

BUTCH

— De todas as merdas que ela podia ter esquecido, ela esqueceu o relógio do meu pai. Eu avisei pra ela não esquecer.

“Mesa-de-cabeceira — no canguru.” Eu disse as palavras: “Não esqueça o relógio de papai.”

#### 48. EXT. — RUA DA CIDADE — DIA

*O pequeno Honda voa para seu destino, tão rápido quanto o seu pequeno motor lhe permite.*

#### 49. INT. — HONDA (EM MOVIMENTO) — DIA

*Butch continua:*

BUTCH

— Que porra estou fazendo? Será que levei pancadas demais na cabeça? Só pode ser isso. Cérebro danificado é a única desculpa pra essa atitude burra. Pare o carro, Butch.

*(ele continua dirigindo)*

— Pare o carro, Butch.

*(ele não presta atenção a ele mesmo)*

— Butch, estou falando com você. Ponha-o-pé-no-freio.

*O pé de Butch aterrissa com toda a força no freio.*

#### 50. EXT. — RUA DA CIDADE — DIA

*O pequeno Honda derrapa até parar no meio da rua. Butch pula para fora do carro como se ele estivesse em chamas.*

*Butch começa a andar para lá e para cá, falando consigo mesmo, alheio aos passantes e ao tráfego.*

BUTCH

— Não vou fazer isso. Essa é uma iniciativa de alguém pancada das idéias e eu não estou pancada! Papai entenderia perfeitamente. Se ele tivesse aqui agora mesmo, ele diria, “Butch, cai na real. É a porra de um relógio, cara. Você perde um aqui, ganha outro ali. É sua vida que você tá prestes a foder, coisa que você não devia fazer, porque você só tem uma vida”.

*Butch continua a andar para lá e para cá, mas agora em silêncio. Então...*

BUTCH

— Essa é minha guerra. Vê se entende, Butch, o que você está esquecendo é que esse relógio não é só uma coisa que serve pra marcar o tempo. Esse relógio é um símbolo. Um símbolo de como seu pai, e o pai dele antes dele, e o pai dele antes do pai dele, se destacaram em guerras. E quando eu peguei o dinheiro do Marsellus Wallace, eu comecei uma guerra. Essa é minha Segunda Guerra Mundial. Aquele apartamento em North Hollywood é minha Wake Island. De fato, se olharmos por esse ângulo é até sorte que a Fabian tenha esquecido ele. E ainda por essa perspectiva, voltar por causa dele não é estúpidez. Pode ser perigoso, mas não é estúpido. Porque há algumas coisas no mundo pelas quais vale a pena a gente voltar.

*É isso aí, Butch se convenceu novamente. Ele pula para dentro do carro, gira a chave e parte.*

*Corte para:*

*A bandeira vermelha de um parquímetro se levanta e salta para fora, deixando a seta indicando uma hora.*

**51. EXT. — ESQUINA DE RUA RESIDENCIAL — DIA**

*Butch não corre todos os riscos. Ele deixa seu carro estacionado a algumas quadras do seu apartamento para poder verificar o cenário antes de desembestar pela porta da frente.*

**52. EXT. — BECO — DIA**

*Butch desce o beco até chegar à travessia da outra rua, através de uma cancela, que ele escrutina com discrição.*

**53. EXT. — RUA — APARTAMENTO DE BUTCH — DIA**

*Tudo parece normal. O número mais ou menos certo de carros na rua. Nenhum dos carros estacionados parece fora de lugar. Nenhum deles tem um par de trogloditas dentro. Tudo parece*

*basicamente dentro dos padrões das atividades matinais em frente ao lar de Butch.*

*Butch examina atentamente a parede, absorvendo informações vitais.*

BUTCH (*para si mesmo*)

— Tudo parece tranchã. Aparências podem enganar, mas acho que não é o caso, desta vez. Por que gastar a força de combate do chefão para montar guarda à minha casa? Eu teria que ser uma porra de idiota pra voltar aqui. É assim que você vai ganhar deles, Butch, eles continuam subestimando você.

*Butch sai do beco e está pronto para o que der e vier. Ele atravessa a rua e entra no pátio de seu prédio de apartamentos.*

*Do outro lado da rua, em frente ao prédio de Butch, na esquina, fica uma combinação de confeitaria com restaurante japonês.*

*Um letreiro grande se destaca no ar, com o nome Teriyaki Donut e o símbolo gráfico de uma rosquinha emergindo de uma cuia de arroz.*

**54. EXT. — PÁTIO DO PRÉDIO DE BUTCH — DIA**

*Butch está no pátio de seu prédio de apartamentos em North Hollywood. Mais uma vez tudo aparenta normalidade — na lavanderia, na piscina, na porta de seu apartamento — nada parece indicar qualquer perturbação da ordem.*

*Butch sobe as escadas que levam a seu apartamento, número 12. Ele permanece estático do lado de fora da porta, tentando captar sons do interior. Nada.*

*Butch lentamente insere a chave na fechadura, abrindo a porta devagarinho.*

**55. INT. — APARTAMENTO DE BUTCH — DIA**

*Seu apartamento parece intocado.*

*Ele entra cautelosamente, fecha a porta e olha rapidamente à sua volta. Não há obviamente ninguém por aqui.*

Butch vai até sua modesta cozinha e abre a geladeira. Ele tira uma caixinha de leite e bebe. Com a caixinha na mão, Butch investiga o apartamento. Então vai até o quarto.

O seu quarto é como o restante do apartamento – limpo, vazio e despersonalizado. Os únicos objetos pessoais são troféus de boxe, uma medalha de prata olímpica, um número da Ring Magazine, com Butch na capa, emoldurado, e dois pôsteres, um de Jerry Quarry, outro de George Chuvalo.

E claro, lá está seu relógio, exatamente onde ele disse que estava: na mesa-de-cabeceira, pendurado na estátua do pequeno canguru.

Ele pousa a caixa de leite na mesa-de-cabeceira, pega o relógio, verifica a hora e o coloca no pulso. Sorrindo, Butch pega novamente o leite e sai do quarto.

Ele atravessa o apartamento de volta à cozinha. Abre um armário e tira uma caixa de Pop Tarts. Pousando o leite, ele abre a caixa, tira duas torradas e as coloca na torradeira. Lançando uma olhadela à direita, seus olhos percebem algo. O que ele vê é uma pequena submetralhadora compacta Czech M61 com um baíta silenciador, repousando sobre a bancada da cozinha.

BUTCH (suavemente)

– Santo caralho.

Ele pega a intimidadora peça de artilharia e a examina.

Então... ouve-se uma descarga. Butch olha para a porta do banheiro, paralela à cozinha. Há alguém ali.

Como um coelho apanhado numa armadilha, Butch congela, sem saber o que fazer.

A porta do banheiro se abre e Vincent Vega sai, apertando o cinto. Em suas mãos ele traz um livrinho de Modesty Blaise, de Peter O'Donnell.

Vincent e Butch trocam olhares.

É a vez de Vincent congelar.

Butch não se move, exceto para apontar a M61 na direção de Vincent.

Nenhum dos dois homens abre a boca.

Então... a torradeira barulhentosamente projeta para fora as Pop Tarts.

Era a desculpa que a situação estava pedindo.

O dedo de Butch pressiona o gatilho.

Tiros abafados saem da arma.

Vincent naufraga visivelmente quando vinte balas simultaneamente o atingem, tirando-o do seu equilíbrio sobre os pés e o impulsionando, pelo ar, até esmagá-lo de encontro à porta de vidro do boxe no fundo do banheiro.

Quando Butch tira seu dedo do gatilho, Vincent está aniquilado.

Butch continua parado, estático, assombrado com o que acaba de acontecer. Seu olhar vai da massa pastosa que está no banheiro e já foi Vincent para a formidável peça de artilharia que ele controla.

Com o respeito que ela provou merecer, Butch cuidadosamente devolve a M61 à bancada da pia.

Em seguida foge do apartamento, o mais rápido possível.

#### 56. EXT. – PÁTIO DO APARTAMENTO – DIA

Butch, sem correr, mas andando a passo acelerado, atravessa o pátio...

...sai do prédio de apartamentos, atravessa a rua...

...passa pela cancela para o beco...

... e entra em seu carro, quadro feito por uma steadicam.

#### 57. EXT. – HONDA – DIA

Butch põe o carro em movimento bruscamente e passa deslizando suavemente pela porta de seu prédio.

58. INT. – HONDA – DIA

*Butch olha pela janela para sua antiga residência.*

BUTCH

– É assim que você vai ganhar deles, Butch. Eles continuam te subestimando.

*Isso faz o lutador de boxe rir em alto e bom som. Enquanto ri, enfia uma fita em seu gravador. Quando a música começa, ele canta junto.*

*Ele passa pelo apartamento, mas é obrigado a parar no sinal na esquina onde fica o Teriyaki Donut.*

*Butch ainda está regozijante, cantando sua canção, quando ele vê:*

*Pelo pára-brisa do carro, o mandachuva, ele mesmo, Marsellus Wallace, saindo do Teriyaki Donut, carregando uma caixa com uma dúzia de roscas e dois enormes copos de plástico com café. Ele põe o pé fora da calçada, atravessando a rua na frente do carro de Butch. É a primeira vez que o vemos nitidamente.*

*O rapaz sorridente pára quando vê o mandachuva vindo na direção dele.*

*Quando Marsellus está em frente ao carro de Butch, ele casualmente olha à sua esquerda, vê Butch, prossegue em seu caminho... aÍ PÁRA.*

*Vacilação do olhar: "Será que eu estou vendo o que estou vendo?"*

*Butch não espera o mandachuva responder à sua própria pergunta. Enfia o pé no acelerador.*

*O pequeno Honda abalroa Marsellus, mandando ele, suas roscas e seu café se esborracharem na calçada a cinquenta metros de distância.*

*Butch manobra no meio do tráfego e é fechado por um Camaro Z-28, que além de lhe quebrar todos os vidros, o faz subir na calçada.*

*Butch fica sentado, tonto e confuso, na esmagada barafunda que fora, até então, o Honda de Fabian. Sangue jorra de seu nariz. O resistente gravador continua tocando. Um pedestre enfia a cabeça no carro.*

PEDESTRE

– Jesus! Você está bem?

*Butch olha para ele, sem entender nada.*

BUTCH

– Acho que sim.

*Marsellus Wallace jaz espalhado no meio da rua. Um grupo de pessoas se aglomera ao redor de seu corpo.*

BABACA 1 (para os outros)

– Ele está morto! Ele está morto!

*O grito do panacão faz Marsellus voltar a si.*

*Dois pedestres ajudam a tirar o abalado Butch de dentro das ruínas.*

*O abalroado Marsellus se levanta.*

BABACA 2

– Se você precisar de uma testemunha no tribunal, vou adorar ajudar. Ele era um bêbado maníaco. Ele bateu em você e depois acabou com o próprio carro.

MARSELLUS (ainda incoerente)

– Quem?

BABACA 2 (apontando para Butch)

– Ele.

*Marsellus segue a direção do dedo do Babaca e vê Butch Coolidge mais abaixo na rua, um bagaço.*

MARSELLUS

– Que eu me dane inteiro.

*O grandalhão pega a sua 45 automática e os Babacas abrem espaço para ele. Marsellus começa a andar na direção de Butch. Butch vê a figura decidida zigzagueando em sua direção.*



BUTCH

– *Sacre bleu.*

*Marsellus levanta sua arma e atira, mas ele está tão machucado, tremelicante e tonto que seu braço está descontrolado. Ele atinge os quadris da mulher com cara de maluca. Ela cai no chão, gritando.*

CARA DE MALUCA

– *Ai, meu Deus, fui baleada!*

*É tudo que Butch precisa ver. Ele sai dali. Marsellus corre atrás dele.*

*A multidão está boquiaberta.*

*Butch enceta uma corrida doida e manca.*

*O grandalhão parece estar com fogo no rabo em sua corrida cambaleante e torta.*

*Butch corta pelo meio do tráfego e voa para dentro de um estabelecimento com um letreiro que diz Loja de Penhores Mason-Dixon.*

#### 60. INT. – LOJA DE PENHORES MASON-DIXON – DIA

*Maynard, um garoto com ar de caipira, está por trás do balcão de sua loja de penhores quando, de repente, o caos irrompe em sua vida encarnado em Butch.*

MAYNARD

– *Posso ajudá-lo em alguma coisa?*

BUTCH

– *Fecha o bico!*

*Butch rapidamente avalia a situação e fica parado próximo à porta.*

MAYNARD

– *Espere aí um minuto, seu merda...*

*Antes que Maynard possa concluir sua ameaça, é a vez de Marsellus entrar. Ele não consegue ultrapassar a soleira da porta porque Butch lhe enfia os punhos na cara.*

*Os pés do gângster falham e o grandalhão cai esparramado, de costas.*

*Do lado de fora, dois carros da polícia com as sirenes gritando histéricas passam a toda.*

*Butch precipita-se sobre o corpo caído, esbofeteando-o mais ainda no rosto.*

*Butch arranca a arma da mão de Marsellus e agarra seu dedo do meio.*

BUTCH

– *Então, você é chegado a caçar pessoas, hem?*

*Ele quebra o dedo. Marsellus deixa escapar um grito de dor. Butch então encosta o cano da 45 entre seus olhos, aciona o cão e coloca sua mão por trás da arma, para aparar o tranco.*

BUTCH

– *Agora adivinhe, grandalhão, você me pegou...*

MAYNARD (off)

– *...pare onde está, seu merda!*

*Butch e Marsellus olham para cima para Maynard, que está brandindo uma espingarda de pressão, cujo alvo são os dois homens.*

BUTCH

– *Escuta aí, moço, você não tem nada a ver com isso...*

MAYNARD

– *...agora tenho! Largue essa arma!*

*Butch obedece.*

MAYNARD

– *Agora você aí, o de cima, levanta e vem aqui no balcão. Butch levanta-se vagarosamente e vai até o balcão. Assim que ele encosta, Maynard ataca, batendo-lhe com força no rosto com a base da arma e o derrubando feio mesmo.*

*Depois que Butch cai, Maynard calmamente poussa sua espingarda no balcão e vai até o telefone.*

Marsellus Wallace, de sua posição no chão, grogueamente observa o dono da loja de penhores discar um número. Maynard espera na linha enquanto o telefone soa do outro lado. Alguém atende.

MAYNARD (ao telefone)  
- Zed? É Maynard. A aranha acaba de pegar algumas moscas.

Marsellus desmaia.  
Fade para black  
Fade up:

61. INT. - LOJA DE PENHORES, SALA DOS FUNDOS - DIA

Duas pessoas no quadro - Butch e Marsellus estão amarrados em duas cadeiras separadas. Em suas bocas estão duas mordidas feitas com bolas, ao estilo sado-masoquista (um cinto está atado a suas cabeças e a pequena bola vermelha enfiada em suas bocas). Os dois homens estão inconscientes. Maynard surge em cena com um extintor de incêndio que ele espirra nos dois caras até que eles estejam acordados e ensopados como lontras. Os dois prisioneiros erguem os olhos para seu capturador. Maynard está de pé em frente a eles, com o extintor de incêndio numa das mãos, a espingarda na outra, e o 45 de Marsellus pendurado em seu cinto.

MAYNARD  
- Ninguém mata ninguém nesse lugar além de mim e de Zed.

Uma campainha zumba.

MAYNARD  
- É o Zed.

Sem dizer mais nada, Maynard sobe as escadas que conduzem até cortinas vermelhas e as atravessa. Ouvimos, do outro lado das cortinas, Maynard conduzindo Zed através da loja.

Butch e Marsellus olham à volta do quarto. O porão da loja foi transformado numa prisão. Depois de fazerem suas avaliações, Butch e Marsellus olham um para o outro, todos os traços da anterior hostilidade extintos, substituídos pelo terror compartilhado ante o que esperar da situação em que se meteram. Maynard e Zed aparecem através das cortinas. Zed é uma versão mais intensa de Maynard, se é que isso é possível. Os dois caipiras são obviamente irmãos. Enquanto Maynard é um touro de arena viciado, Zed é uma naja mortal. Zed entra e pára em frente aos dois prisioneiros. Ele os inspeciona por um bom tempo, então comenta:

ZED (para Maynard)  
- Você disse que tinha esperado por mim?

MAYNARD  
- E esperei.

ZED  
- Então por que eles tão com cara de espancados?

MAYNARD  
- Eles fizeram isso um no outro. Tavam brigando quando entraram aqui. Esse aqui queria atirar naquele.

ZED (para Butch)  
- Cê ia matar ele?

Butch nada responde.

ZED  
- Ei, cê acha que a Grace vai ficar legal em frente desse lugar?

MAYNARD  
- Claro, não é terça-feira, é?

ZED  
- Não, hoje é quinta.

MAYNARD  
- Então não tem problema.

ZED

– Traga o Aberração.

MAYNARD

– Acho que o Aberração tá dormindo.

ZED

– Bem, então acho que cê vai ter que acordar ele, não é?

*Maynard abre um alçapão no chão.*

MAYNARD (gritando no buraco)

– Acorda!

*Maynard entra no buraco e sai puxando algo pela coleira. Ele dá um bruta safanão e do chão se ergue o Aberração.*

*O Aberração é um homem que eles mantêm vestido da cabeça aos pés de couro negro, arreios e grilhões. Ele tem fecho éclair, fivelas e tachas aqui e ali em seu corpo. Em sua cabeça há uma máscara também de couro negro, com dois buracos para os olhos e um fecho éclair (fechado) no lugar da boca. Eles o guardam num buraco no chão grande o suficiente para um cachorrão. Zed puxa uma cadeira, senta na frente dos prisioneiros, e se inclina até eles. Maynard passa a coleira do Aberração para Zed, e se afasta.*

ZED (para o Aberração)

– Sentado!

*O Aberração se ajoelha.*

*Maynard volta enquanto Zed avalia os dois homens.*

MAYNARD

– Quem vai ser o primeiro?

ZED

– Num tô muito certo ainda.

*Então, com seu dedo mindinho, Zed começa um silencioso "uni-du-ni-tê" com sua boca formando as palavras e seu dedo indo de um homem para o outro. Butch e Marsellus estão apavorados.*

*Maynard olha alternadamente para uma e outra vítima.*

*Os olhos do Aberração vão de um para outro, dentro da máscara.*

*Zed continua sua silenciosa cantilena com o dedo movendo-se para a esquerda e para a direita, até que ele pára.*

*Duas pessoas no quadro – Butch e Marsellus depois de um solavanco, a câmara se movimenta para a direita, concentrando-se em Marsellus.*

*Zed se levanta.*

ZED

– Vamos fazer aqui mesmo?

MAYNARD

– Nananã-naninha, arraste o grandalhão para o antigo quarto de Russell.

*Zed puxa a cadeira de Marsellus e o arrasta até o antigo quarto de Russell. Russell, não pode haver dúvidas, deve ter sido algum pobre-diabo que teve o infortúnio de tropeçar com a Loja de Penhores Mason-Dixon. O que quer que tenha acontecido com Russell é do conhecimento apenas de Maynard e Zed porque seu antigo quarto, um quarto dos fundos no fundo do quarto dos fundos, está agora vazio.*

*À medida que Marsellus vai sendo arrastado, ele mantém seus olhos como que presos aos de Butch, até desaparecer por trás da porta do antigo quarto de Russell.*

MAYNARD (para o Aberração)

– De pé!

*O Aberração fica de pé. Maynard prende a coleira dele num gancho no teto.*

MAYNARD

– Vigie bem esse aqui.

*O Aberração acena com a cabeça: "sim". Maynard desaparece no antigo quarto de Russell. Deve haver um som estéreo por lá*

porque, subitamente, *The Judds*, cantando harmonicamente, enche o ar.

*Butch olha para o Aberração. O Aberração emite risadinhas por debaixo de sua máscara como se estivesse assistindo a um dos momentos mais engraçados da história da comédia.*

*Por detrás da porta, ouve-se música country, vociferante, e:*

MAYNARD (off)

— Puxa, esse cara é brigão mesmo!

*Ouvimos Maynard e Zed batendo em Marsellus.*

ZED (off)

— Quer brigar? Quer brigar? Ótimo, adoro briga!

*Butch faz uma pausa, ouve as vozes. Então, em pânico, luta para se libertar.*

*O Aberração ri loucamente.*

*As cordas estão muito apertadas e Butch não consegue rompê-las.*

*O Aberração estapeia seus joelhos de tanto rir.*

*Do quarto dos fundos vem o som:*

MAYNARD (off)

— É isso aí... é isso aí, guri, agora você tá indo bem.

Ooooooh, assim... assim tá bom.

(gemendo mais sofregamente)

Fique quieto... fique quieto, porra!

Zed, seu merda, venha aqui e segure ele!

*Butch pára de lutar e levanta os braços. Assim, fácil, fácil, o espaldar da cadeira desliza para trás como se nunca tivesse sido conectado ao restante do móvel.*

*O Aberração vê isso acontecer e arregala os olhos.*

O ABERRAÇÃO

— Ahng?

*O Aberração se debate furiosamente, tentando libertar sua coleira do gancho. Ele tenta gritar, mas tudo o que consegue é soltar alguns sons excitados e grunhidos.*

*Butch já pulou fora da cadeira, e rapidamente desperdiça três socos de boxeador na cara do Aberração. Os socos tiram o Aberração de combate, fazendo com que tombe sobre seus joelhos e desta forma se pendure pelo pescoço e pela coleira ligada ao gancho.*

*Butch retira a bola da boca, e silenciosamente alcança as cortinas vermelhas.*

## 62. INT. — LOJA DE PENHORES — DIA.

*Butch se esgueira até a porta.*

*No balcão está o molho de chaves com um grande Z. Agarrando-as ele está prestes a sair quando escuta o que os psicopatas caipiras estão fazendo com Marsellus.*

*Butch decide que, por sua vida, não pode deixar ninguém numa situação como essa. Então começa a pesquisar a loja de penhores à procura de uma arma que decepe as cabeças dos caipiras.*

*Ele pega um grande e aparentemente destrutivo martelo, e logo o descarta: não é destrutivo o suficiente. Ele pega uma serra, reflete sobre ela uns segundos, e a coloca de volta. Em seguida, vê um bastão de beisebol, experimenta o tamanho. É quando ele vê o que estava procurando: uma espada de Samurai.*

*Está em seu estojo de madeira trabalhada pendurado em um prego na parede, junto a um letreiro com os dizeres "A boa e velha cerveja de Papai" em néon. Butch tira a espada da parede, liberta-a do estojo. É uma peça magnífica de aço que parece brilhar na luz de baixa voltagem da loja de penhores. Butch leva o polegar à lâmina para ver se a espada é de verdade, ou só aparência. Sem erro. É tão afiada quanto parece. Essa arma é feita sob medida para os irmãos Grimm lá embaixo. Segurando a espada apontada para baixo, no melhor estilo Takakura-Ken, ele desaparece através das cortinas vermelhas para levar sua missão a cabo.*

63. INT. – QUARTO DOS FUNDOS DA LOJA DE PE-  
NHORES – DIA

*Butch silenciosamente se esgueira escadas abaixo até a prisão. Sons de sodomia e dos Judds podem ser ouvidos projetando-se para fora da pesada porta fechada que conduz ao antigo quarto de Russell.*

64. INT. – ANTIGO QUARTO DE RUSSELL – DIA

*A mão de Butch surge no quadro, abrindo a porta. Ela abre rápida mas silenciosamente, revelando os estupradores, que agora trocaram de posição. Zed está inclinado sobre Marsellus, que está inclinado sobre um cavalo de pau. Maynard observa. Ambos estão de costas para Butch.*

*Maynard olha para a câmera, numa careta, enquanto Butch vem por trás dele com a espada.*

*Infeliz, violado, e com o aspecto de uma boneca de pano, Marsellus, com a mordaca ainda na boca, abre os olhos marejados para ver Butch surgindo por detrás de Maynard. Seus olhos se arregalam.*

BUTCH

– Ei, matuto.

*Maynard se vira e vê Butch segurando a espada.*

*Butch grita... enquanto, com um golpe, abre a frente de Maynard e passa por ele, olhos e espada concentrados agora em Zed. Maynard está parado, trêmulo, sua frente aberta, em estado de choque.*

*Butch, sem tirar os olhos um minuto de Zed, projeta a espada para trás, enfiando-a em Maynard, depois extraindo-a e apontando a lâmina para Zed. Maynard desmaia.*

*Zed desengata de Marsellus correndo e seus olhos vão da ponta da espada de Butch para a automática 45 de Marsellus que está a seu alcance.*

*Os olhos de Butch seguem a direção dos de Zed.*

BUTCH

– Você quer aquela arma, Zed? Pegue.

*A mão de Zed se arrasta até a arma.*

*Butch segura a espada com mais força.*

*Zed estuda Butch.*

*Butch olha duro para Zed.*

*Então uma voz diz:*

MARSELLUS (off)

– Vá para o lado, Butch.

*Butch se afasta, revelando Marsellus em pé atrás dele, segurando a espingarda de ar comprimido de Maynard.*

*Cabum!*

*Zed é atingido na virilha. Ele cai, gritando em agonia.*

*Marsellus, baixando os olhos para o estuprador gemebundo, ejeta a cápsula usada da espingarda.*

*Butch abaixa a espada e anda para trás. Nenhuma palavra até:*

BUTCH

– Você está bem?

MARSELLUS

– Nada, cara. Estou pra lá de bem.

*Pausa longa.*

BUTCH

– E agora?

MARSELLUS

– E agora? Deixa eu dizer o que vai acontecer agora. Vou chamar uns negões drogados, que vão trabalhar nesses caras aqui com alicates e maçarico.

*(para Zed)*

– Está me ouvindo, seu caipirinha? Eu não acabei com você merda nenhuma. Eu vou dar um tratamento medieval ao teu cu.

BUTCH

– Eu estou perguntando e agora, com relação a você e a mim?

MARSELLUS

– Ah, este e agora? Então deixa eu dizer e agora entre mim e você. Não tem eu e você. Acabou.

BUTCH

– Então estamos limpos.

MARSELLUS

– É isso aí, cara, estamos limpos. Eu tenho uma coisa a pedir – duas coisas: não conte nada a ninguém. Essa merda fica entre mim, você e este que-daqui-a-pouco-estará-vivendo-o-resto-da-sua-merda-de-vida-em-dores-horrorosas, o Sr. Estuprador, aqui. Não interessa a mais ninguém. Número dois: saia da cidade. Hoje à noite. Agora. E quando você for, fique por lá. Você perdeu seus privilégios de Los Angeles. Fechado?

BUTCH

– Fechado.

*Os dois homens se apertam as mãos e se abraçam.*

MARSELLUS

– Vá em frente, agora, caia fora.

*Butch atravessa as cortinas vermelhas e sai do antigo quarto de Russell. Marsellus vai até o telefone e discar um número.*

MARSELLUS (ao telefone)

– Alô, Sr. Wolf. Aqui é Marsellus. Tenho uma situação complicada pra você.

#### 65. EXT. – LOJA DE PENHORES MASON-DIXON – DIA

*Butch, ainda tremendo em suas botas, sai da loja de penhores. Ele olha para frente e vê estacionada em frente ao estabelecimento a motocicleta Chopper cromada de Zed com um pequeno tanque de gasolina com o nome Grace estampado em cima. Ele sobe nela, tira o molho de chaves com o Z e liga o motor. Este*

*grunhe para a vida, fazendo o som de um foguete partindo para órbita. Butch gira o acelerador e parte em velocidade. Corte de um para outro entre...*

#### 66. INT. – QUARTO DO HOTEL DE BUTCH E FABIAN – DIA

*Fabian está em frente ao espelho vestindo uma camiseta com os dizeres "Frankie aconselha, relaxe", cantando uma música que sai de um som portátil.*

#### 67. EXT. – RUA DA CIDADE – CHOPPER (EM MOVIMENTO) – DIA

*Butch dirige rua abaixo, cavalgando uma máquina envenenada chamada Grace. Ele verifica o relógio de seu pai. São 10:30. A música do quarto do motel é ouvida nesta cena.*

#### 68. EXT. – QUARTO DE MOTEL – DIA

*Butch continua montado em Grace. Ele pula fora dela e corre para dentro do quarto do motel, enquanto nós ficamos do lado de fora, com a motocicleta.*

FABIAN (off)

– Butch, eu estava tão preocupada!

BUTCH

– Querida, pegue seu rádio e sua bolsa e vamos!

FABIAN (off)

– E nossas malas?

BUTCH

– Que se fodam as malas. Nós vamos perder o trem se não corrermos agora.

FABIAN (off)

– Está tudo em ordem? Estamos correndo perigo?

BUTCH

– Estamos limpos. Na verdade, tamos limpérrimos. Mas temos que repar fora. Espero por você lá embaixo.

.....

*Butch corre para fora e pula na motocicleta. Fabian sai do quarto do motel com seu som e uma bolsona. Quando ela vê Butch na motocicleta quase desmaia.*

FABIAN

– Onde você arranjou esta motocicleta?

BUTCH (*dá a partida*)

– É uma Chopper, baby, suba.

*Fabian se aproxima lentamente daquele demônio de duas rodas.*

FABIAN

– O que aconteceu ao meu Honda?

BUTCH

– Desculpe, querida, eu espatifei seu Honda.

FABIAN

– Você se machucou?

BUTCH

– Talvez eu tenha quebrado o nariz, nadinha mais. Pula aí.

*Ela não se move.*

*Butch olha para ela.*

BUTCH

– Querida, nós temos que pôr o pé na estrada!

*Fabian começa a chorar.*

*Butch percebe que esta não é a maneira de convencê-la a subir na moto. Ele desliga a máquina e sai, pegando a mão dela.*

BUTCH

– Desculpe, benzinho.

FABIAN (*chorando*)

– Você ficou fora tanto tempo que comecei a pensar as piores coisas.

BUTCH

– Desculpe se eu te deixei preocupada, amor. Está tudo bem. E aí, como foi o café da manhã?

FABIAN (*fechando um pouco as comportas dos olhos*)

– Foi bom...

BUTCH

– ...Você comeu as panquecas de amoras?

FABIAN

– Não, eles não tinham panquecas de amoras, eu pedi leiteiro mesmo... você tem certeza que está bem?

BUTCH

– Benzinho, do momento que eu a deixei até agora eu certamente vivi o dia mais esquisito da minha vida inteira. Suba aí e eu vou te contar.

*Fabian sobe na moto. Butch liga o motor.*

FABIAN

– Butch, de quem é esta motocicleta?

BUTCH

– É uma Chopper.

FABIAN

– De quem é esta Chopper?

BUTCH

– Do Zed.

FABIAN

– Quem é Zed?

BUTCH

– Zed morreu, linda, Zed morreu.

*E assim, os dois pombinhos se mandam na garupa de Grace, enquanto a música flui do som portátil.*

*Fade para black*

*Cartão-título:*

*"Jules*

*Vincent*

*Jimmie*

*&*

*O Lobo"*

*Título desaparece.*

*Sobre o fundo negro, ouvimos, à distância, homens falando.*

JULES (off)

– Tu já leu a Bíblia, Brett?

BRETT (off)

– Já!

JULES

– Há uma passagem que eu decorei e que me parece apropriada para essa ocasião. Ezequiel, 25:17.

“O caminho do homem justo é cercado por todos os lados pela iniquidade dos egoístas e pela tirania dos homens maus...”

*Fade up:*

#### 69. INT. – BANHEIRO – DIA

*Estamos no banheiro do apartamento de Hollywood em que estávamos anteriormente. De fato, estamos exatamente na mesma hora, também. Só que desta vez estamos no banheiro com o Quarto Homem.*

*O Quarto Homem está andando para lá e para cá dentro do espaço apertado, ouvindo com atenção o que está sendo dito do outro lado da porta, apertando com força sua grande e prateada Magnum 357.*

JULES (off)

– “...Abençoado aquele que, em nome da caridade e da boa vontade, conduz os fracos através do vale das trevas. E eu atingirei com grande vingança e raiva enfurecida aqueles que tentarem envenenar e destruir seus irmãos. E vós sabereis que meu nome é Senhor quando minha vingança se abater sobre vós.”

*BANG! BANG! Bum! Pow! BAM BAM BAM BAM BAM!*

*O Quarto Homem se borra inteiro. Ele se atira contra a parede, a arma esticada à sua frente, olhar amarelecido de medo es-*

*tampado no rosto, pronto a explodir ao meio quem quer que seja tolo o suficiente para pôr a cara na porta. Ele fica ouvindo eles falarem.*

VINCENT (off)

– Amigo teu?

JULES (off)

– É, Marvin-Vincent-Vincent-Marvin.

*Esperar eles terminarem não parece ao Quarto Homem a coisa mais sensata a fazer. Irromper porta afora explodindo tudo pelo caminho enquanto eles estão por ali é que é a boa.*

#### 70. INT. – APARTAMENTO – DIA

*A porta do apartamento se abre violentamente e o Quarto Homem se projeta para fora, com a Magnum prateada levantada, mandando seis tiriricações de seu berro.*

QUARTO HOMEM

– Morra...morra...morra...morra!

*Dolly para o Quarto Homem, igual à anterior.*

*Ele grita até sua arma secar. Então, um olhar confuso surge em seu rosto.*

*Duas pessoas no quadro – Jules e Vincent.*

*Estão próximos um do outro, são e salvos. Espantoso quanto possa parecer, nenhum dos tiros do Quarto Homem atingiu alguém. Jules e Vincent trocam olhares que parecem perguntar “Fomos atingidos?”. Eles estão tão confusos quanto o atirador. Após trocarem esses olhares, eles se voltam para o Quarto Homem.*

QUARTO HOMEM

– Eu não entendo...

*O Quarto Homem é varrido do mapa pelas balas dos dois homens que, ao contrário das suas, acertam os alvos. Ele cai mortinho da silva.*



Os dois homens baixam suas armas. Jules, obviamente abalado, se senta na cadeira. Vincent, após um silêncio respeitoso, dá de ombros. Vai, então, até Marvin, no canto.

VINCENT

— Por que você não nos contou que havia um cara no banheiro, porra? Deu branco? Esqueceu que havia um merda de um berro?

JULES (para si mesmo)

— Podíamos estar mortos e fodidos agorinha.

(pausa)

— Você viu a arma que ele disparou? Era maior do que ele.

VINCENT

— .357.

JULES

— Podíamos ter nos fodido e morrido.

VINCENT

— É, tivemos muita sorte.

Jules se levanta, caminhando na direção de Vincent.

JULES

— Aquela porra não foi sorte. Aquela porra foi outra coisa bem diferente.

Vincent se prepara para sair.

VINCENT

— É, quem sabe?

JULES

— Aquilo foi... intervenção divina. Você sabe o que é intervenção divina?

VINCENT

— É, acho que sei. É quando Deus desce do Céu e pára as balas.

JULES

— É isso aí, cara, é isso o que quer dizer. Deus desceu do Céu e parou as balas.

VINCENT

— Acho que tá na hora da gente ir.

JULES

— Não faça isso! Não faça porra nenhuma! Não tente diminuir isso! O que aconteceu foi uma porra de um milagre.

VINCENT

— Pára com isso, Jules, essas merdas acontecem.

JULES

— Tu tá errado, essas merdas não acontecem.

VINCENT

— Tu vai continuar essa discussão teológica no carro, ou na cadeia, com os tiras?

JULES

— A gente podia estar morto agora, companheiro! A gente presenciou um milagre, e eu quero que tu entenda isso!

VINCENT

— Tá legal, cara, foi um milagre, vamos embora agora?

## 71. EXT. — PRÉDIO DE APARTAMENTOS EM HOLLYWOOD — MANHÃ

*O Chevy Nova se impulsiona através do trânsito.*

## 72. INT. — NOVA (EM MOVIMENTO) — MANHÃ

*Jules está ao volante, Vincent no carona e Marvin atrás.*

VINCENT

— ...tu já viu aquele programa, *Polícia*? Eu tava vendo uma vez e tinha um tira que tava falando de uma vez que ele teve uma troca de tiros com um cara num corredor. Ele descarregou tudo no cara e nada pegou. E eles estavam num corredor. É difícil, mas acontece.

JULES

— Se tu quer bancar o cego, então procure um cachorro pra te guiar. Eu tenho os olhos bem abertos.

VINCENT

– Que que tu quer dizer com isso?

JULES

– É uma mensagem pra mim. Daqui pra frente, pode me considerar na aposentadoria.

VINCENT

– Jesus Cristo!

JULES

– Não blasfeme!

VINCENT

– Que merda, Jules...

JULES

– ...Eu disse pra tu não fazes...

VINCENT

– ...Tu tá é tirando o teu fora da seringa!

JULES

– Eu vou falar pro Marsellus hoje mesmo que eu tô fora.

VINCENT

– Mas enquanto tu tá dentro, é melhor explicar direitinho por quê.

JULES

– Não se preocupe, eu explico.

VINCENT

– Aposto dez mil dólares como ele vai se rasgar de tanto rir.

JULES

– Não tô nem aí pra ele.

*Vincent se vira para o banco traseiro com sua 45 casualmente na mão.*

VINCENT

– Marvin, o que que tu pensa disso tudo?

MARVIN

– Não tenho uma opinião formada.

VINCENT

– Vamos, Marvin. Tu acredita que Deus desceu do Céu e parou as balas?

*A 45 de Vincent explode BANG!*

*Marvin é atingido na parte superior de seu corpo, abaixo da garganta. Ele regurgita sangue e treme.*

JULES

– Que porra tá acontecendo?

VINCENT

– Eu atingi acidentalmente o Marvin na garganta.

JULES

– Mas por que tu fez isso?

VINCENT

– Não foi de propósito. Tô dizendo que foi um acidente.

JULES

– Eu já vi muita porralouquice na minha vida...

VINCENT

– ...fica na tua, cara, foi um acidente, ok? Tu passou por um calombo e a arma disparou.

JULES

– Não passei por porra de calombo nenhum!

VINCENT

– Escuta! Eu não quis acertar o filho da mãe, a arma disparou, foi só, não me pergunte como! Agora acho que a coisa humana a fazer é acabar com o sofrimento do cara.

JULES (*mal acreditando*)

– Tu quer acertar ele de novo?

VINCENT

– Ele tá sofrendo. É a coisa certa a fazer.

*Marvin, embora esteja realmente sofrendo, está ouvindo o debate e mal pode acreditar em seus ouvidos.*

*Após uma pausa.*

JULES

– Isso não tá certo.

*Vincent se vira para o banco de trás e encosta o cano da 45 nas têmporas de Marvin. Os olhos de Marvin estão dilatados, do tamanho de um pires. Ele tenta dissuadir Vincent, mas quando ele abre a boca, só saem bolhas de sangue.*

JULES

– Marvin, eu gostaria de me desculpar. Eu não tenho nada a ver com essa porra toda. Eu quero que tu saiba que eu acho tudo isso uma merda.

VINCENT

– Ok, Pôncio Piloto, quando eu contar até três, tu pressiona a buzina. Um...dois...

*Close up no volante.*

VINCENT (off)

– ...três.

*Jules pressiona com força a buzina: FOM seguido de BANG! Quando cortamos de volta para os dois homens, o carro está completamente tingido de sangue. Há sangue por toda parte, inclusive em Jules e Vincent.*

JULES

– Jesus Cristo Salvador!

VINCENT (para si mesmo)

– Merda.

JULES

– Olha só que cagada! Estamos dirigindo pelas ruas da cidade em plena luz do dia...

VINCENT

– Já vi, já vi, eu não tinha pensado na espalhação.

JULES

– É bom que teja pensando nisso, agora, seu filho da puta! Vamos tirar esse carro da rua. Os tiras costumam reparar em coisas como alguém dirigindo carros nadando em sangue.

VINCENT

– Será que não podemos levar o carro pra algum lugar amigo?

JULES

– Isso aqui é o Valley, Vincent. Marsellus não tem lugares amigos no Valley.

VINCENT

– Bem, não olhe pra mim, esta é a tua cidade, Jules.

*Jules saca do celular e soca alguns dígitos.*

VINCENT

– Pra quem tu tá ligando?

JULES

– Prum camaradinha em Toluca Lake.

VINCENT

– Onde fica Toluca Lake?

JULES

– Do outro lado do morro, perto dos estúdios Burbank. Se o porra do Jimmie não tiver em casa, não sei que merda a gente vai fazer. Não conheço ninguém no 818.

*(ao telefone)*

– Jimmie! Como vão as coisas, cara, aqui é o Jules.

*(pausa)*

– Ouça, cara, eu e meu garoto aqui estamos numa merda federal. Estamos num carro que a gente tem que tirar da estrada, agora! Preciso de sua garagem por algumas horas.

*(pausa)*

– Jimmie, tu sabe que eu não posso entrar em detalhes dessa porra pela merda do celular. O que eu posso te dizer é que o meu cu está na reta e eu tô te pedindo um abrigo até o nosso pessoal entrar na jogada.

*(pausa)*

– A essa hora já estaremos fora.

*(pausa)*

— Jimmie, tô sacando teu problema. Não vou sujar as coisas pra você. Palavra, companheiro, ela nunca vai saber que a gente teve aí.

(pausa)

— Cinco minutos. Um pouco mais.

*Ele guarda o fone, vira-se para Vincent.*

JULES

— Tamos limpos. Mas a mulher dele chega do trabalho daqui a uma hora e meia e a gente tem que estar longe até lá.

### 73. EXT. — CASA DE JIMMIE — MANHÃ

*O Nova entra na garagem de uma casa suburbana de dois andares.*

### 74. INT. — BANHEIRO DE JIMMIE — DIA

*Jules está inclinado sobre a pia, lavando suas mãos ensanguentadas, enquanto Vincent está em pé atrás dele.*

JULES

— Temos que pisar em ovos com a porra do problema do Jimmie. Uma gracinha a mais e ele nos chuta porta a fora.

VINCENT

— E se ele nos chutar, que que a gente faz?

JULES

— Bom, não vamos sair sem fazer meia dúzia de telefonemas. Mas não quero chegar a esse ponto. O Jimmie é meu amigo e você não aparece na casa de um amigo e vai dizendo pra ele meia dúzia de verdades.

*Jules endireita o corpo e seca as mãos. É a vez de Vincent no lavatório.*

VINCENT

— Só diga a ele pra não exagerar. Ele quase teve um troço ainda agora quando viu Marvin.

JULES

— Ponha-se no lugar dele. São oito da manhã. Ele acabou de acordar, não está preparado pra enfrentar essa porra. Não esqueça de quem tá fazendo um favor a quem.

*Vincent termina de se lavar, seca suas mãos numa toalha branca.*

VINCENT

— Se o preço do favor é eu ter que agüentar todo o tipo de merda, ele pode enfiar o favor no cu.

*Quando Vincent termina de enxugar as mãos a toalha está toda manchada de sangue.*

JULES

— Que merda é essa que tu acaba de fazer com a toalha dele?

VINCENT

— Eu só tava enxugando as mãos.

JULES

— Supostamente tu devia lavar elas primeiro.

VINCENT

— Tu me viu lavar as mãos.

JULES

— Eu vi tu molhando elas.

VINCENT

— Eu lavei. Sangue é muito difícil de sair. Talvez se ele tivesse alguma esponja, eu conseguisse lavar melhor.

JULES

— Eu usei o mesmo sabonete que você e quando eu enxuguei minhas mãos a toalha não ficou parecendo um modess usado. Olha aqui, tu pode foder tudo, tá legal? Agora é esse tipo de merda que vai fazer a situação ferver. Se ele chegasse aqui e visse a toalha desse jeito... Tô te avisando, Vincent, é melhor manciar.

Porque se eu tiver que brigar com o Jimmie por tua causa... Olha, eu não tô te ameaçando, eu te respeito e tudo, mas não complique as coisas pra mim.

VINCENT

— Jules, quando você me pede com tanto jeitinho, não há problemas. Ele é teu amigo, tu cuida dele.

#### 75. INT. — COZINHA DE JIMMIE — MANHÃ

*Três homens estão em pé na cozinha de Jimmie, cada um com uma caneca de café na mão. Jules, Vincent e Jimmie Dimmick, um jovem com vinte e muitos anos, vestindo um roupão.*

JULES

— Puta que pariu, Jimmie, isso é coisa de gourmet. Eu e Vincent ficaríamos satisfeitos com qualquer droga congelada. Tu nos oferece essa merda deliciosa. Que sabor é?

JIMMIE

— Corta essa, Julie.

JULES

— O quê?

JIMMIE

— Não sou nenhuma espiga de milho, certo, de modo que pode parar de lambuzar manteiga em mim. Não preciso que você me diga como meu café é bom. Sou eu quem compra, eu sei que é bom. Quando Bonnie vai às compras ela compra merda. Eu compro os produtos caros de gourmet porque quando eu bebo, quero sentir esse sabor. Mas o que está na minha cabeça, no momento, não é o café da minha cozinha, mas o negão morto na minha garagem.

JULES

— Jimmie...

JIMMIE

— Sou eu quem tá falando. Deixa eu te fazer uma pergunta, Jules. Quando você chegou aqui você reparou num cartaz lá na frente escrito "Depósito de Negões Mortos"?

*Jules se prepara para dizer Jimmie quando...*

JIMMIE

— Responde a minha pergunta. Você viu o cartaz, na frente da minha casa, onde tava escrito "Depósito de Negões Mortos?"

JULES (*levando adiante*)

— Não, cara, não vi.

JIMMIE

— Você sabe por que você não viu o cartaz?

JULES

— Por quê?

JIMMIE

— Porque armazenar negões mortos não é o meu negócio!

*Jules se prepara novamente para dizer Jimmie.*

JIMMIE

— ...ainda não acabei! Será que você não entende que se a Bonnie chegar em casa e encontrar um morto, eu vou me divorciar? Não vai ter conselheiro matrimonial, separação provisória... divórcio, direto. E eu não quero a porra de um divórcio na minha vida. A última vez que Bonnie e eu falamos sobre uma merda dessas era pra ser a última vez que Bonnie e eu falamos de uma merda dessas. Eu realmente quero ajudar você, Julie, realmente. Mas não vou perder minha mulher por causa disso.

JULES

— Jimmie...

JIMMIE

— ...para de me chamar de Jimmie, cara, eu não gosto dessa intimidade. Não tem nada que você possa dizer que me faça esquecer que eu amo minha mulher. Ela está nesse momento trabalhando no plantão noturno do hospital. Ela vai chegar em casa em menos de uma hora e meia. Dê seus telefonemas, fale com teu pessoal, depois dê o fora da minha casa.

JULES

– É isso o que nós queremos. Não quero sujar as coisas pra você. Só preciso que o meu pessoal apareça por aqui pra ajudar.

JIMMIE

– Então eu sugiro que você comece logo. O telefone fica no meu quarto.

*Enquanto Jules atravessa a cozinha, saindo, ele grita, para trás:*

JULES

– Você é um amigão, Jimmie, um puta amigão!

JIMMIE *(para si mesmo)*

– É isso aí, é, é, é. Sou um amigo de verdade. Bom amigo, mau marido, prestes a ser um ex-marido.

*(olha para cima e vê Vincent)*

– E quem diabos é você?

VINCENT

– Eu sou Vincent. E, a propósito, Jimmie, obrigado.

*Os dois homens riem.*

JIMMIE

– Por nada.

#### 76. INT. – SALA DE JANTAR DE MARSELLUS WALLACE – MANHÃ

*Marsellus Wallace está sentado à sua mesa de jantar num robe bem confortável, comendo um lauto café da manhã, enquanto fala ao telefone.*

MARSELLUS

– ...bem, digamos que ela chegue em casa. O que você acha que ela vai fazer?

*(pausa)*

– É claro que ela vai melar tudo. Isso não é resposta. Você conhece ela, eu não. Vai ser muito ruim ou pouco ruim?

#### 77. INT. – QUARTO DE JIMMIE – MANHÃ

*Jules anda para lá e para cá ao telefone, no quarto de Jimmie.*

JULES

– Tu tem que apreciar o elemento explosivo que existe nessa situação Bonnie. Se ela chega em casa depois de um puta dia de trabalho e encontra um bando de gângsteres fazendo merda de gângster em sua cozinha, ninguém pode dizer o que ela pode fazer.

MARSELLUS

– Vamos falar do indizível.

JULES

– Possibilidade existe, mas improvável.

MARSELLUS

– Por que possível mas improvável?

JULES

– Porque se as coisas ficarem pretas, tu sabe que eu faço o serviço. Mas as coisas não vão ficar pretas. Porque tu vai resolver essa merda pra gente. Tu vai tirar nossos cus dessa reta e colocá-los de volta num lugar protegido. Porque se eu tiver que fazer o serviço com meu amigo por causa da mulher dele e do seu garoto Vincent, terei os piores instintos.

MARSELLUS

– Eu já saquei isso, Jules. Eu só tô pensando em todas as possibilidades.

JULES

– Não quero nem ouvir falar de nenhuma porra de possibilidade. O que eu quero ouvir é: “tu não vai ter problemas, Jules. Tô em cima do lance. Volte lá, agüenta firme e espere a cavalaria que estará chegando à qualquer momento.”

MARSELLUS

– Tu não vai ter problemas, Jules. Tô em cima do lance. Volte lá, agüenta firme e espere pelo Lobo, que estará chegando a qualquer momento.

JULES

– Tu tá mandando o Lobo?

MARSELLUS

– Faz você se sentir melhor?

JULES

– Porra, cara, é só o que tu precisa dizer.

#### 78. INT. – SUÍTE DE HOTEL – MANHÃ

A câmara olha através do pórtico de um dormitório de suíte de hotel, para a sala principal. Vemos uma partida de crapô sendo jogada numa mesa toda arrumada por jogadores de smoking e mulheres em roupas de noite arrumadíssimas. A câmara faz um movimento lateral revelando sentado numa cama, telefone na mão e costas voltadas para nós, todo enfatiotado em smoking, Winston Wolf, conhecido como "O Lobo".

Também reparamos que o Lobo tem na mão um pequeno bloco de anotações onde vai rabiscando detalhes.

O LOBO (ao telefone)

– Ela é do tipo histérico?

(pausa)

– Quando ela é esperada?

(rabiscando)

– Me dê novamente os nomes dos personagens principais.

(rabisca)

– Jules...

Nós vemos o caderninho. Na página está anotado o seguinte:

1265 Riverside Drive

Toluca Lake

um corpo (sem cabeça)

um carro ensanguentado devido a balas

Jules (negro)

O LOBO

– ...Vincent... Jimmie... Bonnie

Ele escreve:

Vincent (Dean Martin)

Jimmie (casa)

Bonnie (9:30)

O LOBO

– Aguarde minha ligação por volta das 10:30. É a uma meia hora daqui. Estarei lá em dez minutos.

Ele desliga. Não vemos o seu rosto.

Corta para:

Cartão sobre fundo negro:

"Nove minutos e trinta segundos mais tarde"

Corta para:

#### 79. EXT. – CASA DE JIMMIE – MANHÃ

Um Porsche prateado vira a esquina que vai dar na casa de Jimmie, em velocidade acelerada. Fazendo, por baixo, uns 135 km por hora, o Porsche pára num segundo diante da casa de Jimmie.

Um dedo cheio de anéis toca a campainha: DING DONG.

#### 80. INT. – CASA DE JIMMIE – MANHÃ

Jimmie abre a porta. Vemos, na soleira, o homem de smoking. Ele olha para seu bloco de anotações e sobe o olhar para Jimmie.

O LOBO

– Você é Jimmie, certo? Esta é sua casa?

JIMMIE

– É.

O LOBO (esticando a mão para cumprimentar)

– Eu sou Winston Wolf, eu resolvo problemas.

JIMMIE

– Que bom, porque eu tenho um.

O LOBO

– Assim ouvi dizer. Posso entrar?

JIMMIE

– Por favor.

*Os dois homens se encaminham para a sala de jantar.*

O LOBO

– Gostaria de registrar a gratidão do Sr. Wallace com relação à ajuda que você está dispensando a este caso. Deixe-me lhe assegurar, Jimmie, que a gratidão do Sr. Wallace é valiosa.

*Na sala de jantar, Jules e Vincent estão parados, em pé.*

O LOBO

– Você deve ser Jules, donde se conclui que você é Vincent. Vamos pôr tudo em pratos limpos, senhores. Se me informaram corretamente, estamos correndo contra o tempo, estou certo, Jimmie?

JIMMIE

– Cem por cento.

O LOBO

– Sua mulher, Bonnie...

*(consulta seu bloco)*

... chega em casa às 9:30 da manhã, estou certo?

JIMMIE

– A-hã.

O LOBO

– Fui induzido a acreditar que se ela chegasse em casa e nos descobrisse aqui, ela não apreciaria o fato um segundo sequer.

JIMMIE

– Lá isso ela não iria mesmo.

O LOBO

– Isso nos dá quarenta minutos para limpar a lambança no carro, o que, se vocês fizerem o que eu mandar, quando

eu mandar, é tempo de sobra. Bem, vocês têm um corpo, menos uma cabeça, na garagem. Me levem até ele.

**81. INT. – GARAGEM DE JIMMIE – MANHÃ**

*Os três homens ficam para trás enquanto o Lobo examina o carro. Ele estuda o carro em silêncio, abrindo a porta, olhando por dentro, rodeando ele.*

O LOBO

– Jimmie?

JIMMIE

– Sim.

O LOBO

– Será que pode me fazer um favor? Acho que senti o cheiro de um cafezinho lá dentro. Você me ofereceria uma xícara?

JIMMIE

– Claro, como é que você gosta?

O LOBO

– Muito creme, muito açúcar.

*Jimmie sai. O Lobo continua sua análise.*

O LOBO

– A respeito do carro, há algo que eu precise saber? Ele costuma engasgar, faz barulho, solta fumaça, está com um tanque cheio, qualquer coisa?

JULES

– Fora o jeito como está, o carro é legal.

O LOBO

– Certeza? Não me façam sair com ele para a estrada e descobrir que a luz do freio não funciona.

JULES

– Ouça aqui, cara, até onde sei, o filho da puta está nos trinquês.



O LOBO

— Que bom, então vamos voltar para a cozinha.

**82. INT. — COZINHA — MANHÃ**

*Jimmie estende a xícara de café para O Lobo.*

O LOBO

— Obrigado, Jimmie.

*Ele bebe um gole, então, andando para lá e para cá enquanto pensa, ele desenrola o plano de ação para os três homens.*

O LOBO

— Ok, o primeiro passo, vocês dois.

*(refere-se a Jules e Vincent)*

— Peguem o corpo, coloquem no porta-malas. Agora, Jimmie, essa parece ser uma casa bem organizada. Isto me faz pensar que na garagem ou sob a pia da cozinha você tem produtos e instrumentos de limpeza e merdas como esta, estou certo?

JIMMIE

— Está. Exatamente. Debaixo da pia.

O LOBO

— Bom. O que eu quero é que vocês dois peguem esses produtos de limpeza e limpem dentro do carro. E isso rápido, rápido, rápido. Vocês entrem no banco de trás, recolham todos os pedacinhos de cérebro e crânio. Tirem tudo. Depois limpem os estofados — com relação aos estofados vocês não têm que ser mais realistas do que o rei, não tem que ficar um brinco. Dêem uma boa guaribada. Vocês têm que se concentrar é nas partes piores. As poças de sangue que se formaram, por exemplo, vocês têm que enxugar. Já as janelas são outro papo. Vocês têm que limpá-las de verdade. Peguem o limpa-vidros e façam um trabalho decente. Jimmie, temos que fazer uma incursão em seu guarda-roupa. Preciso de cobertores, edredons e lençóis. Nada de roupa branca, não posso usá-la. Precisamos camuflar o inte-

rior do carro. Vamos forrar o banco da frente e o de trás e os tapetes do carro com cobertores e edredons. Se um tira nos parar e enfiar seu focinho pontudo no carro, o subterfúgio não vai adiantar. Mas numa olhadela rápida, o carro vai parecer normal. Jimmie — vão em frente, garotos —, vamos ao trabalho.

*O Lobo e Jimmie se voltam e caminham na direção do quarto de dormir, deixando Vincent e Jules em pé na cozinha.*

VINCENT *(falando nas costas do Lobo)*

— Por favor seria ótimo.

*O Lobo pára e se vira.*

O LOBO

— Repete.

VINCENT

— Eu disse que por favor seria ótimo.

*O Lobo anda na direção de Vincent.*

O LOBO

— Vê se entende uma coisa, panaca. Eu não estou aqui pra dizer por favor. Estou aqui para lhes dizer o que fazer. E se você tem um instinto chamado autopreservação, é melhor você fazer o que eu tô mandando e fazer rápido. Estou aqui para ajudar. Se minha ajuda não é apreciada, boa sorte, cavalheiros.

JULES

— Não é bem assim, Sr. Wolf. Sua ajuda é definitivamente apreciada.

VINCENT

— Eu não estou querendo desrespeitá-lo. Só não gosto de pessoas gritando ordens para mim.

O LOBO

— Se estou sendo curto e grosso com você, é porque o tempo é um fator importante. Eu penso rápido, falo rápido e preciso de caras que trabalhem rápido se é que vocês

querem sair dessa. Então por favor, gracinha, com açúcar por cima, limpe a porra do carro.

### 83. INT. – QUARTO DE JIMMIE – MANHÃ

*Jimmie está juntando toda sua roupa de cama, edredons e lençóis. O Lobo está ao telefone.*

O LOBO (ao telefone)  
– É um Chevy Nova 1974.

(pausa)  
– Branco.

(pausa)  
– Nada, exceto pela zona em seu interior.

(pausa)  
– Cerca de vinte minutos.

(pausa)  
– Ninguém que fará falta.

(pausa)  
– Você é um cara legal, Joe. Até daqui a pouco.

(ele olha para Jimmie)  
– Como estamos indo, Jimmie?

*Jimmie aparece com uma boa quantidade de roupa de cama.*

JIMMIE  
– Sr. Wolf, eu gostaria que entendesse uma coisa...

O LOBO  
– Winston, Jimmie... por favor, me chame de Winston.

JIMMIE  
– Você tem que entender uma coisa, Winston. Eu quero ajudar vocês e tudo, mas essa é minha melhor roupa de cama. Foi um presente de casamento de tio Conrad e tia Ginny, que nem estão mais entre nós...

O LOBO  
– Deixe eu lhe fazer uma pergunta, se você não se importa?

JIMMIE  
– Claro.

O LOBO  
– Seu tio Conrad e sua tia Ginny eram milionários?

JIMMIE  
– Não.

O LOBO  
– Bem, seu tio Marsellus é. E se eu estou pensando corretamente, mesmo que tio Conrad e tia Ginny fossem milionários, nem assim eles te dariam um jogo completo de roupa de cama, coisa que seu tio Marsellus ficará feliz em fazer.

(tira um caderninho de anotações)

– Eu gosto de estamperia de folhas de carvalho, e você Jimmie, gosta de carvalho?

JIMMIE  
– Carvalho é legal.

### 84. INT. – GARAGEM – MANHÃ

*Jules e Vincent estão dentro do carro limpando. Vincent está no banco da frente lavando as janelas, enquanto Jules está no banco de trás, catando pedacinhos de crânio e bolinhas de cérebro. Estão mais melados de sangue do que estavam anteriormente.*

JULES  
– Nunca vou te perdoar, seu arrombado, por ter feito essa merda. Isso é uma merda geral, nojenta e fodida!

VINCENT  
– Você nunca ouviu o ditado que diz que quando um homem admite um erro, ele é imediatamente perdoado por todos os seus erros?

JULES  
– Cara, sai fora com essa merda! O bundão que falou isso nunca teve que ficar catando a unha pedacinhos mínimos de cérebro por causa de um arrombado como você.

VINCENT

— Eu tenho um limite, Jules. Eu tenho limite para os desaforos que posso aturar. E você está ultrapassando este limite. Eu sou um carro de corrida e você me pegou no ponto máximo. Faixa vermelha 7.000, é onde você está. É perigoso paca dirigir um carro de corrida quando ele está no vermelho. Ele pode explodir.

JULES

— Tu tá pra explodir? Eu sou um cogumelo atômico seu filho da puta! Cada vez que meus dedos tocam em cérebro eu viro *Dinamite Superfly*, eu viro *Canhões de Navarone*. Eu sou o que Jimmie Walker gostava de falar a respeito. Pera aí, o que é que eu estou fazendo na porra do banco de trás? Tu, seu filho da puta, é que tinha que tá aqui com esses detalhes de cérebro. Vamos trocar. Eu lavo janelas e você vem aqui catar pedacinhos de crânio de negão.

#### 85. INT. — CHEVY NOVA — MANHÃ

*O interior do carro foi lavado e forrado com lençóis e edredons. Acredita se quiser, mas o que parecia antes um matadouro ambulante, agora passa fácil por um veículo não-definível. O Lobo rodeia o carro, examinando.*

*Jules e Vincent estão em pé, ao lado, roupas empastadas de sangue, mas com um certo sentimento de orgulho diante do bom trabalho que fizeram.*

O LOBO

— Bom trabalho, cavalheiros. Estamos prestes a sair desta.

JIMMIE

— Nem posso acreditar que é o mesmo carro.

O LOBO

— Bem, não se animem, ainda não é hora da chupada. A primeira fase está encerrada, limpeza do carro; isto nos leva à segunda fase, limpeza número dois.

150 .....

.....PULP FICTION

#### 86. EXT. — QUINTAL DE JIMMIE — MANHÃ

*Jules e Vincent estão lado a lado em seus ternos pretos, empastados de sangue, no quintal de Jimmie. Jimmie está segurando um saco de lixo de plástico, enquanto O Lobo segura uma mangueira de jardim com um desses cabos em forma de pistola na ponta.*

O LOBO

— Tirem a roupa.

VINCENT

— Toda?

O LOBO

— Até ficar de bunda de fora.

*Enquanto eles obedecem às instruções, O Lobo curte seu cigarro.*

O LOBO

— Rápido, cavalheiros, temos quinze minutos antes que a cara-metade de Jimmie surja na entrada da casa.

JULES

— Esse ar da manhã tá frio pra caralho.

VINCENT

— Tu acha absolutamente necessário?

O LOBO

— Vocês sabem o que estão parecendo?

VINCENT

— O quê?

O LOBO

— Dois caras que acabaram de explodir a cabeça de alguém. Sim, tirar esses trapos sangrentos é absolutamente necessário. Botem as roupas no saco de lixo de Jimmie.

JULES

— Agora, Jimmie, não faça nada tão estúpido quanto colocar isso do lado de fora da sua casa para que Elmo, o homem do lixo, recolha.

..... 151

O LOBO

– Não se preocupe, vamos levar isso conosco. Jim, o sabonete.

*Ele entrega o sabonete aos dois homens agora nus.*

O LOBO

– Ok, cavalheiros, vocês já tiveram no campo antes, tenho certeza. Lá vai.

*Ele aperta o gatilho, a água sai num jato, atingindo os dois homens.*

JULES

– Puta que pariu, essa água tá fria pra caralho!

O LOBO

– Melhor em vocês que em mim, cavalheiros.

*Os dois homens, tremendo, se esfregam.*

O LOBO

– Não tenham medo do sabão, podem espalhar.

*O Lobo pára a mangueira, jogando-a no chão.*

O LOBO

– Dê a toalha pra eles.

*Jimmie joga uma toalha para cada um, e eles as esfregam furiosamente em seus corpos.*

O LOBO

– Já estão enxutos o suficiente, dê as roupas para eles.

JIMMIE

– Ok, carinhas, na categoria tamanho único, temos calções de banho, um vermelho e outro branco. E duas camisetas tamanho GG. Uma da Universidade de Santa Cruz e outra com os dizeres “Estou com uma besta”.

JULES

– Quero ficar com “Estou com uma besta”.

*Fade up em:*

*Jules e Vincent em suas camisetas e calções. Parecem a milhas e milhas de distância dos malvadões de ternos pretos que conhecemos.*

152 .....

.....PULP FICTION

O LOBO

– Perfeito, perfeito. Não poderíamos ter planejado isso melhor. Vocês parecem... o que eles parecem, Jimmie?

JIMMIE

– Uns otários. Eles parecem uns otários.

*O Lobo e Jimmie riem.*

JULES

– Ha ha ha. São suas roupas, arrombado.

JIMMIE

– Mas acho que você sabe usá-las melhor.

JULES

– É, mas não somos tão especialistas em camisa de otário quanto você.

O LOBO

– Vamos, cavalheiros, estamos rindo e brincando com nossa prisão. Não me peçam para eu implorar.

*Eles atravessam a casa, em direção à garagem.*

JIMMIE

– Esperem um momento, antes de vocês caírem fora, deixa eu tirar uma foto disso.

JULES

– Jimmie, tu esqueceu que tua mulher tá chegando?

JIMMIE

– Não vai levar nem um segundo.

VINCENT

– Detesto este troço de fotografia.

JIMMIE

– Desculpe... minha casa, minhas regras.

**88. INT. – GARAGEM DE JIMMIE – MANHÃ**

*O saco de lixo é jogado na mala do carro em cima de Marvin. O Lobo bate a porta da mala para fechar.*

..... 153

O LOBO

— Cavalheiros, vamos acertar as regras da estrada. Vamos para um lugar chamado O ferro-velho de Monstro Joe. Monstro Joe e sua filha Raquel são simpáticos ao nosso dilema. O lugar fica em North Hollywood, o que quer dizer que depois de algumas curvas e voltas estaremos pegando a Hollywood Way. Eu dirijo o carro guaribado. Jules, você vem comigo. Vincent me segue no meu Porsche. Se encontrarmos no caminho algum tira metidinho, ninguém faz nada até minha ordem.

(para Jules)

— O que foi que eu disse?

JULES

— Não fazer merda nenhuma a menos que...

O LOBO

— A menos que o quê?

JULES

— A menos que você faça antes.

O LOBO

— Falou como um prodígio.

(para Vincent)

— E você, mauricinho? Consegue impedir seus dedos de se agitarem feito loucos?

VINCENT

— Estou calmo, Sr. Wolf. Minha arma disparou, não sei como.

O LOBO

— Acontece.

(ele joga as chaves do carro para Vincent)

— Eu dirijo rápido feito um raio, me siga. Se o meu carro estiver ligeiramente diferente do que eu estou te entregando, Monstro Joe vai ter que dar fim a dois corpos.

JULES

— Por que você dirige rápido?

O LOBO

— Porque é bom paca.

*Jules e Vincent riem.*

O LOBO

— Vamos.

*Jimmie sai porta afora, câmera na mão.*

JIMMIE

— Espere aí, eu vou tirar um retrato.

JULES

— Não há tempo, cara.

JIMMIE

— Temos tempo para uma foto. Você e Vincent juntos.

*Jules e Vincent ficam lado a lado.*

JIMMIE

— Ok, ponham os braços em torno um do outro.

*Os dois homens olham um para o outro e, após uma pausa, o sorriso aparece. Eles põem os braços em torno um do outro.*

JIMMIE

— Ok, Winston, você também.

O LOBO

— Não sou nenhum modelo.

JIMMIE

— Depois de ter sido o cara legal que eu fui, não posso acreditar que você vai fazer isso comigo. É a única coisa que eu estou pedindo.

JULES e VINCENT

— Vamos, Sr. Wolf...

*Dolly lenta para a câmera fotográfica.*

JIMMIE (off)

— Todo mundo dizendo Pepsi.

JULES (off)

— Não vou dizer porra de Pepsi nenhuma.

JIMMIE (off)

– Sorria, Winston.

O LOBO

– Nunca sorrio em fotos.

*A câmera desaparece, a tela aparece branca.*

*A foto aparece do branco:*

*Jules e Vincent, abraçados, perto de Jimmie, cujo braço envolve O Lobo. Todos estão sorrindo menos vocês-sabem-quem.*

**89. INT. – FERRO-VELHO DE MONSTRO JOE – MANHÃ**

*Winston está contando três mil dólares para entregar a um homem mais velho vestido com uma camiseta suja, Monstro Joe. Estamos no escritório de Joe, que parece com qualquer escritório de oficina desse planeta. Uma bagunça suja e sem critério.*

MONSTRO JOE

– Já disse uma vez, vou repetir, seus negócios são sempre bem-vindos.

WINSTON

– Eu diria que com esse eu já atingi uma milhagem de executivo.

MONSTRO JOE

– Vou te dizer uma coisa, se algum dia precisar, dou fim a uma parte de um corpo de graça pra você.

WINSTON

– Não, me passa para a primeira classe: um corpo inteiro pelo preço de uma parte.

*Os dois homens riem.*

MONSTRO JOE

– Vou ter que verificar isso com o meu contador.

WINSTON

– Onde está aquela degenerada da sua filha?

MONSTRO JOE

– Lá no quintal, fazendo alguma besteira.

**90. EXT. – FERRO-VELHO DE MONSTRO JOE – MANHÃ**

*Winston sai e encontra a filha de Monstro Joe, Raquel. Eles andam aceleradamente pelo quintal, abraçados.*

RAQUEL

– Alô, Namorado!

WINSTON

– Alô, Namorada. Te juro, coisa de louco, Joe deveria mudar o nome desse lugar para Ferro-Velho da Bela e da Fera.

RAQUEL

– Você é suspeito porque você me ama.

WINSTON

– Culpado.

RAQUEL

– Agora que os negócios acabaram, tempo para o prazer.

WINSTON

– Hora de ir para cama.

RAQUEL

– *Contre, señor Lobo.*

WINSTON

– Você tem uma idéia melhor?

RAQUEL

– Certamente.

WINSTON

– O que você sugere?

RAQUEL

– Acho que você vai me convidar para tomar café com você.

WINSTON

– Achou errado.

RAQUEL

– Isto não é justo! Eu nunca te vejo.

WINSTON

– Raquel, eu fiquei acordado a noite toda. Preciso dormir. Você entende o conceito de sono?

RAQUEL

– Claro, sono é o que você vai ter depois de me levar para tomar café. Tente aceitar isso, me aturar é o preço por fazer negócios no Ferro-Velho de Monstro Joe.

WINSTON

– Raquel...

RAQUEL

– Eu não te vejo há muito tempo. Sinto tua falta e você vai tomar café comigo. Assim está escrito e assim vai ser.

*Eles saem do pátio do ferro-velho. Jules e Vincent estão esperando ao lado do Porsche de Winston.*

JULES

– Estamos limpos?

WINSTON

– Como se não tivesse acontecido nada.

*Jules e Vincent batem os punhos, comemorando.*

JULES

– Peço desculpas por ter enchido teu saco.

VINCENT

– Você tinha todo o direito, eu fodí tudo.

RAQUEL (para Winston)

– Eles estão tendo um momento íntimo?

WINSTON

– Rapazes, esta é Raquel. Algum dia tudo isto será dela.

RAQUEL (para os rapazes)

– Oi. Se eles fizerem a versão para cinema de *Olho vivo* com vocês, eu vou ser a primeira a ver. Ache o que combina com essas roupas. Vocês estão indo para algum jogo de vôlei?

*Winston ri, os rapazes grunhem.*

WINSTON

– Vou levar minha patroa aqui para tomar café da manhã. Talvez eu possa deixar vocês no caminho. Onde é que vocês moram?

VINCENT

– Redondo Beach.

JULES

– Inglewood.

*Winston pega o pulso de Jules e faz uma pantomima como se estivesse saindo direto de um transe do filme A hora da zona morta.*

WINSTON (com dificuldade)

– Posso ver em seu futuro... uma corrida de táxi.

(saindo do personagem)

– Desculpe, amigos, mas vocês vão ter que se virar.

(para Raquel)

– Diga adeus, Raquel.

RAQUEL

– Adeus, Raquel.

WINSTON

– Vejo vocês por aí, e cuidado para não se meterem em encrenca, seus malucões.

*Winston se volta para partir.*

JULES

– Sr. Wolf.

*Ele se vira.*

JULES

– Foi um prazer vê-lo trabalhar.

*O Lobo sorri.*

WINSTON

– Pode me chamar de Winston.

*Ele se volta e mexe com Raquel a caminho do Porsche.*

WINSTON

– Você ouviu isso, mocinha? Respeito. Você devia aprender com esses dois belos espécimes. Respeito pelos mais velhos é sinal de personalidade.

RAQUEL

– Eu tenho personalidade.

WINSTON

– Não é porque você é uma personalidade que você tem personalidade.

RAQUEL

– Você é tão engraçadinho, tão engraçadinho.

*O Porsche voa estrada afora.*

*Os dois homens ficam sozinhos olhando um para o outro.*

JULES

– Vamos rachar um táxi?

VINCENT

– Acho que eu gostaria de um café. Quer tomar café comigo?

JULES

– Claro.

#### 91. INT. – CAFETERIA – MANHÃ

*Jules e Vincent estão sentados num reservado. Em frente a Vincent há uma expressiva quantidade de panquecas e salsichas que ele come com visível prazer. Jules, por sua vez, pediu apenas uma xícara de café e um bolinho. Ele parece distante, perdido em pensamentos. A garçonete enche as xícaras dos dois homens.*

VINCENT

– Brigadão.

*(para Jules que está encarregado do café)*

– Quer uma salsicha?

160 .....

.....PULP FICTION

JULES

– Não, eu não como porco.

VINCENT

– Tu é judeu?

JULES

– Não sou judeu, cara, mas não curto carne suína.

VINCENT

– Por que não?

JULES

– Eles são animais nojentos. Eu não gosto de animais nojentos.

VINCENT

– Salsichas são gostosas. Costeletas são gostosas.

JULES

– Uma ratazana de esgoto pode ter gosto de torta de abóbora. Eu nunca vou saber porque, mesmo que tenha, eu nunca vou comer a nojenta filha da puta. Porcos vivem e dormem na merda. São animais nojentos. Não quero comer algo que não tem o bom senso de desprezar suas próprias fezes.

VINCENT

– E o que tu diz dos cachorros? Cachorros comem suas próprias fezes.

JULES

– Eu também não como cachorros.

VINCENT

– Certo, mas tu considera o cachorro um animal nojento?

JULES

– Eu não iria tão longe a ponto de chamar um cachorro de nojento, mas eles são definitivamente sujos. Um cachorro, no entanto, tem personalidade. Personalidade já é alguma coisa.

..... 161



VINCENT

– Quer dizer que seguindo esta linha de raciocínio, se um porco tivesse mais personalidade, ele deixaria de ser um animal nojento?

JULES

– Nós tínhamos que estar falando de um porco com um puta charme. O Cary Grant dos porcos.

*Os dois homens riem.*

VINCENT

– Que bom. Relaxou um pouco. Tu tá sentado aí calado há um tempão.

JULES

– Tô aqui sentado, pensando.

VINCENT (*com a boca cheia de comida*)

– Sobre o quê?

JULES

– O milagre que nós presenciamos.

VINCENT

– O milagre que você presenciou. Eu vi uma experiência fracassada.

JULES

– Tu sabe o que é um milagre?

VINCENT

– Um ato de Deus.

JULES

– E o que é um ato de Deus?

VINCENT

– Creio que é quando Deus torna o impossível possível. E me desculpe, Jules, não acredito que o que aconteceu essa manhã possa ser chamado assim.

JULES

– Será que tu não vê, Vince, essa merda não tem importância. Tu tá avaliando as coisas errado. Não é o que

é. Deus poderia ter parado as balas, transformado Coca em Pepsi, encontrado a porra das chaves do meu carro. Não dá pra avaliar essas merdas baseando-se no mérito delas. Não tem importância se o que a gente viveu foi um milagre como tem que ser. O que importa é que senti o toque de Deus. Deus estava envolvido naquilo.

VINCENT

– Mas como?

JULES

– Esse é que é o meu problema! Não sei como. Mas não consigo deixar de pensar.

VINCENT

– Então é sério, tu vai sair fora?

JULES

– Largar essa vida, certamente.

*Vincent põe um pouco de comida na boca. Jules toma um pouco de café. Vemos no fundo um freguês chamando a garçonete.*

FREGUÊS

– Garçom! Café!

*Reconhecemos no freguês Xuxu, da primeira cena, protagonizada por Xuxu e Fofinha.*

VINCENT

– Se tu tá largando essa vida, então o que que tu vai fazer?

JULES

– É o que tô aqui pensando. Primeiro, vou entregar essa maleta pro Marsellus. Depois, basicamente, vou andar por aí.

VINCENT

– O que que tu quer dizer com andar por aí?

JULES

– Assim como Caine em *Kung Fu*. Andar de cidade em cidade, encontrar pessoas, aventuras.

VINCENT

– Por quanto tempo tu pretende andar por aí?

JULES

– Até que Deus me ponha onde acha que eu deva estar.

VINCENT

– E se ele não achar?

JULES

– Se levar a vida inteira, esperarei a vida inteira.

VINCENT

– Então tu decidiu que vai ser um mendigo?

JULES

– Serei apenas Jules, Vincent – nem mais, nem menos.

VINCENT

– Não, Jules, tu vai ser como esses montes de merda que ficam pedindo trocado por aí. Eles andam como um bando de zumbis filhos da puta, dormem nos latões de lixo, comem o que as pessoas jogam fora e os cachorros mijam neles. Há uma palavra que os define, mendigos. E sem trabalho, casa, ou laço legal, é o que tu vai ser – um mendigo filho da puta!

JULES

– Escute, meu amigo, é nesse ponto que somos diferentes...

VINCENT

– ... o que aconteceu foi peculiar... não há dúvida... mas não transformou água em vinho.

JULES

– As coisas acontecem de todas as formas e maneiras, Vince.

VINCENT

– Pára de falar essa merda!

JULES

– Se tu acha minhas respostas assustadoras, Vincent, tem que parar de fazer perguntas que o assustam.

VINCENT

– Quando tu tomou essa decisão... enquanto tava aí sentado comendo seu bolinho?

JULES

– Isso. Eu tava aqui sentado tomando meu café, comendo meu bolinho, repassando o incidente em minha cabeça, quando tive o que os alcoólatras chamam de um momento de iluminação.

VINCENT

– Tenho que jogar um barro. Pra continuar a ouvir.

*Vincent sai na direção do banheiro.*

*Jules, sozinho, enche a boca de bolinho, quando... Xuxu e Fofinha se levantam com as armas acima da cabeça.*

XUXU

– Pessoal, vamos ficar frios que isso é um assalto!

FOFINHA

– Se um de vocês, bundões, se mexer, eu apago todos vocês, seus filhos da puta! Entenderam?

*Jules olha para cima, sem acreditar no que está vendo. Por debaixo da mesa, a mão de Jules encontra sua 45 automática. Ele a pega, engatilhando-a.*

XUXU

– Fregueses ficam nas mesas, garçonetes no chão.

FOFINHA

– Agora quer dizer agora! Obedeçam ou morrem, obedecem ou vão morrer, seus filhos da puta!

*Como um raio Xuxu se movimenta na direção da cozinha. Enquanto isso Fofinha grita ameaças para os fregueses, mantendo-os aterrorizados.*

XUXU

– Vocês mexicanos aí na cozinha, venham pra cá! Asta luego!

*Três cozinheiros e dois ajudantes saem da cozinha.*

XUXU

– No chão ou cozinho teu rabo, *compreende?*

*Eles compreendem. É a vez do educado gerente falar.*

GERENTE

– Eu sou o gerente, não há problema, não há nenhum problema...

*Xuxu vai até ele.*

XUXU

– Você vai me criar algum problema?

*Xuxu chega até o gerente e enfia o cano da arma com brusquidão no pescoço dele.*

XUXU

– Então, você disse que ia me criar algum problema?

GERENTE

– Não, eu não. Eu não vou criar nenhum problema!

XUXU

– Eu não sei, Fofinha. Esse aqui tá me parecendo o tipo do herói!

FOFINHA

– Então, não corra nenhum risco. Elimina ele!

*Os fregueses gritam. Jules observa tudo em silêncio, sua mão segurando firme a 45 automática por debaixo da mesa.*

GERENTE

– Por favor, não! Eu não sou um herói. Sou apenas o gerente de uma cafeteria. Leve o que você quiser.

XUXU

– Diga a todo mundo pra colaborar e acabamos logo.

GERENTE

– Todo mundo se acalme e colabore que tudo termina logo!

XUXU

– Muito bem, agora para o chão.

**92. INT. – BANHEIRO DA CAFETERIA – MANHÃ**

*Vincent, no vaso, alheio ao pandemônio do lado de fora, lê o seu livrinho de Modesty Blaise.*

**93. INT. – CAFETERIA – MANHÃ**

*A gaveta do caixa abre. Xuxu estufa o dinheiro todo em seu bolso. Em seguida caminha até atrás do balcão com um saco de lixo na mão.*

XUXU

– Ok, pessoal, vou indo de mesa em mesa recolhendo suas carteiras. Não falem, apenas joguem elas na sacola. Tá claro?

*Xuxu vai recolhendo as carteiras. Jules continua sentado com sua 45 pronta para berrar debaixo da mesa.*

*Xuxu vê Jules sentado em seu reservado, segurando a carteira, a maleta perto dele. Xuxu vai até ele, tom mais respeitoso, modos mais defensivos.*

XUXU

– Na sacola.

*Jules joga sua carteira na sacola. Xuxu aponta a maleta com a arma.*

XUXU

– O que tem aí?

JULES

– A roupa suja do meu patrão.

XUXU

– Seu patrão te manda lavar a roupa suja dele?

JULES

– Quando ele quer ver limpa.

XUXU

– Parece um trabalho de merda.

JULES

– Engraçado, eu venho pensando a mesma coisa.

XUXU

— Abra.

*A mão livre de Jules espalma a maleta.*

JULES

— Infelizmente não posso fazer isso.

*Xuxu fica definitivamente surpreso com essa resposta. Ele mira a arma bem no meio do rosto de Jules e engatilha.*

XUXU

— Acho que ouvi mal.

JULES

— Não, tu ouviu bem.

*Essa troca de informações foi tranqüila, nem todo o mundo a ouviu, mas Fofinha percebe que algo está correndo errado.*

FOFINHA

— O que que tá rolando?

XUXU

— Parece que temos um patrulha rodoviário no meio do pessoal.

FOFINHA

— Atira na cara dele!

JULES

— Eu não gostaria de atingir teu ego, mas essa não é a primeira vez que alguém aponta uma arma pra mim.

XUXU

— Se você não abrir a maleta, será a última.

GERENTE (no chão)

— Pare de causar problemas, você vai nos matar! Dê a eles o que querem para eles se mandarem.

JULES

— Bico calado, gordão, isso não é da porra da tua conta!

XUXU

— Vou contar até três, e se sua mão não sair de cima da maleta, eu vou descarregar na merda da tua cara. Está claro? Um...

*Jules fecha os olhos.*

XUXU

—...dois

*Jules atinge Xuxu duas vezes, por baixo da mesa, atirando-o no chão. Embora permaneça no reservado, ele gira na direção de Fofinha, que mirou em Jules, mas baixou a arma quando viu que Xuxu foi atingido. Ele atira mais três vezes.*

*Fofinha recebe as três balas no peito. Enquanto ela cai, gritando, ela atira a esmo, atingindo um freguês surfista.*

SURFISTA

— Ela atirou em mim! Estou morrendo! Sally! Sally!

*Jules baixa a arma na direção do rosto de Xuxu. Xuxu está caído aos pés de Jules. Xuxu olha para cima para a arma.*

JULES

— Cara errado, Ringo.

*Jules atira na direção da câmera, cegando-nos com o clarão.*

*Os olhos de Jules, ainda fechados, se abrem.*

*Xuxu ainda está de pé, apontando a arma para ele.*

XUXU

—... três.

JULES

— Você venceu.

*Jules tira a mão de cima da maleta.*

JULES

— É toda tua, Ringo.

XUXU

— Abra.

*Jules dá um peteleco no fecho e a maleta revela o seu interior para Xuxu, mas não para nós. A mesma luz emana da maleta. A expressão de Xuxu é de puro assombro. Fofinha, do outro lado da sala, não vê merda nenhuma.*

FOFINHA

— O que é, o que é?

XUXU (*suavemente*)

– É o que eu estou pensando?

*Jules faz com a cabeça que sim.*

XUXU

– É lindo.

*Jules faz com a cabeça que sim.*

*Jules fecha a maleta num repelão, se encosta no assento e oferece a maleta para Xuxu. Xuxu, todo sorrisos, se inclina para pegar a maleta.*

*Como uma cascavel, a mão livre de Jules segura o pulso da mão de Xuxu que empunha a arma, batendo com ela na mesa. Sua outra mão sai de debaixo da mesa e estica o cano da 45 bem debaixo do queixo de Xuxu.*

*Fofinha tem um ataque, sacudindo a arma na direção de Jules.*

FOFINHA

– Deixa ele, deixa ele! Vou explodir tua cabeça! Vou matar você! Vou matar você! Você vai morrer, vai morrer bravo!

JULES (*para Xuxu*)

– Manda aquela puta ficar quieta! Diga, puta, quieta! Puta, quieta!

XUXU

– Sossega, Fofinha!

FOFINHA

– Larga ele!

JULES (*suavemente*)

– Diga a ela que tudo vai correr bem.

XUXU

– Tá tudo bem.

JULES

– Prometa a ela.

XUXU

– Eu prometo.

JULES

– Diga a ela pra ficar fria.

XUXU

– Fica fria.

JULES

– Como é o nome dela?

XUXU

– Yolanda.

*Toda a vez que Jules fala com Yolanda, ele não olha para ela, mas para Xuxu.*

JULES (*para Yolanda*)

– Então, estamos calminhos. Yolanda? Não vamos fazer nada estúpido, vamos?

YOLANDA (*chorando*)

– Não machuque ele.

JULES

– Ninguém vai machucar ninguém. Vamos ser três Fonzie. E como é o Fonzie?

*Sem resposta.*

JULES

– Vamos, Yolanda, como é o Fonzie?

YOLANDA (*em lágrimas, insegura*)

– Tranquilo?

JULES

– Absolutamente certo! E é isso o que vamos ser, vamos ser tranquilos.

*(para Xuxu)*

– Agora, Ringo, vou contar até três e quero que tu largue tua arma e ponha tuas mãos chapadas sobre a mesa. Mas quando fizer isso, faça calmamente. Pronto?

*Xuxu olha para ele.*

JULES

– Um... dois...três.

*Xuxu larga a arma e põe as mãos sobre a mesa. Yolanda não consegue agüentar mais.*

YOLANDA

– Agora, deixa ele ir em paz!

JULES

– Yolanda, eu pensei que tu fosse ficar tranqüilinha. Quando tu grita comigo, eu fico nervoso. Quando eu fico nervoso, eu me assusto. E quando filhos da puta ficam assustados, outros filhos da puta saem acidentalmente baleados.

YOLANDA (*em tom de conversa*)

– Então tá: se você machucar ele, eu mato você.

JULES

– Essa parece ser a situação. Agora, eu não quero isso, tu não quer isso e o Ringo aqui não quer isso. Então vamos ver o que a gente pode fazer.

(*para Ringo*)

– A situação é a seguinte. O normal seria que vocês, bundões, estivessem fritos. Mas vocês resolveram fazer essa merda me pegando num período de transição. Eu não quero matar vocês, eu quero ajudar vocês. Infelizmente eu não posso te dar a maleta. Não me pertence. Além disso, eu passei por um bocado de merda essa manhã, por causa da maleta, pra ir entregando ela assim pra vocês.

VINCENT (*off*)

– Que merda tá acontecendo por aqui?

*Yolanda vira a arma na direção do estranho.*

*Vincent, perto do banheiro, tira sua arma e a aponta mortalmente para Yolanda.*

JULES

– Tá limpo, Vincent! Tá limpo. Não faça porra nenhuma.

Yolanda, fique calma, não mudou nada. Estamos apenas conversando.

(*para Xuxu*)

– Diga a ela pra ficar tranqüila.

XUXU

– Tá limpo, Fofinha, tá tudo certo.

VINCENT (*com a arma levantada*)

– Que porra tá rolando aqui, Jules?

JULES

– Nada que eu não possa dar conta sozinho. Quero tu fora disso e não faça merda nenhuma a menos que seja absolutamente necessário.

VINCENT

– Positivo.

JULES

– Yolanda, como estamos indo, baby?

YOLANDA

– Tenho que fazer pipi! Quero ir pra casa.

JULES

– Segura a onda, baby, tu tá ótima. Ringo está orgulhoso e eu também. Estamos quase acabando.

(*para Xuxu*)

– Agora eu quero que tu pegue aquele saco e ache minha carteira.

XUXU

– Qual é?

JULES

– É a que está escrita “um bom filho da puta”.

*Xuxu olha na sacola e – claro – encontra uma carteira com as palavras “um bom filho da puta” bordadas.*

JULES

– Aí está minha boa filha da puta. Agora abra e tire o dinheiro. Quanto tem aí?

XUXU

– Uns mil e quinhentos dólares.

JULES

– Ponha isso no seu bolso, é teu. Junto com o resto das carteiras e o caixa, é um bom ganho.

VINCENT

– Jules, se tu der a esse pivete mil e quinhentos paus, eu vou matar ele, por uma questão de princípios.

JULES

– Tu não vai fazer porra nenhuma, fica na tua e fecha o bico. Além disso, eu não tô dando nada a ele. Tô comprando algo com meu dinheiro. Quer saber o que eu tô comprando, Ringo?

XUXU

– O quê?

JULES

– Tua vida. Eu estou te dando esse dinheiro pra que eu não tenha que te matar, bundão. Tu já leu a Bíblia?

XUXU

– Não com frequência.

JULES

– Há uma passagem que eu decorei. Ezequiel 25:17: "O caminho do homem justo é cercado por todos os lados pela iniquidade dos egoístas e pela tirania dos homens maus. Abençoado aquele que, em nome da caridade e da boa vontade, conduz os fracos através do vale das trevas, pois ele será verdadeiramente guardião de seu irmão e aquele que encontra ovelhas desgarradas. E eu atingirei com grande vingança e raiva enfurecida aqueles que tentarem envenenar e destruir seus irmãos. E vós sabereis que meu nome é Senhor quando minha vingança se abater sobre vós."

Se tu ouviu isso alguma vez, sabe que ele tá falando do teu rabo. Eu nunca questioneei o significado. Sempre achei apenas que era uma coisa fria pra se dizer prum filho da puta

antes de lhe enfiar uma bala no cu. Mas essa manhã eu vi uma coisa que me fez pensar duas vezes. Agora acho que pode querer dizer que tu é o homem mau. É essa Sra. 45 aqui é o pastor que protege o meu rabo no vale das trevas. Mas também pode ser que tu seja o homem justo e eu o pastor e esse mundo é que é mau e egoísta. Eu adoraria se fosse isso. Mas não é verdade. A verdade é que tu é o fraco. E eu sou a tirania do homem mau. Mas eu estou tentando. Tentando de verdade ser o pastor.

*Jules baixa sua arma e a deposita sobre a mesa.*

*Xuxu olha para ele, para o dinheiro em sua mão, para Yolanda.*

*Ela devolve o olhar.*

*Segurando a sacola cheia de carteiras, os dois saem correndo porta a fora.*

*Jules, que não levantou um minuto sequer da cadeira durante todo esse tempo, bebe um gole de café.*

JULES (*para si mesmo*)

– Tá frio.

*Ele empurra a xícara.*

*Vincent surge ao lado de Jules.*

VINCENT

– Acho que tá na hora da gente dar o fora.

JULES

– Me parece uma boa idéia.

*Vincent atira alguns trocados sobre a mesa e Jules segura a maleta.*

*Então, para surpresa dos fregueses, das garçonetes, dos cozinheiros, dos ajudantes e do gerente, esses dois caras – dois bundões bem panacas – vestindo uma camiseta da Universidade de Santa Cruz e outra escrito "Estou com uma besta", calções de banho, chinelos e duas 45 automáticas – caminham para fora da cafeteria juntos, sem dizer uma só palavra.*

FIM

**ELENCO:**

<i>John Travolta</i>	Vincent Vega
<i>Samuel L. Jackson</i>	Jules
<i>Uma Thurman</i>	Mia
<i>Harvey Keitel</i>	O Lobo
<i>Tim Roth</i>	Xuxu
<i>Amanda Plummer</i>	Fofinha
<i>Maria de Medeiros</i>	Fabian
<i>Ving Rhames</i>	Marsellus Wallace
<i>Eric Stoltz</i>	Lance
<i>Rosanna Arquette</i>	Jody
<i>Christopher Walken</i>	Koons
<i>Bruce Willis</i>	Butch

**EQUIPE TÉCNICA:**

<i>Roteirista/Diretor</i>	Quentin Tarantino
<i>Produtor</i>	Lawrence Bender
<i>Argumento de</i>	Quentin Tarantino/Roger Avary
<i>Produtor executivo</i>	Danny DeVito
<i>Produtor executivo</i>	Michael Shamberg
<i>Produtor executivo</i>	Stacey Sher
<i>Co-produtor executivo</i>	Bob Weinstein
<i>Co-produtor executivo</i>	Harvey Weinstein
<i>Co-produtor executivo</i>	Richard N. Gladstein
<i>Diretor de fotografia</i>	Andrzej Sekula
<i>Editor</i>	Sally Menke
<i>Produção de figurino</i>	David Wasco
<i>Figurino</i>	Betsy Heimann
<i>Supervisão musical</i>	Karyn Rachtman
<i>Elenco</i>	Ronnie Yeskel, C.S.A. e Gary M. Zuckerbrod, C.S.A.